

Reminiscência Artística

-Um estudo exploratório em contexto de marginalização e
exclusão

Relatório de Projeto

Idália Cristina Lopes Bento

Trabalho realizado sob orientação de

Professora Doutora Jenny Gil Sousa [Orientadora]

Professor Doutor Cristóvão Margarido [Coorientador]

[Leiria, setembro, 2018]

[. Mestrado em Intervenção e Animação Artísticas]

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA

“A Arte deve ser o belo criando o bom. O trabalho artístico que trai a natureza nega a si próprio. A Arte enobrecida estende o poder do amor.”

André Luiz

AGRADECIMENTOS

Porque as mais bonitas histórias de amor, encontram-se plasmadas nas profundezas da verdadeira essência, que é a própria alma.

Porque a vida me ensinou, que o belo está por trás daquilo que os nossos olhos jamais conseguem alcançar e contemplar.

Poucas serão as minhas palavras de gratidão para com todos aqueles que acreditaram em mim de verdade. Por todos aqueles que me incentivaram e persistiram para que fosse mais além.

A vós querida família, vos agradeço por todo o apoio incondicional e amor profundo.

A ti amado filho Bruninho, a vós queridos sobrinhos: Rita, Filipe, Matilde, Yann e Emily e irmãos: Marília, Verónica, Aurélio e Inês, não esquecendo aqueles que são os bens preciosos e que me deram o dom da vida, papá Manuel e mamã Adília, todos sempre tão presentes quando eu estive mais ausente.

A vós queridos orientadores, professora doutora Jenny Sousa e professor doutor Cristóvão Margarido, eu agradeço. Agradeço, pelos brilhantes ensinamentos, porque com eles aprendi o que é ser uma investigadora de verdade. Vos agradeço, pela vossa inteira disponibilidade e por toda a dedicação e empenho prestado, sempre incansáveis estiveram de verdade quando eu mais precisava. A vós queridos professores, professora Doutora Jenny e professor doutor Cristóvão eu agradeço de coração, pela enorme força e coragem, de me conseguirem levantar e prosseguir naquilo que eu tanto queria e mais acreditava.

A vida é uma escola, um trilho nos caminhos do progresso e da verdadeira sabedoria. A vida, uma aprendizagem, o verdadeiro conhecimento, mas serão sempre aqueles que por nós passam, aqueles que ensinam com o coração, a verdadeira Arte, a Arte de Ensinar.

Quero agradecer a Deus pela eterna bênção concedida a cada manhã, a minha própria existência.

A mim agradeço, pela teimosia e persistência de resistir diante das minhas fragilidades, as imperfeições do meu próprio ser.

RESUMO

As linguagens artísticas, enquanto instrumentos de metodologia interventiva, têm assumido um papel importante na resposta a problemáticas em contexto de exclusão social. Com efeito, as artes têm-se posicionado, cada vez mais, enquanto ferramentas de relevo no âmbito das ações terapêuticas, mas, no contexto concreto de intervenção em grupos terapêuticos, são poucas as investigações existentes.

Assim, procurou-se com este estudo exploratório, de cariz qualitativo, conhecer a importância das linguagens artísticas em contextos de exclusão social, particularmente, as possibilidades de as expressões artísticas funcionarem enquanto instrumentos terapêuticos em pessoas socialmente excluídas e marginalizadas.

Para dar resposta aos objetivos enunciados, foram realizadas cinco sessões práticas com o grupo terapêutico da instituição INPULSAR, onde as linguagens artísticas foram a principal ferramenta utilizada. Para além da conceção e da implementação das sessões de intervenção, a investigadora realizou ainda observação participante, com registos nos diários de bordo, entrevistas semiestruturadas a cinco sujeitos que participaram de livre e espontânea vontade nas sessões e entrevistas semiestruturadas aos três técnicos responsáveis por este mesmo grupo.

O que descobrimos foi que as linguagens artísticas, enquanto ferramentas terapêuticas, permitem que as pessoas socialmente excluídas e marginalizadas revelem uma maior expressividade. Para além disso, foi possível verificar-se um envolvimento emocional, resultando daí o despertar da criatividade.

Palavras-chave:

Animação Terapêutica, Exclusão Social, Linguagens Artísticas

ABSTRACT

The artistic languages, as instruments of Interventional methodology, have assumed an important role in response to problems in the context of social exclusion. Indeed, the arts have been positioned increasingly as important tools in the context of therapeutic actions, but, in the context of concrete intervention in therapeutic groups, there is little existing research.

So, it was with this exploratory study, qualitative oriented, know the importance of artistic languages in contexts of social exclusion, in particular, the possibilities of artistic expressions work as instruments Therapeutics in socially excluded and marginalized people.

To meet the goals set out five practical sessions were held with the therapeutic group of the INPULSAR institution, where the artistic languages were the main tool used. In addition to the design and implementation of the intervention sessions, the researcher conducted participant observation, yet with records in logbooks, semi-structured interviews to five subjects who participated in free will in sessions and semi-structured interviews to three technicians responsible for this same group.

What we found was that the artistic languages, while therapeutic tools, enable the socially excluded and marginalized people reveal a greater expressiveness. In addition, it was possible to check if an emotional involvement, resulting in the awakening of creativity.

Key words:

Therapeutic Animation, Social Exclusion, Artistic Languages

ÍNDICE GERAL

Agradecimentos-----	3
Resumo-----	4
Abstract-----	5
Índice Geral-----	6
Índice de Tabelas-----	10
Abreviaturas-----	11
Introdução-----	12
Capítulo I: Enquadramento Teórico-----	14
1. Exclusão Social-----	15
2. Desqualificação social e excluídos-----	17
2.1. Sem-abrigo-----	17
2.2. Toxicodependência-----	19
3. Animação: uma resposta interventiva em contextos socialmente marginalizados-----	20
3.1. Animação sociocultural e as suas potencialidades-----	20
3.2. Animação sociocultural: olhares em ação-----	22
4. A animação na intervenção com públicos socialmente marginalizados-----	24
5. Linguagens artísticas como ferramenta de intervenção-----	25
5.1. Linguagens artísticas na educação: um caminho para o combate à exclusão social---	25
5.1.1. Expressão Plástica-----	28
5.1.2. Escrita Criativa: o papel da escrita na formação e desenvolvimento do indivíduo-----	29
5.1.3. Fotografia -----	31
5.1.4. Música -----	31
5.2. Linguagens artísticas e animação terapêutica: relações de enriquecimento-----	34
Capítulo II: O projeto de Intervenção-----	37
1. Enquadramento metodológico do projeto de investigação -----	38
1.1. Estudo Exploratório -----	39
1.2. Técnicas e instrumentos de recolha de dados -----	40
1.2.1. O diário de bordo-----	40
1.2.2. As entrevistas semiestruturadas-----	41
1.3. Técnicas de tratamentos de dado-----	41
1.3.1. Análise de Conteúdo -----	41
2. O Projeto de Investigação-----	42
2.1. Identificação do problema de investigação-----	42

2.2. Objetivos do projeto-----	42
2.2.1. Objetivo Geral-----	42
2.2.2. Objetivos Específicos-----	43
2.3. Caracterização da instituição -----	43
2.4. Caracterização dos participantes -----	43
3. Desenvolvimento do projeto de investigação-----	48
3.1. Planificação da Intervenção-----	48
3.2. Implementação – desenvolvimento das sessões -----	49
3.2.1. Primeira sessão (1 fevereiro 2018) -----	50
3.2.2. Segunda sessão (15 fevereiro 2018) -----	50
3.2.3. Terceira sessão (1 março 2018) -----	51
3.2.4. Quarta sessão (15 março 2018) -----	51
3.2.5. Quinta sessão (12 abril 2018)-----	52
Capítulo III: Apresentação e discussão dos resultados-----	53
1. Apresentação e discussão dos resultados -----	54
1.1. Envolvimento emocional: expressividade e sentimentos-----	54
1.2. Criatividade -----	56
1.3. Aprendizagens -----	56
1.4. Conhecimentos artísticos -----	57
1.5. Gostos artísticos-----	58
1.6. Vivências artísticas passadas -----	58
1.7. Importância das linguagens artísticas em contexto terapêutico -----	59
1.8. Impacto da investigação -----	61
Capítulo IV: Síntese Conclusiva-----	63
1. Síntese conclusiva -----	64
1.1. Limitações deste estudo -----	66
1.2. Novas pistas-----	66
2. Referências bibliográficas-----	67
3. Anexos -----	82
Anexo 1: Planificação inicial (sessão 1, 2, 3 e 4) -----	83
Anexo 2: Imagens a utilizar na 1ª sessão -----	88
Anexo 3: Questões orientadoras para as imagens da 1ª sessão-----	90
Anexo 4: 1ª alteração efetuada à planificação inicial da intervenção (sessão 2, 3, 4 e 5) --	91
Anexo 5: Técnicas de desbloqueio da criatividade a utilizar na 2ª sessão -----	95
Anexo 6: Dinâmicas de grupo a utilizar na 2ª sessão -----	96
Anexo 7: 1ª imagem a utilizar na 2ª sessão -----	97
Anexo 8: 2ª imagem a utilizar na 2ª sessão -----	96

Anexo 9: 3ª imagem a utilizar na 2ª sessão-----	99
Anexo 10: 4ª imagem a utilizar na 2ª sessão-----	100
Anexo 11: 5ª imagens a utilizar na 2ª sessão (Gillian Lyanne e Mark Groening)-----	101
Anexo 12: 2ª Alteração efetuada à planificação da intervenção (sessão 3 e 4)-----	102
Anexo 13: Relaxamento criativo a utilizar na 3ª sessão-----	106
Anexo 14: Exercícios de “quebra-gelo” a utilizar na 3ª sessão-----	107
Anexo 15: 3ª alteração efetuada à planificação inicial da intervenção (4ª sessão)-----	108
Anexo 16: Imagens (emoções) a utilizar na 4ª sessão-----	109
Anexo 17: Palavras (emoções) a utilizar na 4ª sessão-----	112
Anexo 18: 4ª alteração efetuada à planificação inicial da intervenção (5ª sessão)-----	113
Anexo 19: Atividades de criação artística a utilizar na 5ª sessão-----	114
Anexo 20: powerpoint a apresentar para a atividade da 5ª sessão-----	116
Anexo 21: Imagens a utilizar para a criação da história da 5ª sessão-----	119
Anexo 22: Leitura de obra de arte a realizar na 5ª sessão-----	121
Anexo 23: Planificação das sessões do grupo, “Giros à Conversa”, enviado pela diretora técnica-----	122
Anexo 24: Análise efetuada à leitura da obra de arte pelo participante D-----	124
Anexo 25: Desenho livre do participante D-----	126
Anexo 26: Diários de Bordo-----	127
Anexo 27: Consentimento Livre e Esclarecido e Pedido Autorização Gravação Áudio e Imagem-----	158
Anexo 28: Guião de entrevista semiestruturadas aos participantes desta investigação----	160
Anexo 29: Guião de entrevista ao participante B-----	162
Anexo 30: Transcrição da entrevista do participante B-----	163
Anexo 31: Guião de entrevista ao participante C-----	164
Anexo 32: Transcrição da entrevista do participante C-----	165
Anexo 33: Guião de entrevista ao participante D-----	166
Anexo 34: Transcrição da entrevista do participante D-----	167
Anexo 35: Guião de entrevista ao participante E-----	168
Anexo 36: Transcrição da entrevista do participante E-----	169
Anexo 37: Guião de entrevista ao participante G-----	170
Anexo 38: Transcrição da entrevista do participante G-----	171
Anexo 39: Guião de entrevistas semiestruturadas aos profissionais em contexto terapêutico-----	172
Anexo 40: Transcrição da entrevista da diretora técnica-----	174
Anexo 41: Transcrição da entrevista do assistente social-----	177
Anexo 42: Transcrição da entrevista da enfermeira-----	179

Anexo 43: Sinopse/Síntese das entrevistas semiestruturadas -----	180
Anexo 44: Evidências (fotos) das sessões interventivas-----	196
Anexo 45: Certificado de participação entregue aos participantes entrevistados e aos técnicos do grupo terapêutico -----	206

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – Caracterização sociodemográfica dos participantes -----	43
Tabela 2 – Caracterização individual dos participantes-----	44

ABREVIATURAS

ASC - Animação Sociocultural

CAIS – Centro de Acolhimento e Inserção Social

CAT Pombal - Centro de atendimento a toxicodependentes em Pombal

CDT - Comissão de Dissuasão da Toxicodependência

CID -Classificação Internacional de Doenças

CPCJ - Comissão de Proteção de Crianças e Jovens de Leiria

CRI- Centro de Respostas Integradas de Leiria

DSM-5 - Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais – 5ª ed.

EAPN - European Anti- Poverty Network

EAPN - Portugal- Rede Europeia Anti - Pobreza Portugal

EUROSTAT- European Statistics

FEANTSA - Federação Europeia de Serviços para Pessoas Sem Abrigo

IGH - Institute of Global Homelessness

IFPC – International Fund for the Promotion of Culture

INE- Instituto Nacional de Estatística

INPULSAR - Associação para o Desenvolvimento Comunitário

IPL - Instituto Politécnico de Leiria

JUVE - Juventude Desportiva do Lis

OEI - Organización de Estados Iberoamericanos

OMS - Organização Mundial de Saúde

ONU – Organization United Nations

PARTIS – sidac

PEEA - Programa de Educação Estética e Artística

SICAD - Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências

UE- União Europeia

UNESCO - United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

INTRODUÇÃO

No dia 17 de outubro de 2017, no âmbito do Dia Internacional para a Erradicação da Pobreza, a Eurostat (European Statistics) publica dados estatísticos sobre a pobreza e a exclusão social. De acordo com esta mesma fonte, em 2016, 23,4% da população na União Europeia encontrava-se em risco de pobreza e exclusão social. Também em Portugal, conforme resultados estatísticos publicados em 2018 pelo INE (Instituto Nacional de Estatística), à data de 2017, 23,3% da população portuguesa vivia em risco de pobreza e de exclusão social, sendo que 0,8% da população residente em Portugal, ainda vive em situação indigente de alojamento e sem as mínimas condições básicas (a falta de banheira, duche e vaso sanitário no interior do alojamento).

Face ao exposto, em pleno século XXI, vivemos numa sociedade que não é equânime. Uma sociedade onde o direito à igualdade e à fraternidade não é de todos nem para todos, tal como explica Ritta (2009) “As desigualdades e as exclusões têm a sua génese na injustiça ancestral que recusa a inúmeras pessoas a sua dignidade humana fundamental (...) um dos legados mais preocupantes deste século é o reaparecimento e agravamento de fatores de desigualdade e exclusão que parecem incontroláveis” (p.15).

Deste modo, estamos diante de uma sociedade que se pode dizer disforme. Um contexto social que é bastante diversificado, entrando em discrepância de igualdade. Um universo social em que os conceitos de pobreza e de exclusão social fazem indubitavelmente parte.

Sendo os domínios social, económico, institucional, espacial e cultural, fatores transformadores da pessoa enquanto ser humano, estes contribuem essencialmente para o enlace social. São princípios fundamentais que regem a lei da igualdade e da fraternidade, que impulsionam para a uniformidade num mundo tão desigual.

Diante de uma comunidade onde os direitos, embora de todos e para todos, estão desnivelados, as classes socialmente mais pobres e em risco de exclusão são aquelas camadas sociais que mais sofrem, tornando-se classes maioritariamente fragilizadas e vulneráveis.

Neste quadro, a animação sociocultural e artística pode constituir-se, enquanto “entidade criadora, gestora e produtora de um produto cultural, artístico e criativo (...), como uma motivação para a educação e a formação, inicial e ao longo da vida” (Jacob, 2007, p.4). Para além disso, pode ser um meio catalisador, porque permite e orienta o indivíduo na procura e no encontro consigo mesmo. É uma ação intensificadora que impele ao respeito e à aceitação por aquilo que cada um é.

A animação sociocultural e artística, enquanto metodologia participativa de desenvolvimento dos sujeitos, vê nas linguagens artísticas um recurso. Com efeito, as artes destacam-se enquanto mecanismos que induzem à mudança e à conversão entre o indivíduo e a

sociedade em que este está inserido e que o envolve. As expressões artísticas como elementos de transformação e inovação, enquanto instrumento substancial de desenvolvimento ao nível social, pessoal e cultural.

Assim sendo, será que as linguagens artísticas em contextos de exclusão social poderão funcionar enquanto instrumentos terapêuticos em pessoas socialmente excluídas e marginalizadas?

Neste sentido, e de uma forma mais pragmática, procurou-se perceber se ocorre um envolvimento significativo, permitindo que as pessoas de classes socialmente desfavorecidas se envolvam emocionalmente nas atividades, e compreender, se as linguagens artísticas desenvolvem a criatividade /potencial criador na pessoa socialmente excluída.

Para dar resposta aos objetivos enunciados, foram realizadas cinco sessões práticas com o grupo terapêutico da instituição INPULSAR, onde as linguagens artísticas foram a principal ferramenta utilizada. Para além da conceção e da implementação das sessões de intervenção, a investigadora realizou ainda observação participante, com registos nos diários de bordo, entrevistas semiestruturadas a cinco sujeitos que participaram de livre e espontânea vontade nas sessões e entrevistas semiestruturadas aos três técnicos responsáveis por este mesmo grupo.

Na sua apresentação, este estudo está organizado do seguinte modo.

No primeiro capítulo deste trabalho - Enquadramento teórico - é feita uma análise teórica acerca da exclusão social, da animação sociocultural e artística enquanto resposta interventiva em contextos socialmente marginalizados e das expressões artísticas como ferramentas interventivas.

Por sua vez, o capítulo 2 – O projeto de intervenção - apresenta o enquadramento do estudo e da intervenção, clarifica os instrumentos de recolha de dados e o processo metodológico desenvolvido, assim como a metodologia de análise adotada. Apresenta, também, os objetivos do projeto e a caracterização dos participantes.

No terceiro capítulo – Desenvolvimento do projeto de intervenção - é apresentado o projeto de intervenção, com a descrição da implementação das sessões práticas.

No capítulo 4 - Apresentação e discussão de resultados – são apresentadas e discutidas as informações provenientes dos instrumentos de recolha de dados aplicados, bem como as considerações inerentes aos resultados obtidos.

No final – Síntese conclusiva - apresentam-se as conclusões gerais e os resultados alcançados.

CAPÍTULO I: ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. Exclusão social

Por toda a Europa existe uma proporção significativa de população em situação de pobreza e exclusão social. De acordo com o *site* da EAPN - European Anti-Poverty Network, 2017¹, estima-se que na Europa existam cerca de “117,5 milhões de pessoas em situação de pobreza e de exclusão social (23.4% do total da população)”. Em Portugal, essa percentagem é de 25.1%. As mulheres encontram-se em maior risco de pobreza e exclusão social (mulheres - 24.3%; homens - 22.4%). As principais causas, apontadas pela EAPN, para a exclusão social, são o desemprego, os baixos salários e a privação material severa. Ou seja, o facto de se estar empregado não significa necessariamente que não se seja pobre, ou socialmente excluído.

Em 2016, o EUROSTAT publica dados estatísticos relativos a um estudo que se realizou à população da UE (União Europeia) sobre pessoas em risco de pobreza ou exclusão social. Num total de 28 países que participaram neste estudo, Portugal encontra-se em 10º lugar, com 25,1%, valor que está acima da UE (23,4%). O que representa um valor superior, quando comparamos com os dados da média europeia. Face a esta constatação, a UE propõe, através da Europa 2020, estratégias económicas de crescimento que visam reduzir o número de pessoas em risco de pobreza e exclusão social.

Mas afinal em que consiste a exclusão social?

A Exclusão social é, segundo Bruto da Costa (2004: 9) “uma expressão de uso generalizado, embora não esteja seguro de que todos quantos a utilizam tenham ideia clara do que significa. Mesmo entre os especialistas, não existe unanimidade quanto ao sentido da expressão”.

De acordo com Wanderley (1999), foi René Lenoir que, em 1974, utilizou, pela primeira vez, a expressão Exclusão Social. Contudo, analisar este conceito, não é de todo uma tarefa fácil. Se, por um lado, esta expressão revela ser tema de interesse e discussão em muito contextos político-sociais, em contrapartida, no que se refere aos seus estudos científicos, verifica-se uma vasta e extensa diversidade de definições.

Para Bento e Barreto (2002), exclusão social não define apenas uma situação extrema, engloba também, um sistema de falhas consecutivas relativas aos meios sociais básicos: social, habitacional, económico, organizacional e territorial.

Contudo, Clavel (2004) frisa o facto do conceito exclusão social não ser recente, argumentando que este termo, exclusão social, representa uma nova forma de olhar para a pobreza como uma questão e um problema social. Na ótica do autor, a exclusão social expressa-se nas mais variadas

¹ <https://www.eapn.pt/>

formas. De um modo geral, estas manifestações passam pelo sentimento de diferenciação e desagregação, que conduzem o indivíduo, que se sente excluído, ao isolamento.

No entanto, Costa (2004) constata, tal como tem vindo a ser mencionado, que não existe uma definição concreta. Todavia, propõe que exclusão social é o círculo de todas as pessoas e grupos que entram em rutura com a sociedade, apontando o desemprego, os laços familiares, afetivos e de amizade como fatores primordiais que levam a esta rutura social. Para este autor, a exclusão social apresenta-se como um fenómeno de tal modo complexo e heterogéneo, que pode falar-se em diversos tipos de exclusão. Nesta perspetiva Bruto da Costa (2001) identificou cinco tipos de exclusão:

- a) Do tipo económico: refere-se à pobreza, entendida como uma situação de privação múltipla, por falta de recursos, caracterizada por más condições de vida, baixos níveis de instrução e qualificação profissional, elevadas taxas de desemprego de emprego precário e de atividades no sector da economia.
- b) Do tipo social: constitui uma situação de privação do tipo relacional, caracterizada pelo isolamento.
- c) Do tipo cultural: refere-se à não-aceitação, por parte da sociedade dominante, de padrões culturais diferentes.
- d) De origem patológica: refere-se à rutura de laços familiares e de amizade devida a problemas do foro psicológico e mental, que originam comportamentos desajustados e agressivos.
- e) Por comportamentos autodestrutivos: trata-se de comportamentos relacionados com o uso de substâncias aditivas que conduzem a situações de exclusão social ou autoexclusão.

A acrescentar a estes fatores destaca também cinco áreas distintas, onde a exclusão social se pode fazer sentir: social, económica, institucional, territorial e as referências simbólicas, perfazendo desta forma todo um conjunto de sistemas sociais que englobam e integram o conceito de cidadania.

Porém, Mendes et.al. (2004) alertam para o facto de ocorrer uma diferenciação entre exclusão e vulnerabilidade, dado que exclusão é a consequência de uma norma e não de um estatuto social. Muitas vezes, pobreza não é sinónimo de exclusão, ocorre sim, uma desqualificação social em que as populações passam por dificuldades de integração por possuírem poucos recursos económicos. A acrescentar ao exposto, e ainda de acordo com Costa (2004), viver em situação de pobreza não significa cortar com os laços afetivos e sociais. Existem pessoas pobres, que mantêm uma relação com grupos e com a comunidade, não sendo estas pessoas marginalizadas e excluídas pela sociedade. Veja-se a título de exemplo a expressão popular “pobre, mas... honrado”, apanágio de que o indivíduo independentemente dos seus recursos económicos, pode ser socialmente

respeitado e aceite. Ante os princípios apresentados, pobreza e exclusão social são, portanto, realidades diferentes, que nem sempre se apresentam em simultâneo.

Nestas conceções trazidas à liça, exclusão social não remete apenas para um estado de pobreza, mas reporta igualmente, para um desenquadramento social perante a sociedade onde se vive.

Assim sendo, falar de exclusão social é admitir antes de mais, que se está perante um conceito extremamente abrangente e disperso. Um conceito, que engloba todo um conjunto de direitos e deveres socialmente definidos. Apesar destes direitos e deveres serem de todos e para todos, muitos desses benefícios e necessidades não estão ao alcance, nem são oferecidos a todos, de igual forma (Bento & Barreto, 2002; Xiberras, 1996).

Diante do mencionado, entendemos que é importante analisar e refletir sobre as populações excluídas e marginalizadas, nomeadamente sobre aqueles que não conseguem obter recursos essenciais para viverem com dignidade.

2. Desqualificação social e excluídos

2.1. Sem-abrigo

Silva (2004) alerta para o facto de a privação de habitação ser talvez, a situação mais alarmante e lesiva, pois a falta desta dá, invariavelmente, origem à perda dos restantes bens essenciais.

Quando somos confrontados com a expressão sem-abrigo, assumimos quase exclusivamente a ideia de indivíduos que vivem na rua. Pessoas que não têm um lar, que vivem isoladas da sociedade e do mundo que as rodeia. Todavia, porque serão designados estes indivíduos de sem-abrigo? Somente os que vivem nestas condições, são chamados de sem-abrigo? Ou será que este conceito é muito mais amplo do que se possa imaginar?

Para Bento e Barreto (2002), toda e qualquer pessoa que não possa usufruir de uma habitação, de bens necessários e essenciais, nem de laços sociais, é considerado sem-abrigo.

Para complementar esta exposição, a FEANTSA² (Federação Europeia de Serviços para Pessoas Sem Abrigo) considera sem abrigo todos os que são incapazes de ter acesso a uma habitação adequada, pessoal e permanente, ou de manter essa habitação por razões de ordem económica, ou outras.

Uma breve definição dada pelo IGH³ (Institute of Global Homelessness) relaciona o conceito de sem-abrigo com a falta de uma habitação com condições minimamente dignas. Adverte,

² <https://www.feantsa.org/>

³ <https://www.ighomelessness.org/>

desta forma para o facto de muitas casas, não poderem ser consideradas lares de habitação, mas sim um teto ou alojamento precário para os sem-abrigo.

Em 2004, a CAIS⁴ (Centro de Acolhimento e Inserção Social) publica a coletânea de Ensaio CAIS, no seguimento do congresso “um direito para todos”. Neste congresso foi proposta uma definição em que se considera que os “sem-abrigo são todos que não têm uma residência fixa, própria ou arrendada, assim como os que vivem em habitações inadequadas.” (Pinto, 2004, p. 26). Neste sentido, e tal como já foi referido, os sem-abrigo, não são exclusivamente aqueles indivíduos que não têm uma casa. São também as pessoas que fazem da rua um meio habitacional, distantes e alheias ao mundo que as envolve. Muitos dos sem-abrigo são emigrantes uma vez que, tal como Pinto (2004) esclarece, por diversas e inúmeras razões, estas pessoas são obrigadas a sair do seu país de origem em busca de uma vida melhor e, chegados a outros países são obrigados a sobreviver, vivendo assim, muitas vezes, de forma clandestina e em condições lastimáveis. Por esse motivo é que, não raras vezes, estes indivíduos, se convertem em seres marginalizados e excluídos em sociedades que insistem em fechar os olhos aos problemas alheios. De referir também, e ainda de acordo com Pinto (2004), que existe um facto muito importante a ter em conta. No que concerne aos sem-abrigo, surgem muitas vezes situações de pobreza extrema. Existem ainda grupos sociais mais fragilizados e que mais facilmente se encontram nestas situações de pobreza. Pessoas que embora não sejam unanimemente consideradas sem-abrigo estão propícias a situações extremas do ponto de vista social, como é o caso daqueles “(..) que vivem em casas superlotadas, os jovens casais que continuam a viver com os pais e os que vivem em casas sem o mínimo de condições, devido à falta de espaço, (...)” (Pinto, 2004, p.27). Costa (2004) inclui aqui, também, os desempregados de longa duração, os doentes mentais, os alcoólicos e os toxicodependentes.

Associado a estes grupos mais desfavorecidos, verifica-se um conjunto de fatores a que se devem ter especial atenção. Clavel (2004) assinala três fatores importantes: a privação (emprego, rendimentos, habitação, etc), as relações sociais (autoexclusão) e a rutura dos laços sociais (desqualificação social). Já Paugam (2003), explica que as principais razões para esta vulnerabilidade social se prendem com o desemprego, o decréscimo dos laços sociais, fatores que conduzem ao isolamento social. Por sua vez, Alfredo Costa (2004) justifica que “(..) os factores que mais frequentemente conduzem à situação de sem-abrigo situam-se nas áreas da saúde, desemprego, problemas familiares e relacionais.” (p.79)

Face ao exposto, salienta-se o pressuposto de que o indivíduo sente necessidade de estar integrado na sociedade. Uma sociedade que o aceite como pessoa e ser social que é, que lhe ofereça oportunidades e direitos de igualdade. Esta integração social resulta num contributo social e numa participação ativa (Margarido, 2006).

⁴ <http://www.cais.pt/>

Falamos acerca do conceito de sem-abrigo e dos seus fatores significativos, é salientarmos ainda mais a exclusão social. Uma exclusão social que engloba e comporta o conceito de sem-abrigo, na qual a exclusão social pode ser simultaneamente causa e consequência desta condição. É o resultado extremo da desigualdade diante uma sociedade desequilibrada.

2.2. Toxicodependência

De acordo com o relatório Anual 2016, divulgado pelo SICAD⁵ (Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências), o consumo de álcool e de substâncias ilícitas assume importância em termos nacionais e internacionais. Efetivamente, os malefícios causados por estas substâncias são significativos e os dados estatísticos estão divulgados no DSM-5 (Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais- Quinta Edição) e no relatório da OMS⁶ (Organização Mundial de Saúde). Conforme as fontes anteriormente mencionadas, anualmente morrem cerca de 3,3 milhões de pessoas em todo o mundo por consumo de álcool.

No concerne ao consumo de substâncias psicoativas, um estudo realizado pelo SICAD à população geral portuguesa em 2016/2017, a indivíduos com idades compreendidas entre os 15 e 74 anos, mostra que as substâncias lícitas prevalecem sobre o consumo das substâncias ilícitas. Estes mesmos dados estatísticos, realizados sobre o consumo de álcool ao longo da vida e nos últimos 12 meses, são de 85,4% e 58,3% respetivamente. Por seu lado, a prevalência das substâncias psicoativas ilícitas situa-se nos 10,4% e 5%. Ou seja, o consumo de álcool é mais regular e significativo do que o de substâncias psicoativas.

Desde os tempos mais remotos, que as drogas exercem “atração” sobre o homem. (Valleur, 2002).

O facto do homem, ao longo dos tempos, dar extrema importância às drogas, leva a que muitos investigadores e pesquisadores, mostrem interesse por esta área. Se o indivíduo pratica comportamentos desviantes, tais como a toxicodependência, vê os seus direitos enquanto cidadão diminuir consideravelmente, pois para a sociedade, este indivíduo viola as normas que regulamentam o sistema social, acabando, muitas vezes, por ficar em situação de exclusão social. Assim, a questão do consumo associado a substâncias psicoativas, surge como um problema humano e social. Segundo o DSM-5, as drogas e o álcool são classificados como transtornos de ordem mental, estando por isso, incluídos no CID (Classificação Internacional de doenças), da OMS. Sendo esta caracterizada como doença, pesquisas efetuadas em torno desta problemática, têm-se debruçado em campos de âmbito preventivo. Já neste ano, em maio de 2018, é publicada uma

⁵ <http://www.sicad.pt/pt/Paginas/default.aspx>

⁶ <http://www.who.int/eportuguese/countries/prt/pt/>

investigação, “O Serviço Social nas Equipas de Rua: Modelo (s) de Prática (s)”. Nela, apresenta-se a relevância do papel dos profissionais, enquanto meio de prevenção. Tal como argumenta Joana Brinca (2018):

Com a intervenção comunitária territorial na área do Consumo de Substâncias Psicoativas pretende-se que os indivíduos identifiquem os seus problemas, refletindo, dessa forma, sobre a comunidade em que se inserem, permitindo melhorar o seu ambiente, através de, por exemplo, Programas de Manutenção de Metadona, deslocações às estruturas fixas ou móveis das equipas de rua, deslocações à Segurança Social e ao centro de Saúde. (p.93)

Para Angel, (2002) a prevenção caracteriza-se em três pontos distintos: prevenção primária (evitar), prevenção secundária (reconhecer) e prevenção terciária (retardar). Uma ação centrada, na diminuição da oferta e interesse por parte dos seus consumidores relativamente às substâncias lícitas e ilícitas.

O pensamento do Trabalho Social nas políticas de prevenção, passa também, pela organização de estratégias que levem à diminuição dos danos por parte destes mesmos consumidores. Práticas interventivas, que passam também pela implementação de programas ou projetos. Ações direcionadas não somente para os consumidores em si, métodos que impliquem, por sua vez “(...) modos de promover atitudes preventivas, ainda que ninguém possa garantir a sua eficácia total e permanente (...) certamente que os que estão melhor educados, estão mais atentos e mais prevenidos.” (Patrício, 2006, p.16)

Uma educação, focada numa educação para prevenção, porque quem ensina contribui para o aprimorar do saber e conhecimento.

3. Animação: uma resposta interventiva em contextos socialmente marginalizados

3.1. Animação sociocultural e suas potencialidades

De acordo com Serrano e Puya (2006), acredita-se que o termo animação sociocultural foi utilizado pela primeira vez na Europa em 1950, numa reunião que se realizou em Mondsee na Áustria. Assim, e tal como diz Lopes (2007) em “A Animação Sociocultural – Novos Desafios”, o conceito de animação sociocultural surgiu em finais dos anos cinquenta.

Até esta data, não se havia ainda tentado construir uma definição de animação sociocultural e a sua prática era realizada sem traços orientadores e de um modo mais local. Por conseguinte, e ainda segundo as autoras, foi a partir desta reunião que esta definição se estendeu pela Europa

e pelo resto do mundo. Deste modo, o que significa, hoje, animação sociocultural? Intentar uma definição deste conceito não é uma tarefa fácil, dado que o conceito animação sociocultural é muito abrangente e de certa forma polissémico (Osorio, 2008). A acrescentar ao exposto, Osorio (2008) esclarece, referindo ainda que:

pode ser considerado como uma intervenção, uma actividade da prática social, uma técnica ou um instrumento, como um processo, como um projecto no sentido do desenho de actividades para um grupo específico da sociedade. A animação sociocultural supõe uma função social na comunidade e é, ao mesmo tempo, um factor operativo para a transformação da realidade nos diferentes grupos sociais. (p.210).

Por sua vez, Jacob (2007) alega que esta conceção no seu sentido lato é sinónimo de dar vida, é movimento. Animação, é uma necessidade fundamental de todos os indivíduos.

Em 2006 é publicado um livro, produto do 2º Colóquio Internacional de “Animação Sociocultural: Cidadania e Democracia, Desafios da Animação Sociocultural na Mobilização, Participação e Intervenção”. Nele são apresentadas e defendidas várias considerações e são realizadas diversas reflexões acerca deste conceito. E é mencionado, um facto pertinente para a clarificação desta definição, os propósitos em torno desta temática.

No que concerne aos pressupostos, é entendida a importância do papel do animador enquanto mediador, a animação centrada na promoção e na luta face às desigualdades sociais e culturais. Na verdade, e tal como explica Caride (2012), é uma prática que envolve pessoas e comunidades que são influenciadas pelos particulares modos de ser-estar no mundo, sobretudo porque a elas se associam valores tão importantes para a convivência em sociedade como a liberdade, a justiça, a paz, a equidade ou a democracia.

Desta forma, Lopes (2010), evidencia uma animação focada numa dimensão tridimensional, abrangendo interventivamente, três áreas distintas: faixa etária (Infantil, juvenil, adultos e terceira idade), espaços de intervenção (animação urbana e rural) e áreas temáticas (educação, saúde, turismo, etc).

Tendo em conta estas diferentes fases etárias, Isayama (2008), alerta para o facto de, e nestes grupos existir uma heterogeneidade, ocorrendo sincronicamente “uma identidade constitutiva das singularidades e dos elos internos de coesão entre os membros de cada um desses grupos, (...) e uma pluralidade reveladora das diferenças entre os sujeitos, que podem integrar, ou não, um mesmo grupo etário e social” (p.224). No ponto de vista deste autor, o facto de serem apresentadas três

áreas de intervenção, isso não significa que todas as pessoas ou indivíduos tenham de estar integrados nessas mesmas áreas, classificadas e caracterizadas por Lopes (2010). Posto isto, a primeira ideia que se salienta quando se pretende caracterizar a animação sociocultural é a de que esta é complexa e com âmbitos de intervenção muito heterogêneos que se interpenetram e enriquecem.

A segunda ideia prende-se com a forma como a animação sociocultural é desenvolvida. Com efeito, a animação é uma metodologia interventiva, uma ação social impulsionadora “(...) de relações interpessoais, comunicativas, humanas, solidárias, educativas e comprometidas com o desenvolvimento” (Lopes, 2010, p. 127).

Por isso, está intenta num conjunto de atividades que visam um determinado fim, na qual as pessoas são, o objetivo e o instrumento primordial. Neste quadro, Quintas e Castão (1998) põem em evidência três categorias cruciais: a comunicação, a participação e a criatividade, quer nos indivíduos, quer nos grupos sociais. Estamos, assim, perante uma metodologia promotora da igualdade de oportunidades entre todas as pessoas, que possibilita e estimula as capacidades criativas e as potencialidades de todos e qualquer um, sendo capacitada para atuar nas mais diversas áreas (Jacob, 2007).

Diante disto, em que contextos a animação é considerada estratégia de intervenção?

3.2. Animação sociocultural: olhares em ação

Falamos em âmbitos de animação sociocultural, significa estarmos perante metodologias que implicam uma ação interventiva. Uma intervenção, focada num conjunto de ações, que resultam e correspondem a uma metodologia de intervenção social (Cerdá, Rosario; Cerdá, Pilar & Cerdá, Maria, R., 2006). Para estas autoras, a intervenção em animação sociocultural, passa por um processo de estruturação, organizado e sistemático, implicando, por isso, uma planificação. Nesta perspetiva, Rosario, Pilar e Maria (2006) entendem que a planificação deve evidenciar três aspetos essenciais: plano, programa e projeto.

Desta forma a animação tal como já foi mencionado no ponto anterior, caracteriza-se por ser uma ação dinamizadora. Uma atuação que implica uma relação entre agentes e destinatários, com a finalidade de “provocar” um processo de transformação ao nível educacional, cultural e social (Bernet, 2004). Uma animação unificada e fundamenta “(...) en poner en movimiento instituciones anquilosadas y en crear una nueva dinámica que contribuya a abandonar el aletargamiento de las estructuras y las personas.” (Serrano & Puya, 2006, p.88). A animação é assim, promotora de uma diversidade de interesses e de papéis bastante distintos, privilegiando e valorizando o indivíduo como ser social.

Deste modo, a animação como estratégia de intervenção, engloba uma multiplicidade de áreas específicas, atuando das mais diversas formas (Cerdá, Cerdá & Cerdá, 2006).

A sociedade actual, é vincada pela pluriculturalidade e pela heterogeneidade. Ante uma sociedade diversificada, a animação, ao nível de âmbitos interventivos, comporta uma multiplicidade de atuações (Lopes, 2010) onde as artes adquirem um papel crucial enquanto ferramenta de intervenção e educação.

Conforme defende Jorge Oliveira (2007), as artes são entendidas como um instrumento que contribui para o desenvolvimento de competências relacionais, educacionais, sociais e culturais. As artes enquanto metodologia eficiente, impulsionadoras de uma educação para o desenvolvimento (Oliveros, 2017; Ruiz, 2018). Com efeito, as artes podem constituir-se em ferramentas que estimulam e incentivam a uma ação educativa, tal como defende Ana Barbosa (2008), “A arte tem enorme importância na mediação entre os seres humanos e o mundo, apontando um papel de destaque para a arte/educação: ser a mediação entre a arte e o público.” (p.13)

Em virtude destes pressupostos, projetos ligados às vertentes artísticas têm vindo a ser desenvolvidos, valorizando, realçando e divulgando a pertinência das artes enquanto intervenção.

Em 2010, Maria Sousa publica a investigação, “Música, educação artística e interculturalidade” onde apresenta uma série de programas de educação artística e musical desenvolvidos por diferentes países do mundo. Estes projetos mostram, as artes enquanto fatores imprescindíveis da expressividade pessoal, social e cultural, enquanto fontes da imaginação, da razão e da emoção e no processo de conhecimento para a descoberta do outro.

Ainda na área da intervenção através das artes, Rossi (2008) debruçou os seus estudos sobre o processo estético ao longo do Ensino Fundamental. Numa pesquisa que decorreu de 1997 até 2004, a investigadora centralizou as suas intervenções no âmbito da fotografia, nomeadamente, a discussão estética a partir de imagens e obras de arte. Após a cessação deste estudo, foi possível verificar um amplo e crescente progresso estético, de alunos entre os 11 e 14 anos. Face a estas constatações, Rossi (2008) explicita, “Então é função do mediador saber que ideias do mundo da arte são importantes e significativas no desenvolvimento estético, pois a mediação provoca a construção do conhecimento estético.” (p. 291).

A UNESCO, entidade de renome na construção da educação, ciência e cultura, tem vindo a desenvolver diversos projetos ligados às práticas artísticas. Assim, e de acordo com esta organização, o papel das artes e das práticas artísticas é extremamente importante pois contribuem para o desenvolvimento da criatividade, da partilha de conhecimento e da diversidade cultural. Dos vários projetos desenvolvidos destaca-se o IFPC (International Fund for the Promotion of Culture). Esta iniciativa tem como objetivo financiar projetos de intercâmbio artístico

e cultural que proporcionem uma colaboração universal das áreas artísticas e culturais, de entre os quais se destacam: Rede de Cidades Criativas, Bolsas de Estudo e Educação Artística.

Por sua vez, e em âmbito nacional, destaca-se o programa PARTIS (Práticas Artísticas para a Inclusão), da iniciativa da Fundação Calouste Gulbenkian. Este programa apoia projetos artísticos em contextos mais desfavorecidos, sendo as artes a principal ferramenta interventiva em grupos, em situação de marginalização e exclusão social.

Deste modo, e tendo em conta a nossa investigação, é fundamental promover e estimular a um maior número de iniciativas quanto a projetos de intervenção artísticos. Iniciativas que desafiam, para a utilização das artes na construção de uma educação cada vez mais inclusiva. Por conseguinte, a conjugação das artes, da educação e da cultura, tal como se pode verificar através destes projetos, revela-se numa ferramenta de intervenção poderosa. As artes entendidas como meio e método de desenvolvimento da cidadania e dos diversos coletivos que constituem a sociedade (Tamarit, 2017).

Uma educação artística similar à proposta por Arquimedes da Silva Santos (2000), baseada na Psicopedagogia das Expressões Artísticas. Uma educação consciente, focada na formação da personalidade e dos artistas, dado que “A Educação pela Arte processar-se-á como uma via contínua e ascendente ao longo da Vida, e dela decorrendo, a certa altura, mais ou menos intensamente, a do Ensino Artístico” (Santos, 2000, p.64).

4. A Animação na intervenção com públicos socialmente marginalizados

Tal como já foi explanado nos pontos anteriores, a animação sociocultural é uma metodologia comprometida com o desenvolvimento dos indivíduos e possui, na sociedade contemporânea, uma importância crescente por ser “considerada como estratégia de intervenção [que] pretende originar processos de participação e dinamização social” (Garcia, 2004, p. 265).

Trabalhar numa perspetiva de desenvolvimento de indivíduos e comunidades implica, essencialmente “responder à problemática da marginalidade [através de uma] intervenção integrada de diferentes agentes” (Garcia, 2004, p.265), sendo este um aspeto essencial para responder às necessidades e exigências das populações em exclusão social.

Estas populações, com características de maior fragilidade social, veem-se afastadas de uma sociedade que está, por assim dizer, entorpecida às diversas situações sociais. Neste quadro, emerge a animação sociocultural enquanto metodologia socialmente libertadora que parte dos interesses e das inquietudes dos indivíduos (Caride, 2012; Trindade, Conde e Pocinho, 2017; Viché, 2015).

Falar acerca da animação em contextos de marginalização e exclusão social, de acordo com Garcia (2004), é tratar em primeiro lugar, das suas diferentes formas e estratégias de atuação. Para este autor, a animação enquanto estratégia de intervenção, “(...) actua dentro da comunidade local, [com o objetivo de] originar processos de participação e dinamização social. Responder à

problemática da marginalidade requer a intervenção integrada de diferentes agentes (...), de acordo com a metodologia participativa da ASC.” (p.265).

Assim, este tipo de metodologia assenta em estratégias que visam o direito à igualdade de oportunidades (Lopes, 2007) e que, tal como, reivindicam uma metodologia terapêutica.

No seguimento a estas ideias, a investigadora Paula Correia (2008) explica que, atendendo às frequentes mudanças e transformações sociais, a intervenção social deve centralizar a sua atenção, nas respostas e soluções de uma sociedade cada vez mais exigente. Assim, na ótica desta autora, a animação sociocultural dirige a sua atenção para a comunidade e tudo o que a ela diga respeito. É, em rigor, uma ação focada numa intervenção estruturada e organizada, a animação enquanto metodologia participativa de transformação.

Neste sentido, verifica-se que a animação sociocultural é um meio de intervenção em contextos de exclusão social, atuando, essencialmente, como agente responsável de transformação e mudança. Uma animação que evidencia e valoriza o indivíduo marginalizado, focando os seus interesses no seu desenvolvimento enquanto cidadão. Em suma, a animação sociocultural, assente em práticas artísticas, um instrumento privilegiado que contribui veemente para o despertar das consciências, onde o indivíduo excluído e marginalizado se revela no decorrer de todo o processo criativo e artístico.

5. Linguagens artísticas como ferramenta de intervenção

5.1. Linguagens artísticas na educação: um caminho para o combate à exclusão social

A educação para a promoção das artes tem vindo a assumir um papel cada vez mais relevante e transversal, quer em contexto educacional, quer cultural, quer social (Oliveira & Milhano, 2010; Barbosa & Coutinho, 2008).

De acordo com a Direção-Geral da Educação, as artes são fontes de conhecimento, e detêm uma função essencialmente enriquecedora para o progresso e desenvolvimento humano. Por esse facto, Ministério da Educação desenvolve o PEEA (Programa de Educação Estética e Artística) que visa a promoção das artes e da cultura, ou seja, a valorização da arte enquanto forma de conhecimento.

Após a Conferência Mundial sobre Educação Artística “Desenvolver as Capacidades Criativas para o Século XXI”, que decorreu em Lisboa em 2006, a UNESCO (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization) publica um roteiro, Road Map for Arts Education. Com base nas deliberações efetuadas na Conferência, este roteiro propõe “(...) to communicate a vision and develop a consensus on the importance of Arts Education for building a creative and culturally aware society (...) emphasizes that creative and cultural development should be a basic function of education.” (p.3).

Com efeito, defende-se uma ação educativa disciplinada e desafiadora, uma aprendizagem

através das/nas artes/cultura; duas abordagens básicas da educação, primordiais e necessárias ao desenvolvimento criativo e cultural, sendo desta forma justificado pela ONU:

The benefits of introducing the arts and cultural practices into learning environments showcase a balanced intellectual, emotional and psychological development of individuals and societies. Such education not only strengthens cognitive development and the acquisition of life skills – innovative and creative thinking, critical reflection, communicational and inter-personal skills, etc – but also enhances social adaptability and cultural awareness for individuals, enabling them to build personal and collective identities as well as tolerance and acceptance, appreciation of others. The positive impact it gives on the development of society’s ranges from cultivating social cohesion and cultural diversity to preventing standardization and promoting sustainable development.

No seguimento das opiniões precedentes, a educação passa por uma educação mais sustentável, na qual emergem as artes enquanto impulsionadoras de transformação e de mudança social Eça (2010).

Abad (2011) vai mais além e defende uma educação através das artes centrada nas funções da arte enquanto instituição educativa para uma nova cidadania do conhecimento e da valorização.

A educação artística é assim entendida como meio para atingir um determinado fim, uma ferramenta primordial, difundindo o desenvolvimento multidimensional (Tamarit, 2017). À luz destas ideias, a integração da educação artística, quer em contexto educativo informal, quer formal, é crucial e revela-se um suporte vital, pois permite um envolvimento pleno dos indivíduos e um acesso às suas potencialidades.

Trata-se, na verdade, no desenvolvimento das capacidades individuais de cada um, tal como defendem Matos e Ferraz (2006):

“ (...) a Educação Artística toma como ponto de partida o potencial criativo de cada indivíduo e explora-o através das artes num ambiente e numa prática de imersão em experiências e processos criativos que estas proporcionam. (...) os contributos da Educação Artística situam-se, sobretudo, ao nível da capacidade de iniciativa, da imaginação e inteligência emocional, do desenvolvimento moral e cognitivo, da capacidade de reflexão crítica, do sentido de autonomia, bem como da liberdade de pensamento e de acção” (p.27).

Tendo em conta os pontos de vista apresentados, educação pelas artes enfatiza a impulsão

de conhecimento, o enriquecimento advindo do processo criativo uno e pessoal de cada indivíduo. Portanto, é de valorizar as sinergias entre arte e educação para o desenvolvimento e aquisição de saberes de uma aprendizagem criativa. Uma educação artística, centrada na produção e valorização da “autoexpresión y la comunicación, para fomentar nuevas formas de convivencia en contextos de diversidad y desigualdad cultural. (...) a fin de generar nuevas formas de autoconocimiento, convivencia, cohesión social, construcción y ejercicio de ciudadanía.” (Jiménez, L., Aguirre, I. & Pimentel, L., G., 2011, p.11).

Sendo a educação um direito de todos e para todos, a UNESCO, promotora de uma educação universal e inclusiva, acredita e propõe, uma educação impulsionada para o direito à oportunidade e igualdade. Uma educação que procura e ambiciona, metamorfosear vidas, a vida de todos os indivíduos. Assim, com o intuito de conseguir alcançar esse objetivo, propõe através Sustainable Development Goal 4, metas que constam no Education 2030 Framework for Action (FFA), perfazendo desta forma, o exposto e defendido pela ONU, na Declaração Universal dos Direitos Humanos, nos artigos 26º e 27⁷¹.

Assim, diante de uma sociedade multicultural e multifacetada muitas questões ficam em resalto e saliência designadamente: a integração e a exclusão social. Estas problemáticas são hoje, objeto de reflexão importante para muitos países e organizações internacionais que, atentos a estas questões muito desafiadoras, se unem numa mesma ideia. Desta forma, buscam através do papel do animador sociocultural a importante oportunidade, para a promoção de uma educação integral e qualitativa, face às classes sociais excluídas e marginalizadas.

Jaques Delors (1998) na sua obra, Educação um Tesouro a descobrir, alerta-nos para a importância da educação ante a exclusão social:

A educação pode ser um fator de coesão, se procurar ter em conta a diversidade dos indivíduos e dos grupos humanos, evitando tornar-se um fator de exclusão social. O respeito pela diversidade e pela especificidade dos indivíduos constitui, de fato, um princípio fundamental, que deve levar à proscrição de qualquer forma de ensino estandardizado (p.54).

Portanto, no século XXI a educação deverá permitir e caminhar para o enfraquecimento da exclusão social. Compete à educação, propor uma nova forma de saber estar e olhar o mundo, assente na ótica dos quatro pilares fundamentais do conhecimento: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser. Uma educação rumo à integração social, num mundo que é de todos e para todos.

No sentido de proporcionar uma integração social cada vez mais inclusiva e absoluta, Delors (1998),

⁷ Mais informações consultar o site <http://www.un.org/en/universal-declaration-human-rights/>

defende que os sistemas educativos devem orientar, permitindo que ocorra um envolvimento intensificado entre as sociedades tantas vezes desconhecidas. As artes são um caminho, uma meta a percorrer diante uma educação que ambiciona e procura respostas e soluções para uma sociedade cada vez mais inclusiva.

Se as artes são um ponto estratégico que podem conduzir a determinado fim, de que forma podem estas atuar enquanto ferramenta interventiva?

5.1.1. Expressão Plástica

A pintura acompanha o homem desde os primórdios das civilizações. Os homens primitivos já utilizavam as figuras rupestres como forma de expressão e comunicação.

Em 1970, Bessa publica um livro, *Artes plásticas entre as crianças*, salientando a importância das artes plásticas no desenvolvimento infantil, do valor da expressão livre e do processo de criação na personalidade infantil.

Na verdade, verifica-se logo na infância as potencialidades da expressão plástica, enquanto veículo privilegiado de criação e expressão (Sousa, 2003).

Sendo a expressividade uma necessidade humana, quais as potencialidades da pintura/desenho, enquanto linguagem artística?

A pintura é entendida como uma resposta e/ou recurso exequível na superação de dificuldades. É o transpor dos limites periféricos externos de cada indivíduo, possibilitando de forma imediata e concreta, a manifestação de sentimentos e potencialidades, produzindo transformações na psique humana. (Barroco & Superti, 2014). Também Marcelino Sousa Lopes (2007), frisa que a pintura é fonte transmissora de êxtase criativo. A partir de imagens advindas do íntimo de cada um, o sujeito exterioriza, representa e anima a realidade social, cultural e educativa em que se vive. Salienta ainda, a relevância da utilização da pintura, enquanto meio de intervenção em contexto terapêutico. Aqui, e indo ao encontro do proferido, anteriormente, por Barroco e Superti (2014), percebe-se que, através da exploração e manipulação dos materiais plásticos, o indivíduo é levado a desenvolver a sua imaginação e criatividade num conhecimento único de si próprio e dos contextos onde está inserido. A pintura ou desenho dá oportunidade ao indivíduo de se exteriorizar através da comunicação não-verbal. É a possibilidade que este tem de se autoconhecer e partir em busca do seu próprio eu, da sua criatividade ilusoriamente submersa contribuindo para o fortalecimento de competências pessoais e sociais.

Por seu lado, a exploração dá origem a uma “relação afetiva” entre o indivíduo e esses mesmos materiais plásticos. Por intermédio deste contacto, o sujeito tem acesso à liberdade e expressividade interior, tal como Lopes (2007) explica:

Aqui existe uma relação muito pessoal pois, as cores, a textura, a liberdade de movimentos

que se desenvolvem num papel de forma única de acordo com as sensações do autor, as imagens que exploram a individualidade e as manifestações, a intensidade das cores e aquilo a que as associamos, são elementos importantes para descobrir e transformar sentimentos e emoções que surgem a partir do nosso interior (p.82).

Nesta lógica, a expressão de liberdade através da descoberta plástica provoca uma afinidade, entre o indivíduo e os materiais plásticos, mas mais do que isso, é o resultado, da seleção dos materiais plásticos de acordo com o seu universo, único e pessoal.

Com efeito, aquando do processo criativo, o sujeito transpõe para o papel, o resultado efetivo advindo das suas ideias criativas mas, sobretudo, tornando-se em protagonista do seu próprio processo de desenvolvimento.

5.1.2. Escrita criativa: o papel da escrita na formação e desenvolvimento do indivíduo

Vivemos numa sociedade onde a leitura é fundamental e essencial, isto porque, somos confrontados com inúmeros signos (palavras, sinais, símbolos, mensagens). Aprender a ler é imprescindível ante uma sociedade em que o saber ler e escrever é um elemento vital de inclusão social. Assim, falarmos de leitura é mencionar a sua relevância na formação e desenvolvimento de cada um de nós (Arana & Klebis, 2015; Gamboa, 2015).

Intenta na construção de uma sociedade leitora, é nos contextos formal e informal que se devem criar condições e desenvolver metodologias ativas de construção de leitores (Pires & Matsuda, 2013; Gamboa, 2015). Nesse sentido, o educador e o animador, necessitam de provocar um envolvimento que possibilite ao indivíduo o cultivo e o desejo pela leitura. Estratégias, que passam pela promoção de competências em educação literária.

Fernando Azevedo e Ângela Balça (2016) na obra, *Leitura e Educação Literária*, evidenciam estas estratégias, salientando o papel destes intervenientes na qualidade de mediadores de leitura. Uma educação literária baseada na aproximação, adaptação e vínculo ao texto literário, na qual o “Comunicar literalmente é permitir aos leitores que se relacionem com o texto literário e conduzam essa relação como desejarem. (...) que gostem dele ou o detestem; que com ele construam os seus sentidos, as suas interpretações, as suas representações.” (Azevedo & Balça, 2016, p. 13). Nesta lógica, estas ações passam pela oportunidade que é dada ao leitor. Pela possibilidade que este tem em criar laços e uma conversação ante o texto literário. Um diálogo que

ficará marcado pela afetividade emocional. Por conseguinte, o animador deve usar estratégias que levem o indivíduo a manipular a escrita e a leitura numa aquisição de competências fundamentais para ser um indivíduo plenamente integrado na sociedade contemporânea.

Em redor desta temática, a escrita criativa, Gianni Rodari publica em 1973 uma obra, Gramática da Fantasia. Aqui, é oferecida uma larga multiplicidade de exercícios e atividades que ajudam na criação de histórias de forma divertida. Para Rodari (1973), o propósito não é formar artistas, mas sim ajudar esses mesmos artistas na construção da (s) sua (s) própria (s) história (s).

Assim sendo, não há escrita criativa sem imaginário. E as histórias que ouvimos e lemos, podem ajudar à edificação e idealização desse mesmo imaginário.

Face ao exposto, em 2008 é publicado um artigo, A escrita criativa dos alunos da autoria de Pedro Cerrillo. Para este investigador, a imaginação fertiliza o saber criativo. É a exploração intrínseca sobre uma paleta colorida de sentimentos e perceções. A prática através da escrita criativa, contribui para o desenvolvimento do imaginário e da fantasia, “ (...) fomenta as destrezas artísticas, cria o hábito leitor e facilita a comunicação de pensamentos ou de sentimentos, com valor artístico.” (Cerrillo, 2008, pp. 181-182). Por este ângulo, escrita criativa é um espelho, é um modo de crescermos com ela, surge como uma dimensão expressiva onde nos vamos desenvolver.

Refletirmos acerca da escrita criativa apraz-nos mencionar que é a ligação, é o saber criativo de irmos ao encontro de nós mesmos, é o transbordar de uma explosão de ideias lógicas. É a libertação que proporciona afetividade com a própria escrita, num lugar chamado arte da criação literária.

No que concerne à intervenção terapêutica, a escrita é promotora de liberdade de expressão. É uma estratégia influente que permite ao indivíduo, o fluir dos seus pensamentos e das suas próprias emoções (Benetti & Oliveira, 2016, p.70). Desta forma, a escrita permite o conhecimento por intermédio da descoberta e da experimentação que conduz, por seu lado, ao reencontro consigo mesmo. É o momento em que indivíduo sintoniza com as suas próprias faculdades criativas e artísticas. A escrita leva a uma autenticidade, a uma conexão entre o indivíduo e o seu próprio pensamento. É a materialização das ideias fluentes que advêm da própria consciência lógica. É um meio linguístico pelas quais o indivíduo revela, manifestada e expressa a sua verdadeira essência.

5.1.3. Fotografia

De acordo com Boris Kossoy (2001) e Ana Mauad (1996), a fotografia surge no âmbito da Revolução Industrial, época em que ocorreram as grandes transformações ao nível social, económico e cultural. O seu aparecimento foi um marco muito importante porque veio revirar da história das Ciências.

Sendo um meio de comunicação, a fotografia tem uma função significativa, é um “ (...) instrumento de apoio à pesquisa nos diferentes campos da ciência e também na forma de expressão artística.” (Kossoy, 2001, p.25). É uma ferramenta útil, uma fonte desmistificadora que atravessa o tempo e o espaço e segue a par com a Humanidade. Um instrumento que permite ser utilizado como meio de expressão através das artes.

Assim, em que medida a fotografia pode ser utilizada como técnica de intervenção social?

Para Chaves, Coutinho e Dias (1993), a imagem contribui fervorosamente para o desenvolvimento da linguagem e expressividade humana. Um recurso metodológico que contribui fundamentalmente para uma intervenção social cada vez mais inclusiva. Um acesso à oportunidade e igualdade daqueles que por diversas razões apresentam dificuldades de âmbito físico, neuropsicomotor ou mental, de linguagem e comunicação, entre outros. A imagem pode ser utilizada como método de cooperação e colaboração por parte daqueles que apresentam limitações, ou que, por algum motivo, se encontram nas franjas da sociedade.

A acrescentar ao exposto, a imagem pode também ser aproveitada no processo de desenvolvimento da educação do olhar. Permite que o indivíduo compreenda o mundo que o envolve, fomentando a sua capacidade de argumentação, sentido crítico e justificações válidas e construtivas (Toni & Martins, S.d). Assim, e indo ao encontro do defendido pelas autoras, o processo de intervenção social e artística através da imagem assume assim um papel essencial na construção da própria identidade dos indivíduos e no conhecimento cultural, social e artístico.

Discutir acerca da imagem como método interventivo, leva-nos a acreditar numa intervenção baseada na inclusão. Na oportunidade que é dada aqueles, que por várias razões e circunstâncias apresentam as suas dificuldades e limitações. Por outro lado, a imagem ajuda à estimulação do indivíduo enquanto ser humano contribuindo para a expressividade e comunicação na construção de uma cidadania mais plena.

5.1.4. Música

A música faz parte da vida de todos, ela assume um papel essencial e fundamental. É fonte e forma de expressão livre e linguagem universal.

É um dos principais meios de comunicação existentes, dado que através dela é possível transmitir não somente, sons, palavras, mas também sentimentos, emoções, ideologia. Conforme Sousa (2003), a música está presente na vida do ser humano desde os primórdios da humanidade. A antropologia e a etnomusicologia comprovam a existência universal da música, presente em todas as épocas e todas as culturas.

Na ótica de (2008), a música pertence à cultura de cada um de nós, desencadeando assim, várias potencialidades inerentes ao Homem. Por ser uma componente importante, é promotora e essencial na aquisição de conhecimentos, estando presente nas aprendizagens formais e informais.

Quanto ao ensino formal, a música faz parte dos currículos específicos de ensino onde, e voltando aqui a mencionar Gomes (2008), este declara que, “Em Portugal, o sistema educativo contempla a aprendizagem da música no ensino genérico, no ensino vocacional e em âmbitos associativos, existindo normas que através de leis, decretos, portarias e circulares enquadram, validam e regulamentam cada âmbito de aprendizagem” (p.260). No que concerne ao sistema educativo, nomeadamente aos âmbitos da aprendizagem, tal como explica Gomes (2008), estas encontram-se expressas na Lei dos Sistemas de Bases e as suas normas formalizadas e publicadas num documento oficial, revisto e aprovado em Conselho de Ministros a 5 julho 2005.

Recentemente, mais concretamente em 2010, a investigadora Maria Sousa realiza um estudo sobre música e interculturalidade. Nesta investigação, Maria Sousa (2010) fala-nos da música enquanto ferramenta metodológica salientando que: “Encontramos, nos dias de hoje, no âmbito do ensino e da aprendizagem da educação artística e no campo da pedagogia musical, pedagogos e investigadores que consideram, igualmente a música fundamental na educação.” (p.66). A música é uma componente substancial do ensino, que educa e se preocupa com a arte de ensinar. A música impulsionadora de competências ao nível da expressividade e comunicação, necessárias ao desenvolvimento de cada um. Para esta autora, a metodologia musical deve assentar nos seguintes princípios pedagógicos: Jaques Dalcroze, Edgar Willems, Carl Orff, Jos Wuytack, Ward, Martenot, Kodály, Murray Schafer, Edwin Gordon, Suzuki, entre outros. Princípios que foram comprovados e objeto de uma análise e estudo mais aprofundados e minuciosos (Sousa, 2010).

Assim, a música enquanto método de aprendizagem é instrumento de conhecimento e fonte de saber, possibilita ao homem enquanto ser humano, a capacidade para desenvolver competências ao nível da socialização, da interação e da cooperação, tão essenciais para o equilíbrio do trabalho coletivo.

Por outro lado, e no que toca ao ensino informal, a música assume um papel igualmente fundamental. Por conseguinte, é através do ensino informal em grupos ou clubes de música, associações, a única forma de conseguir que os indivíduos ou grupos despertarem e sejam

estimulados para a descoberta das suas potencialidades, habilidades, capacidades e aprendizagens musicais e artísticas (Gomes, 2008).

Assim, a música assume um papel essencial permitindo ao homem expressar as suas emoções, pensamentos e sentimentos. A música demarca-se enquanto estímulo à criatividade e à libertação do pensamento, pois está ligada ao modo como cada indivíduo a sente, como reage quando a está a ouvir, tal como justifica Oliver Sacks (2007), na qual justifica:

Listening to music is not just auditory and emotional, it is motoric as well: “We listen to music with our muscles,” as Nietzsche wrote. We keep time to music, involuntarily, even if we are not consciously attending to it, and our faces and postures mirror the “narrative” of the melody, and the thoughts and feelings it provokes. (p.12)

Marcelino Lopes (2007) destaca o valor significativo da música, enquanto elemento de intervenção social, conectando-a com a harmonia cósmica. O autor esclarece esta ideia apresentando uma diversidade de aplicações essencialmente pertinentes. Para Lopes (2007) a música atua assim, em três áreas distintas: necessidades (psicológicas, físicas, cognitivas), dificuldades (comunicação, linguagem, aprendizagem, concentração, relações interpessoais, físicas) e social (marginalização e exclusão social).

Por sua vez, Cunha e Volpi (2008) num estudo empírico-teórico realizado, mencionam a relevância da música enquanto estratégia terapêutica em contextos de prevenção e reabilitação física, psíquica, emocional e social quer em pessoas, grupos ou comunidades, nomeadamente na área social, educacional e hospitalar. De acordo com estas autoras, a música em contexto social, que é a natureza e o suporte índole fundamental e essencial deste estudo, pode atuar aqui como metodologia de análise ou transformação. A música que procura agir em prol das necessidades e das potencialidades dos indivíduos.

A acrescentar, a comunidade científica do centro de investigação musicoterapêutica, Bilbao, publica em 2012 “Musica terapia y comunicación”, um estudo onde são mostrados os efeitos benéficos da música em contextos de marginalização, particularmente a música enquanto ferramenta interventiva na prevenção e favorecimento pessoal e comunitário. Um recurso influente que atua como medida atenuante, uma fonte que beneficia e promove a paz e a justiça social, atenuando a agressividade e possíveis divergências sociais (Tifatino, 2012).

No seguimento às ideias precedentes, a música é entendida como uma terapêutica, um parâmetro que ameniza os indivíduos em situação de marginalização e exclusão social. Diante isto, os investigadores Cardoso e Cunha (2011) esclarecem que as experiências musicais, permitem e

possibilitam ao indivíduo, a construção de relações afetivas e psicossociais mais salutares através das manifestações e construções artísticas com musicalidade.

Por esta lógica, a música é essencialmente uma fonte de enriquecimento. É um alicerce que desafia, é a ligação e a reconciliação entre nós mesmos e o partir à descoberta dos outros. A música é a voz de transmissão, é a irradiação na distância daquilo que verdadeiramente somos.

5.2. Linguagens artísticas e animação terapêutica: relações de enriquecimento

Vieites (2007) é defensor de que as artes fazem, desde sempre, parte da existência primordial humana. Desde o homem primitivo até aos nossos dias, estas acompanham-no e acompanharão por longos e longos séculos, ocupando assim, uma posição de privilégio quanto à expressividade humana. Assim sendo, será importante questionarmo-nos acerca das artes enquanto elementos de expressividade universal e inatas à humanidade.

Se nos reportarmos para a nossa era cronológica remota, verificamos que são inúmeras as manifestações artísticas. Entre elas encontram-se: pinturas rupestres, símbolos egípcios, danças de adoração, rituais religiosos. Por esta lógica, percebe-se que a arte é um elemento inerente ao ser humano, sobretudo, na arte da expressão e da comunicação universal.

Na visão de Oliveira (2007):

A Arte na sua essência mais pura e bruta, ou sob forma de produto artístico é um instrumento libertador de emoções, canalizador de vivências e também espaço simbólico do indivíduo (...) A Arte é por isso, também um intermediário na comunicação e na definição do crescimento ao nível interno e externo do indivíduo (p.221).

A arte, na qualidade de veículo transmissor, proporciona ao indivíduo a oportunidade de exteriorizar o seu diálogo interior: pensamentos, sentimentos e emoções. Deste modo, o fruir artístico oferece assim, o caminho para a descoberta de si mesmo e a consequente possibilidade de despertar para o outro.

Deste modo, as artes expressivas como a música, a expressão plástica, a fotografia, a escrita criativa, entre outras vertentes artísticas, são apontadas como metodologias de âmbito interventivo (Oliveira, 2007). Com efeito, as artes promovem transformação e contribuem para o desenvolvimento das capacidades relacionais e emocionais.

Neste sentido, trabalhos desenvolvidos no campo da intervenção social e artística têm revelado a capacidade que as linguagens artísticas possuem. Em 2008, Avelino Bento publica um artigo onde faz uma análise reflexiva acerca da expressão dramática. Para Bento, a expressão dramática é um veículo privilegiado de desenvolvimento pessoal e social.

O facto de o individuo vivenciar experiências que lhe permitam dramatizar, possibilita que este entra no jogo do faz-de-conta contribuindo para a aquisição da espontaneidade e autenticidade em que o individuo mostra aquilo que é de verdade (Bento, 2008).

A acrescentar ao exposto, Helena Almeida (2007) fala-nos da dançoterapia, uma forma de expressão associada à linguagem corporal. Através de diversas técnicas e metodologias o individuo é levado a expressar-se através do seu corpo. Para esta autora, a linguagem corporal está associada ao movimento interno, ou seja, o individuo através da dança expressa a sua linguagem interna e emocional.

Num estudo realizado por Souladié (2007), o autor mostra a importância das práticas artísticas utilizadas na história da arte em contexto de intervenção artística. A partir das experiências estéticas, o individuo ou grupo, pode produzir as suas próprias criações artísticas, levando-o a expressar-se através da ação ou movimento.

Diante o apresentado, as artes enquanto linguagem universal permite assim, ser um fio condutor quanto à expressão e comunicação. As artes enquanto impulsionadoras de um equilíbrio emocional onde o individuo revela a sua verdadeira essência.

Sendo as linguagens artísticas uma forma de expressão, e a expressividade uma necessidade básica, a animação vem, portanto, dar ênfase, a esta dualidade de carácter social. Ante uma sociedade desigual e desequilibrada, a animação aqui, tem um papel fulcral enquanto ferramenta interventiva.

A animação no seu sentido lato, de acordo com Lopes (2007), pode ser utilizada como recurso terapêutico “ permitindo que a pessoa seja actor e não espetador; cidadão com cidadania plena (...) um ser autónomo, dialogante, participante, político e homem comprometido com o outro homem” (p.77), concebendo desta forma, pessoas conscientes e dignamente sociáveis. Uma metodologia interventiva que procura e objetiva a igualdade, oferecendo a oportunidade aos indivíduos marginalizados e excluídos socialmente para que estes possam “gozar” enquanto atores principais. Uma animação terapêutica que se concretiza através das linguagens artísticas, não salientando o resultado final, mas todo o decurso e desenvolvimento resultante do processo criativo.

Assim sendo, a animação terapêutica centra-se numa participação ativa das áreas artísticas, promovendo e desenvolvendo competências pessoais, sociais, relacionais e comportamentais. Deste modo, o individuo é levado ao “extremo”, sendo induzido à descoberta do seu próprio eu, do mundo que o rodeia e onde está inserido. Por conseguinte, ocorre uma estimulação de capacidades ao nível da interação, da participação e da partilha, contributos fulcrais para a designada educação comunitária, na qual todos fazemos parte.

Como explica Lopes (2007), a animação terapêutica integra uma metodologia acessível, que procura a promoção da igualdade de oportunidades, de todos e para todos. Independentemente do género, da etnia, da cultura, do nível da educação, e dos hábitos que se tenham adquirido, cada um é levado a dar o melhor de si, quer para si mesmo, quer para o grupo onde está posicionado.

Em linha com o exposto, compete ao animador abrir portas a novos horizontes através de projetos interventivos. A animação centralizada na reconstrução de um inovador núcleo social e na edificação de uma educação aberta a novas mudanças e transformações. São dois princípios complementares, educação e animação que procuram:

(...) propiciar una mayor y mejor comprensión de sus realidades, sino para intervenir en ellas con un proyecto cívico en el que la educación (escolar, social, comunitaria...) y la animación (social, cultural, comunitaria, etc...) sean pedagógica y socialmente “liberadoras”. En las palabras y los hechos, en los discursos y las experiencias que dinamizan. (Caride, 2012, p.67).

Estamos aqui perante uma animação que desencadeia uma estruturação metodológica capaz de implementar projetos de cariz artístico, cujos propósitos se centram em dar resposta às mais diversas situações problemáticas: marginalização, alcoolismo, exclusão, violência, depressões, entre outras (Lopes, 2007). Em razão disso, um dos pressupostos da animação é focar a sua atenção em projetos de âmbito preventivo, face a estas situações circunstâncias.

Assim, a animação em contexto terapêutico utiliza a arte como resposta a estas questões, ditas problemáticas. Uma animação que procura romper com os estereótipos sociais, dedicada no propósito de trabalhar o fazer criativo dos individuo ou grupos que integram estes grupos sociais (Reis, 2014).

CAPÍTULO II: O PROJETO DE INTERVENÇÃO

1. Enquadramento metodológico do projeto de investigação

Vivemos num mundo volátil, num mundo que está em constante mudança e transformação, onde somos persuadidos a adaptarmo-nos a essas mesmas mutações. Diariamente, surgem factos e acontecimentos sociais que nos levam a refletir e a exigir que pensemos acerca deles. No entanto, analisar qualquer questão é um exercício muito sério e requer que tenhamos uma atitude assente na incerteza e na indecisão (Ander-Egg, 2011).

Numa investigação científica, pesquisar implica “(...) um processo sistemático que permite examinar fenómenos com vista a obter respostas para questões precisas que merecem uma investigação. Este processo comporta certas características inegáveis, entre outras: ele é sistemático e rigoroso e leva à aquisição de novos conhecimentos.” (Fortin & Vissandjée, 1999, p.17).

Investigar é uma ação que exige uma atitude organizada e flexível face a um objetivo. Resulta numa pesquisa, com o propósito de obter uma explicação lógica para compreender fenómenos de ordem social (Coutinho, 2014).

Por sua vez, investigação científica é um método de indagação metódico proposto para adquirir conhecimentos e para procurar o resultado a um problema ou explicações a perguntas complexas (Oliveira & Ferreira, 2014).

Portanto, qualquer investigação passa por uma análise nascida do estudo de fenómenos que se observaram e que suscitam interesse. Para isso, os investigadores necessitam de percorrer fases consecutivas e ligadas entre si (Oliveira & Ferreira, 2014).

Deste modo, partindo da realidade com a qual nos deparamos, a nossa investigação assentou num estudo em torno de questões de âmbito social. Por serem consideradas questões de carácter pertinente, e algo do nosso interesse, admitimos que estas necessitavam de um estudo e uma análise mais aprofundada e pormenorizada.

Exposto isto, percebemos que uma investigação científica comporta métodos de investigação e que estes envolvem “(...) sempre a escolha de um objeto, de uma perspetiva e de uma problemática, independentemente de tal acontecer mediante um processo mais ou menos pré-estabelecido ou delineado” (Faria & Vieira, 2016, p. 117). É uma fase crucial porque define todo o processo de investigação.

Toda e qualquer investigação utiliza uma metodologia que está intenta naquilo que o investigador pretende analisar. No entanto, esta metodologia compreende técnicas de recolha de dados que vão ao encontro aos objetivos propostos. Tendo em consideração a nossa investigação, e

dado que esta procurou compreender, analisar e descrever atitudes ante as linguagens artísticas, o método escolhido para este projeto é de natureza qualitativa.

Desta forma, uma investigação qualitativa é um estudo que se realiza no seu ambiente natural. O investigador procura, desse modo, compreender os acontecimentos (Coutinho, 2011). Através da observação vai averiguar as ocorrências em profundidade. Centraliza a sua atenção nos factos, analisando valores, atitudes e comportamentos (Sousa & Baptista, 2011; Serrano, 2011),

Relativamente à nossa investigação, e indo ao encontro das ideias antecedentes, esta centrou-se num estudo da compreensão do comportamento dos indivíduos marginalizados e excluídos socialmente quando confrontados com a realização de atividades de expressão artística. Para chegar a este objetivo, foi necessário construir todo um processo com etapas e fases.

Segundo as etapas normativas que contemplam uma investigação, após organização de todos os elementos essenciais e fundamentais é necessário que se proceda à seleção das técnicas de recolha de dados. Portanto, só através desta organização metódica dos instrumentos se torna possível alcançar os dados precisos (Vilelas, 2009). Face ao exposto, entendemos que os instrumentos foram recursos fundamentais. Estes foram um auxílio colaborativo na recolha da nossa informação, porque desta forma conseguimos obter informações precisas e minuciosas relativas ao nosso estudo.

Relativamente ao nosso projeto, Reminiscência Artística, este incidiu sobre a temática, exclusão social e linguagens artísticas. Tencionámos investigar quais as possibilidades das linguagens artísticas enquanto ferramenta terapêutica em pessoas marginalizadas e excluídas socialmente. Percebemos, que investigações neste campo são escassas e pouco profundas, por esse facto a nossa investigação é um estudo exploratório.

1.1. Estudo exploratório

Um estudo exploratório consiste numa análise geralmente vocacionada para assuntos de pesquisa que ainda não tenham sido estudados (Sousa & Baptista, 2011; Sampieri, Collado & Lucio, 2013). Este tipo de estudo parte de um conhecimento preexistente da realidade que se quer analisar (Coutinho, 2011).

Assim, e sendo o seu procedimento um processo amplo, o investigador parte de um pressuposto, aprofundar conhecimentos da sua realidade inicial (Trivinõs 1987). Desta forma, possibilita-lhe a oportunidade de amplificar a sua experiência em redor de um determinado problema.

Face ao exposto, o trabalho que aqui se apresenta, assume-se como um estudo de natureza exploratória. Ao longo da nossa investigação deparámo-nos com a escassez de investigações no

âmbito das linguagens artísticas com indivíduos marginalizados e excluídos socialmente. Estudos neste campo restringem-se, apenas, a projetos de intervenção com artes nas áreas da psicologia e da saúde. Desta forma, a investigação por nós efetuada pretendeu promover um conhecimento primário da realidade que analisámos, sendo que a experiência em redor da nossa investigação nos levou a constatar que ainda existe muito a investigar nesta área.

Passando para a próxima etapa, uma investigação inclui também técnicas de recolha de dados que compreendem um conjunto de normas a seguir. Por esta razão, é fundamental que numa investigação as técnicas de pesquisa sejam selecionadas de forma conveniente e minuciosa, resultando daí o sucesso da pesquisa (Barros & Junqueira, 2006). Assim, estas técnicas têm um papel essencial, são um alicerce elementar no processo da investigação (Sousa & Baptista, 2011).

Com o decorrer da nossa investigação utilizámos o diário de bordo (observação direta) e as entrevistas semiestruturadas. A nossa escolha deveu-se ao facto destes instrumentos permitirem recolher informações, de forma sem dirigida, junto dos participantes deste estudo e dos técnicos.

1.2. Técnicas e instrumentos de recolha de dados

1.2.1. O Diário de bordo

O diário de bordo é um instrumento, no campo da investigação, que é utilizado para determinado fim. É entendido como um escrito pessoal, um registo que especifica e descreve evidências alusivas à investigação (Zabalza, 1994).

O seu uso permite ao investigador compreender de forma minuciosa e integral, acerca de toda a dinâmica resultante do processo em que esteve envolvido (Porlán & Martín, 1999). Desta forma, o investigador pode utilizá-lo como um instrumento de anotações, como um recurso, um auxiliar individual e pessoal das suas reflexões, observações e experiências vividas. É um espaço privilegiado para registar todos os fundamentos que considere pertinentes e úteis ao longo da sua investigação, bem como, a descrição precisa dos resultados das discussões que venham a ocorrer.

Relativamente à nossa investigação, o diário de bordo foi uma ferramenta crucial porque ajudou e facilitou no processo da recolha de dados. Permitiu de uma forma clara, descrever explicitamente o desenvolvimento e progresso dos factos. Assim, ao longo de cada intervenção fomos registando as ocorrências respeitantes a cada sessão, as observações pertinentes, os diálogos estabelecidos, comentários dos participantes, atitudes e comportamentos face às atividades. Por conseguinte, com os registos efetuados foi possível fazermos uma reflexão e análise conclusiva em cada sessão. Registámos, também, a descrição das experiências pessoais (dificuldades sentidas), bem como a planificação da sessão de intervenção seguinte.

1.2.2. Entrevistas semiestruturadas

A investigação qualitativa engloba determinadas técnicas, entre elas as entrevistas semiestruturadas (Ghiglione & Matalon, 2001). A entrevista semiestruturada é uma estratégia bastante utilizada por pesquisadores na área da investigação científica (Júnior & Júnior, 2011), que tem como propósito conseguir, de forma direta, obter dados para os seus estudos (Bodgan & Birklen, 1994).

Na sua organização, a entrevista semiestruturada, é uma entrevista mista (Carmo & Ferreira, 2008). Uma entrevista que não é muito nem pouco estruturada. Tendo como apoio um guião, o entrevistador aquando da realização das entrevistas não necessita de seguir as questões de uma forma específica, organizada ou estruturada (Sousa & Baptista, 2011). Por esta razão, as entrevistas semiestruturadas não são instrumentos de recolha de dados necessariamente inflexíveis.

Para a recolha dos nossos dados, tínhamos antevisto realizar sete entrevistas, igual ao número total de participantes que inicialmente faziam parte do nosso estudo. Após o desenvolvimento da nossa pesquisa, deparámo-nos com uma oscilante assiduidade por parte destes. Por conseguinte, a nossa amostra representativa serão as entrevistas que conseguimos realizar a 5 participantes-utentes que estão integrados no grupo terapêutico da associação INPULSAR. Para além dos utentes, entrevistámos, também, os três técnicos que direcionam este grupo terapêutico: a diretora técnica, o assistente social e a enfermeira. A razão desta escolha prendeu-se com facto de pretendermos um cruzamento de olhares e de perceções relativamente ao fenómeno em estudo.

1.3. Técnica de tratamento de dados

1.3.1. Análise de Conteúdo

A análise de conteúdo faz parte de uma das etapas do ciclo de investigação, no âmbito de uma pesquisa qualitativa. É a fase em que o investigador organiza, compara e analisa os dados recolhidos e obtidos aquando da recolha de informações pertinentes para o seu estudo (Sousa & Baptista, 2011). É uma técnica que procura a comparabilidade, visando a descrição e interpretação de resultados (Guerra, 2006). Assim, através dos instrumentos da recolha de dados, será permitido ao investigador dar resposta às questões por si definidas (Pardal & Lopes, 2011).

No contexto desta investigação, a nossa análise de conteúdo incidiu nos instrumentos de recolha de dados por nós utilizadas, os diários de bordo (observação direta) e as 8 entrevistas semiestruturadas. A análise de conteúdo, enquanto processo metodológico rigoroso e organizado, permitiu que efetuássemos uma análise descritiva e pormenorizada dos resultados, com o objetivo de darmos resposta ao nosso problema de investigação.

2. O projeto de investigação

Reminiscência Artística, é um projeto socioeducativo e artístico destinado a indivíduos em circunstâncias de vulnerabilidade social. Este projeto de âmbito investigativo consistiu num estudo exploratório, orientado para uma vertente prática.

Implementado na associação INPULSAR, este estudo tencionou compreender e analisar a relevância da utilização das linguagens artísticas em indivíduos, em situação de vulnerabilidade social.

2.1. Identificação do problema de investigação

As artes são ferramentas importantes de transformação e de mudança social (Eça, 2010) porque permitem o envolvimento dos indivíduos e o acesso privilegiado às suas capacidades. Com efeito, as artes destacam-se enquanto elementos cruciais para o crescimento do potencial criativo de cada indivíduo, pois permitem o desenvolvimento da imaginação, da inteligência emocional, da capacidade de reflexão crítica e do sentido de autonomia (Matos & Ferraz, 2006), contribuindo para novas formas de convivência em contextos de diversidade e desigualdade cultural. Deste modo, as linguagens artísticas salientam-se enquanto instrumentos privilegiados no âmbito da intervenção social (Oliveira, 2007).

Sabendo que a implementação de projetos de cariz artístico, tendo como pressupostos práticos a metodologia da animação sociocultural e artística, consegue dar resposta às mais diversas situações de marginalização e exclusão social (Lopes, 2007), parece-nos pertinente investigar a relevância das linguagens artísticas nos utentes de um grupo terapêutico.

Com esta investigação, não tivemos intenção de solucionar problemas, mas sim, promover sessões que permitiram estimular as capacidades e competências criativas, valorizando e respeitando a individualidade de cada um. Assim sendo, esta investigação pretendeu clarificar a problemática deste estudo procurando responder à seguinte questão e objetivos subsequentes:

- ✓ Quais as possibilidades das linguagens artísticas enquanto ferramenta terapêutica em pessoas socialmente excluídas e marginalizadas?

2.2. Objetivos do projeto

2.2.1. Objetivo geral

- ✓ Compreender a relevância do papel das linguagens artísticas, face à pessoa em situação de risco e marginalizada/excluída.

2.2.2. Objetivos específicos

- ✓ Perceber se ocorre um envolvimento significativo, permitindo que as pessoas de classes socialmente desfavorecidas se envolvam emocionalmente nas atividades.
- ✓ Compreender se as linguagens artísticas desenvolvem a criatividade /potencial criador na pessoa socialmente excluída.

2.3. Caracterização da Instituição

O projeto que aqui se apresenta foi desenvolvido na INPULSAR, uma Associação para o Desenvolvimento Comunitário, sem fins lucrativos, com sede na cidade de Leiria. Tendo sido constituída a 29 março de 2012, esta associação tem como objetivo primordial contribuir para a inclusão social e económica de pessoas em situação de vulnerabilidade e exclusão social. Procurando criar respostas sociais inovadoras junto da comunidade local, centra a sua intervenção no indivíduo/sociedade através da dinamização de metodologias participativas. Face a estas respostas sociais encontram-se: a comunidade cigana, imigrantes e pessoas em situação de pobreza e exclusão social.

No que concerne aos seus ideias interventivas, recentemente assume a responsabilidade de gerir os seguintes projetos ⁸ : Giró ó Bairro, Redes na Quint@, Giros na Rua. Iniciativas que são desenvolvidas em parceria conjunta com diferentes identidades locais e nacionais, tais como: Agrupamento de Escolas de Marrazes; Associação Terminal Zero; Camara Municipal de Leiria; Centro de Respostas Integradas de Leiria (CRI); Centro Distrital de Segurança Social de Leiria; Clínica Lusoterapias; Comissão de Dissuasão da Toxicodpendência (CDT); Comissão de Proteção de Crianças e Jovens de Leiria CPCJ); Escola de Dança Clara Leão; Escola Secundária Afonso Lopes Vieira; Instituto Politécnico de Leiria (IPL); Junta de Freguesia da Boavista e Santa Eufémia; Juventude Desportiva do Lis (JUVE); Núcleo Distrital de Leiria; Rede Europeia Anti - Pobreza Portugal (EAPN); União de Freguesias de Leiria, Pousos, Barreira e Cortes; União de Freguesias de Marrazes e Barosa; União de Freguesias de Santa Eufémia e Boa Vista.

2.3. Caracterização dos participantes

Neste ponto serão apresentados os participantes do estudo e, para uma leitura mais facilitada, a apresentação será realizada em tabela, tal como se apresenta abaixo:

⁸ Para mais informações consultar http://www.inpulsar.pt/?page_id=19

PARTICIPANTE	A	B	C	D	E	F	G
Idade	29	42	29	57	47	38	36
Naturalidade	Leiria	Leiria	Coimbra	Leiria	Lisboa	Leiria	Funchal
Estado Civil	Solteiro	Solteiro	Solteiro	Divorciado	Divorciado	Solteiro	Solteiro
Residência	Leiria	Leiria	Leiria	Leiria	Leiria	Leiria	Leiria
Habilitações Literárias	9.º Ano	Sem escolaridade (Não sabe ler, nem escrever)	6º Ano	12º Ano	9º Ano	Sem escolaridade (Não sabe ler, nem escrever)	Sem escolaridade (Não sabe ler, nem escrever)
Profissão	Desempregado	Atualmente a frequentar um curso de formação profissional - Carpintaria	Desempregado	Desempregado	Desempregado	Desempregado	Reformado
Principais Interesses	<p>Gosta de:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Animais ✓ Ver televisão ✓ Pintar ✓ Jardinagem ✓ Passear ✓ Trabalhar na rua <p><input type="checkbox"/> Queria ir:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Ao Zoo ver os macacos 	<p>Gosta de:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ animais ✓ música cigana ✓ jardinagem ✓ passear ✓ trabalhar na rua <p>Gostava de:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Ter um trabalho ✓ Pintar ✓ Estudar 	<p>Gosta de:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Futebol ✓ Ver televisão ✓ Jogar playstation ✓ Passear ✓ Conhecer lugares diferentes (viajar) ✓ Ver filmes 	<p>Gosta de:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Ir à INPULSAR ✓ Arte ✓ Desenhar abstrato ✓ Riqueza <p>Gostava de:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Transformar a cidade toda em ouro 	<p>Gosta de:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Animais 	<p>Gosta de:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Viver ✓ Falar ✓ Ir à INPULSAR ✓ Adoro andar de bicicleta 	
Principal. Problemática	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Doença mental 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Carência económica ✓ Minoria Etnia ✓ Debilidade Mental 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Sem abrigo ✓ Toxicodependência 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Alcoolismo 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Toxicodependência 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Sem abrigo ✓ Toxicodependência 	<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Doença mental

Tabela 1 – Caracterização sociodemográfica dos participantes

Através da análise do quadro exposto anteriormente, podemos verificar que fizeram parte deste estudo sete utentes do grupo terapêutico, todos do sexo masculino com idades compreendidas entre os 29 e os 57 anos.

Relativamente ao estado civil, predominam as pessoas solteiras, sendo que cinco utentes são solteiros e dois divorciados.

Com relação à naturalidade, quatro utentes são naturais de Leiria, tendo os outros três, procedência em Coimbra, Lisboa e Funchal, respetivamente. Quanto ao local de residência atual são todos habitantes da cidade de Leiria.

Olhando o quadro, é possível percebermos que três utentes, por não usufruírem quaisquer habilitações literárias, não sabem ler nem escrever. Um detém o 6º ano, dois o 9º ano e um a escolaridade obrigatória (12º.ano).

Em relação à situação profissional, cinco participantes atualmente estão desempregados, um é reformado e um outro encontra-se presentemente a frequentar um curso de formação profissional na área de carpintaria.

Ao nível das problemáticas, a deficiência mental é uma doença conjunta e análoga a todos os utentes que fizeram parte deste estudo. A juntar, englobamos outros problemas associados, tais como, alcoolismo, toxicodpendência, minoria etnia, sem-abrigo, debilidade mental e carência económica.

Para um conhecimento mais aprofundado dos participantes deste estudo, seguidamente iremos proceder às evidências particulares, descritivas e unas de cada um:

Participante	Nº sessões que participou	Expressões artísticas de maior destaque (observadas)	Destaque das características mais relevantes
A	1	Expressão plástica (desenho)	<input type="checkbox"/> Sorridente. <input type="checkbox"/> Alegre. <input type="checkbox"/> Muito comunicativo. <input type="checkbox"/> Bastante criativo. <input type="checkbox"/> Imaginativo. <input type="checkbox"/> Engraçado. <input type="checkbox"/> Extrovertido. <input type="checkbox"/> Muito curioso. <input type="checkbox"/> Envolveu-se e participou nas atividades propostas.
B	4	Música Fotografia	<input type="checkbox"/> Calmo. <input type="checkbox"/> Alegre. <input type="checkbox"/> Adora música cigana.

			<input type="checkbox"/> Sorridente. <input type="checkbox"/> Curioso. <input type="checkbox"/> Interessado. <input type="checkbox"/> Introverso. <input type="checkbox"/> Pouco falador <input type="checkbox"/> Pouco comunicativo. <input type="checkbox"/> Bastante reservado. <input type="checkbox"/> Envolveu-se e participou nas atividades propostas.
C	3	Expressão plástica (desenho)	<input type="checkbox"/> Muito comunicativo. <input type="checkbox"/> Envolveu-se e participou nas atividades propostas. <input type="checkbox"/> Paixão pelo desenho. <input type="checkbox"/> Extroverso.
D	3	Arte	<input type="checkbox"/> Bastante comunicativo. <input type="checkbox"/> Adora arte. <input type="checkbox"/> Culto. <input type="checkbox"/> Envolveu-se e participou nas atividades propostas. <input type="checkbox"/> Adora tudo o que é ligado à Arte (atividades, livros, imagens, visita ao museu, entre outros). <input type="checkbox"/> Extroverso.
E	1	Dados insuficientes	<input type="checkbox"/> Reservado. <input type="checkbox"/> Calmo. <input type="checkbox"/> Envolveu-se nas atividades propostas. <input type="checkbox"/> Introverso.
F	2	Dados insuficientes	<input type="checkbox"/> Reservado. <input type="checkbox"/> Envolveu-se e participou nas atividades propostas. <input type="checkbox"/> Extroverso.
G	1	Dados insuficientes	<input type="checkbox"/> Calmo. <input type="checkbox"/> Reservado. <input type="checkbox"/> Sereno. <input type="checkbox"/> Envolveu-se e participou nas atividades propostas. <input type="checkbox"/> Introverso.

Tabela 2 – Caracterização individual dos participantes

Relativamente a estes participantes, e de acordo com a tabela 2, aquando a nossa intervenção, temos a registar os seguintes factos quanto a estes sujeitos. De uma forma geral todos os participantes se envolveram e participaram nas atividades. De acordo com as nossas observações, apesar de ter participado unicamente na última sessão, o participante A revelou ser um indivíduo bastante sorridente, alegre, engraçado e curioso. Muito extroverso, na partilha das atividades mostrou sempre um à vontade, na exteriorização das suas ideias vindas do seu imaginário.

Contrariamente, o participante B, embora seja calmo e sorridente, é um indivíduo bastante introverso (reservado, pouco falador e comunicativo). Com o decorrer das intervenções, verificámos que nas partilhas em grande grupo estas características se tornaram salientes, na qual este falou pouco. Em contrapartida, nas sessões em que esteve sozinho, verificámos que este

falava muito mais. A salientar, mostrou-se sempre muito interessado nas atividades, sendo o único participante a estar presente ao longo de 4 sessões interventivas.

Quanto ao participante C, um individuo muito comunicativo revelou ao longo das sessões o grande interesse que tinha pelo desenho, sendo esse o seu grande foco de interesse ao longo desta investigação.

Sobre o participante D, individuo bastante extrovertido, revelou ao longo das 3 sessões o seu sentido critico e o grande conhecimento que tinha em relação à arte. Inicialmente mencionava à acerca da arte sem conseguir explicar acerca desta. Com o decorrer das intervenções foi despertando para esta área, através dos trabalhos artísticos e da partilha das suas opiniões acerca desta vertente.

Sobre os participantes E, F e G, em virtude do número escasso de participações, só conseguimos verificar que estes apresentam uma característica em comum, são introvertidos (calmos e reservados).

3. Desenvolvimento do projeto de investigação

3.1. Planificação da Intervenção

O projeto, *Reminiscência Artística*, teve início no dia 1 fevereiro de 2018. Porém, para realizar uma planificação que fosse ao encontro, o mais possível, das necessidades existentes e das características dos participantes, sentimos que era necessário participar em algumas sessões do grupo terapêutico apenas enquanto observadora.

Assim, e após obtermos autorização por parte da instituição para desenvolvermos o projeto no grupo terapêutico, resolvemos realizar duas observações: a primeira aconteceu a 30 novembro de 2017 e a segunda a 4 janeiro 2018.

A decisão de fazermos estas duas observações veio do facto de acreditarmos que um primeiro “contacto indireto” com aos participantes seria muito importante. Concordando nós com o defendido na literatura (Caride, 2012; Serrano, 2008, 2011) a observação direta de sessões do grupo terapêutico pareceu-nos essencial por dois motivos: por um lado, para possibilitar à investigadora um conhecimento mais aprofundado dos participantes e da natureza do trabalho que se desenvolve neste grupo, e por outro, para os participantes conhecerem a investigadora e ficarem mais recetivos à sua presença e às atividades propostas de futuro.

Paralelamente à observação, fui construindo, em articulação com a diretora da instituição, a primeira planificação (ver anexo 1).

Esta primeira planificação contemplou logo as quatro intervenções, tendo sido estruturadas em função do tema definido pela INPULSAR - “Os meus direitos”. Queríamos desenvolver atividades com base nesta temática, sem, no entanto, deixarmos de parte os objetivos propostos para esta investigação. Entendíamos assim, que não deveríamos fugir ao tema em causa, procurando uma uniformidade. Todavia, aquando da realização da nossa primeira intervenção, verificámos que a planificação inicial teria de sofrer alterações. Estas modificações prendiam-se, essencialmente, com a inconstante assiduidade dos participantes deste estudo, bem como do tempo que dispúnhamos para a realização do mesmo. Devido a estes factos, procedemos à alteração da nossa planificação inicial (ver anexo 4). Então, para a nossa segunda intervenção optámos por realizar experiências de âmbito mais criativo, porque desta forma, as atividades em contexto terapêutico seriam mais viáveis e iriam mais ao encontro dos objetivos específicos por nós estipulados.

Assim, estas experiências foram planeadas com o intuito de permitirem um aprofundar da relação entre as linguagens artísticas e o indivíduo. Pretendia-se que cada participante tivesse a possibilidade de descobrir mais acerca do seu próprio eu, despertando para a autoconsciencialização do seu mundo interior, através da autodescoberta e do autoconhecimento. Neste trabalho de autodescoberta não foi esquecida a cidadania e o saber relacionar-se com o outro, assunto que considerámos que poderia ir ao encontro aos interesses e ideias dos participantes.

Efetuada a nossa segunda intervenção, constatámos que as nossas planificações iriam sofrer oscilações ao longo de toda a nossa intervenção, pelas razões que já mencionámos anteriormente. A acrescentar, percebemos também que não foi possível realizar todas as atividades programadas para a sessão, porque os participantes têm o seu próprio ritmo de trabalho. Diante de mais uma dificuldade, tomámos consciência que durante toda a nossa investigação estaríamos diante de um facto muito importante, aprender a lidar com uma circunstância muito desafiadora como o imprevisto. Face a isto, entendemos que a planificação da nossa terceira intervenção teria de sofrer novo ajuste (ver anexo 12). Por se tratar de uma investigação/intervenção, foi nossa preocupação ir ao encontro daquilo que íamos percebendo serem as necessidades do grupo e de cada um dos sujeitos e, como tal, também as restantes planificações tiveram de ser estruturadas de forma rigorosa, lógica e sistemática (ver anexos 15 e 18).

Assim, com recurso às expressões artísticas, elaborámos diversas atividades com o intuito de compreender a relevância do papel destas linguagens face à pessoa em situação de risco e marginalizada/excluída, nomeadamente no que se refere ao envolvimento significativo e ao desenvolvimento da criatividade /potencial criador.

Desta forma, achámos que seria importante conhecer e compreender qual/quais a(s) expressão(ões) artística(s) que mais se destacavam em cada um dos participantes. Com isto, as nossas intervenções, doravante, poderiam realizar-se estando apenas um participante.

Relativamente à nossa última planificação (5ª sessão), gostaríamos de acrescentar uma ideia essencial em que nos fundamentámos. Atendendo às nossas observações e análises aprofundadas dos resultados obtidos através dos instrumentos de recolha de dados que utilizámos, decidimos partir para uma nova hipótese. Assim, no seguimento desta ideia, para a nossa última intervenção resolvemos fazer as atividades, tendo em conta dois princípios essenciais: as diretrizes do modelo Teacch e o Tratado de Salamanca (1994). Estes valores foram tidos em conta no nosso estudo, em razão das nossas observações e análises efetuadas ao comportamento dos participantes diante das expressões artísticas. Para além disso, o facto de percebemos que cada um é único e tem as suas próprias preferências.

3.2. Implementação – desenvolvimento das sessões

A implementação das sessões, nas etapas de uma investigação, corresponde à ação dessa mesma investigação. Assim, fizeram parte deste estudo exploratório cinco sessões de intervenção artística, que se realizaram de 1 fevereiro a 12 abril de 2018. Foram sessões que decorreram às quintas-feiras, de 15 em 15 dias, com a duração de cerca de 1h 30m (16h30m às 18h00m). Estas sessões decorreram nas instalações cedidas pela Junta de Freguesia de Leiria, local onde

semanalmente acontecem as reuniões do grupo terapêutico no âmbito do projeto Giros na Rua, promovido pela instituição INPULSAR.

As sessões desenvolveram-se do seguinte modo:

3.2.1. Primeira sessão (1 fevereiro 2018):

Para esta primeira sessão estava previsto apresentar diversas imagens referentes ao conceito cidadania (ver anexo 2). Pretendia-se que em grupo, os participantes explorassem e discutissem acerca dos seus direitos e deveres enquanto cidadãos. De outro modo, procurava-se compreender os conhecimentos e noções que estes tinham acerca do conceito de cidadania, bem como a atitude destes face ao mundo que os rodeia. No final, teriam de escolher uma ação coletiva e participativa a realizar na próxima sessão, atividade respeitante à cidadania ativa (ex. plantar uma árvore, uma ida ao museu, entre outras).

A sessão não se realizou dentro do previsto (ver anexo 1), em razão de ter comparecido apenas um utente, o participante B. Apesar do número de participantes ter sido insuficiente, a sessão foi realizada, sofrendo, no entanto, pequenas e ligeiras alterações. Assim, apenas ficámos pela observação, discussão, exploração e análise das imagens, sendo excluída a atividade coletiva a realizar na sessão seguinte.

Ainda que nesta primeira intervenção tenha estado somente um utente, considerei que, no geral, esta correu bem, isto porque houve uma participação ativa e uma aceitação do utente ante a atividade proposta.

3.2.2. Segunda sessão (15 fevereiro 2018):

Em relação à segunda intervenção estiveram presentes 5 utentes, os participantes B, C, D, F e G. Para esta sessão foi proposto que realizassem uma atividade criativa - “Laboratório Experimental de Criação Artística: Arte para Todos” (ver anexos 5 e 6). Através deste laboratório experimental procurava-se que estes experienciassem diversos momentos de criação artística, utilizando diferentes linguagens artísticas. O propósito era permitir o desenvolvimento das potencialidades e capacidades criativas de cada um.

Após sessão, verificou-se que as atividades para esta segunda intervenção não se realizaram na sua generalidade, em razão, das dificuldades ao nível da compreensão e do entendimento por parte destes participantes ante o solicitado e pelo tempo disposto, que se revelou escasso.

No entanto, e embora as atividades planificadas não tenham sido todas realizadas, a sessão decorreu de modo proveitoso, uma vez que os participantes se envolveram e participaram ativamente. Ao longo desta intervenção, no que diz respeito às linguagens artísticas, foi possível

verificar que houve três participantes, os participantes C, D e F, que mostraram interesse e motivação relativamente à expressão plástica (desenho).

Em contrapartida, os participantes B e G, embora tenham realizado a atividade, não mostraram uma atitude de grande envolvimento, tendo estes terminado a tarefa muito mais depressa.

3.2.3. Terceira sessão (1 março 2018):

No que concerne à terceira intervenção, só conseguimos realizar uma das atividades previstas na planificação (ver anexo 12, 13 e 14), ou seja, terminar a atividade, “Laboratório Experimental de Criação Artística: Arte para Todos”.

Estava previsto a realização de um exercício – relaxamento criativo (anexo 13) – antes de começarmos as atividades; no entanto, verificámos que este não ia ao encontro do interesse e da motivação dos participantes e optámos por retomar a atividade da sessão anterior, dando continuidade à mesma. Aqui, os participantes responderam com agrado e satisfação, conseguindo concretizar a mesma até ao fim.

Apesar da sessão não acontecer como o previsto na planificação, e ainda que tenham ocorrido pequenas alterações iniciais, consideramos que a sessão correu bastante bem. Com efeito, a recusa dos participantes em realizar o exercício - relaxamento criativo – acabou por deixar espaço para a realização de atividades mais direcionadas ao objeto do nosso estudo.

Em resposta às atividades propostas, percebemos que as dificuldades dos participantes são evidentes. Desta forma, após análise cuidada desta sessão de intervenção, entendemos que nova alteração à planificação teria de ser feita.

3.2.4. Quarta sessão (15 março 2018):

Relativamente à quarta sessão, tínhamos planeado utilizar o photovoice como metodologia participativa, a fotografia enquanto recurso no “jogo das emoções” (ver anexos 16 e 17).

Nesta penúltima intervenção, a sessão não correu de acordo com a planificação, salvo a última atividade proposta, a audição de músicas ciganas, em razão de ter estado apenas um utente, o participante B.

Todavia, considero que a sessão foi interessante e contribuiu para o avançar do estudo. Apesar de ter estado apenas um utente, o participante B mostrou uma atitude de participação ativa, maior concentração e atenção porque foi possível centrar as atividades em algo que lhe era significativo – a cultura cigana. Assim, tendo como base a música cigana, foi possível trabalhar mais profundamente esta linguagem artística, desencadeando um maior envolvimento emocional.

3.2.5. Quinta sessão (12 abril 2018):

Para esta sessão tínhamos idealizado duas atividades individualizadas e uma conjunta (ver anexos 18, 19, 20, 21, 22). Explicando melhor, pretendíamos desenvolver atividades utilizando as expressões artísticas que mais se destacavam em cada um deles. Contudo, salientamos que em virtude da inconstante assiduidade de alguns participantes ao longo deste estudo, não foi possível captarmos essa área artística em todos eles.

A sessão não correu como previsto devido à ausência de dois participantes, B e F.

Porém, esta atividade realizou-se na mesma com a participação de dois novos utentes, A e E. Sobre as atividades individuais, uma decorreu conforme planificação, a outra não foi executada em razão do participante C não querer realizar quaisquer atividades.

Na sua análise, a sessão realizou-se onde ocorreu um envolvimento e uma participação integral de três participantes: A, D e E. Com o decorrer desta sessão pudemos constatar que o comportamento e as atitudes dos participantes diante as expressões artísticas têm por base a afinidade que cada um sente em relação a essa mesma expressão. Deste modo, quando a confrontação entre o participante e a linguagem artísticas vai ao encontro às suas do que lhe é prazeroso e significativo, este sente-se motivado, ocorrendo, assim, uma estimulação e um envolvimento absoluto nas atividades. Isso verificou-se na atitude e comportamento do participante D, ao longo de toda a sessão, quando envolto com atividades ligadas à sua área de maior interesse, a arte e a expressão plástica.

CAPÍTULO III: APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

1. Apresentação e discussão de resultados

Partindo da análise de conteúdo, que utilizámos para organizar e tratar o conjunto de informações recolhidas no contexto empírico (Sousa & Baptista, 2011), cruzando com as contribuições teóricas apresentadas no capítulo 1, far-se-á, de seguida, a apresentação e a discussão dos resultados.

1.1. Envolvimento emocional: expressividade e sentimentos

Sobre esta primeira categoria, envolvimento emocional: expressividade e sentimentos, tentámos compreender as atitudes mais significativas, as expressões e os sentimentos que mais se salientaram nos participantes, quando confrontados com as expressões artísticas. Ao mesmo tempo, pretendíamos perceber se a realização de atividades de expressão artística favorece a envolvimento emocional de sujeitos de classes socialmente mais desfavorecidas, sendo a envolvimento emocional entendida como um instigador na qual o indivíduo se dá e se entrega (Matos & Ferraz, 2006).

Assim, com a realização de diversas atividades que utilizaram as linguagens artísticas como principal ferramenta, foi possível verificar que a temática expressividade e sentimentos foi um aspeto que emergiu, transversalmente, em todos os participantes entrevistados.

Segundo os dados apurados, a realização de atividades no âmbito das expressões artísticas permitiu aos sujeitos a criação de estratégias de desenvolvimento ao nível da comunicação, sendo perceptível uma maior expressividade: “Porque foi uma forma de exprimir o que ia na alma” (Participante E – Questão 1). Com efeito, e conforme revelam os dados, o contacto direto com as linguagens artísticas permitiu criar momentos onde os participantes se revelaram mais expressivos e comunicativos: “(...) Em relação à atitude do utente B, ante a exploração das imagens, achei interessante o facto deste, através da fotografia, partilhar a sua opinião pessoal. [...] a exploração das imagens, enquanto meio para comunicar e dialogar, permitiu que o participante B mostrasse interesse em querer saber e aprender e que apresentasse e partilhasse as suas próprias ideias, pensamentos e questões (...)” (Diário de Bordo 1).

Neste sentido, e conforme revelam os dados, a utilização das linguagens artísticas, por pessoas com as características dos nossos participantes, pode ser um veículo privilegiado de expressão, muito associado, até, a uma questão mais emocional: “Outro aspeto a mencionar, foi a felicidade presente e visível na expressão facial deste, na qual o riso se manifestou incessantemente [...] Favoreceu e provocou uma atitude de felicidade, neste caso, quando a ela [música] se referiu. (...)” (BD2)

Em face ao exposto, as linguagens artísticas salientaram-se enquanto instrumentos que desencadearam a expressividade emocional e os sentimentos profundos: “Eu gosto do barulho das teclas, porque me dá arrepios por gostar, porque eu gosto de ouvir.” (PC-Q8).

Segundo os dados apurados, este aumento da expressividade permitiu perceber que “(...) em algumas das atividades os participantes mostraram comportamentos distintos (...) principalmente naquelas atividades relacionadas com as práticas artísticas ligadas às suas aptidões pessoais”. (DB3)”, salientando-se duas posturas diferentes: enquanto que uns descobriram nas linguagens artísticas atividades prazerosas, de aumento de autoestima: “(...) A que achei mais interessante foi a parte do desenho, porque há muito que não desenhava [...] e senti-me muito bem” (PD-Q3); “foi uma forma de exprimir o que ia na alma” (PE-Q1) e até de reflexão sobre a vida (Lopes, 2007), como admite este participante: “Acho que foi tudo engraçado, como se a gente levasse tudo natural sem pensamentos negativos (...) e a gente pensar um bocadinho e refletir” (PD-Q7); outros, manifestaram atitudes mais críticas em relação a si próprios e à forma como trabalharam nas atividades: “Eu tenho inveja deles, porque desenhavam bem melhor do que eu. Gostava de desenhar bem para me sentir bem comigo próprio. A pior coisa que eu fiz foi parar com o desenho.” (PC-Q4) Na verdade, “(...) em algumas das atividades os participantes mostraram comportamentos distintos (...) principalmente naquelas atividades relacionadas com as práticas artísticas ligadas às suas aptidões pessoais. (...)” (DB4).

Os dados apurados permitem perceber que as linguagens artísticas favorecem momentos de bem-estar e de exteriorização de pensamentos e de sentimentos, permitindo, como explica a diretora técnica, “desenvolver esta capacidade emocional, não só nos utentes, mas também percebermos que há aqui coisas que podemos potenciar” (Diretora Técnica -Questão 3). Esta ideia é reforçada pelo assistente social, quando explica “alguns acabam por se envolver mais, consoante a metodologia, outros nem tanto [...] mas acho que sim, cada um acabou por se envolver emocionalmente com a metodologia” (Assistente Social – Questão 3).

Verificamos, destarte, em relação à temática, envolvimento emocional, que as expressões artísticas, enquanto autêntica expressão universal (Vieites, 2007), permitiram o fomento da expressividade e da exteriorização dos sentimentos, através da partilha pessoal e emocional.

Assim, à luz dos dados obtidos, constatamos que as expressões artísticas se constituíram em instrumentos essenciais e fundamentais enquanto meio de expressão e de comunicação por serem fonte e agentes de libertação, meios para os indivíduos canalizarem as suas próprias emoções, pensamentos e sentimentos (Oliveira 2007).

1.2. Criatividade

No que toca à categoria criatividade, tencionámos compreender se as linguagens artísticas desenvolviam a criatividade dos participantes deste estudo, indivíduos excluídos e marginalizados socialmente.

Assim, num primeiro momento, os dados indicam que a duração da intervenção foi insuficiente para se poder verificar se existiu desenvolvimento da criatividade dos participantes, tal como esclarece a diretora técnica: “Eu acho que a criatividade já existe nestes utentes. Eu acho que se calhar, foi (...), foi salientada. (...) não foi propriamente desenvolver, porque eu acho que não houve tempo para desenvolver propriamente a criatividade, houve sim, para nos mostrar essa criatividade. Houve esse espaço, para mostrar essa criatividade” (DT-Q4).

Contudo, e tal como indicam os dados, a criatividade foi, efetivamente, incentivada/trabalhada nos participantes “a fotografia (...) serviu como um fator de promoção do desenvolvimento da criatividade, um indutor estimulante à construção de uma história criativa.” (DB5); “(...) esta intervenção (...) acabou por envolver muito a questão artística e a questão da criatividade deles.” (AS-Q4), podendo, assim, a vir a dar frutos: “Penso que pode ter ajudado a eles perceberem, a tomarem consciência que pode ser um meio para eles utilizarem a sua criatividade. (...) Penso que será preciso mais tempo, e perceber se isto efetivamente ajudou na criatividade deles ou não.” (Enfermeira, Questão 4).

Face ao exposto se, por um lado, os dados evidenciam um reconhecimento da criatividade enquanto aspeto inerente a cada ser humano, por outro, também demonstraram que as linguagens artísticas e o envolvimento dos participantes em processos artísticos são ferramentas cruciais no despertar da consciência criativa (Quintas & Castão, 1998; Jacob, 2007).

1.3. Aprendizagens

A categoria aprendizagens permitiu-nos conhecer as perceções dos participantes relativamente às aprendizagens feitas no contacto com as linguagens artísticas.

Com efeito, as aprendizagens foram um aspeto mencionado por quatro participantes, - C, D, E e G -, como sendo um importante elemento do trabalho desenvolvido pela investigadora.

O participante C admitiu: “(...) são atividades que eu gosto e sempre gostei e acho que é bom, porque faz bem ao cérebro” (PC-Q1), acrescentando: “Aprendi. Aprendi a saber mais coisas do que é a arte.” (PC-Q6). Por sua vez, o participante D reconheceu: “Gostei, tanto do convívio como da participação das atividades, porque acho que é bom no sentido positivo, porque a gente aprende sempre alguma coisa” (PD-Q1). Por seu lado, o participante E vai mais além, refletindo: “aprendi que com este tipo de atividade, pode ser o tempo necessário para fazer a escolha certa, diante de

alguns pensamentos que me levam à tentação de fazer coisas que em nada contribuem para qualquer coisa boa.” (PE-Q4). Já o participante G refere: “Aprendi coisas novas, coisas alegres” (PG-Q4).

Em relação à categoria aprendizagens, os dados revelam que as linguagens artísticas impelem a uma introspeção, uma vez que os participantes são levados a realizar uma análise reflexiva. As linguagens artísticas desempenharam, assim, uma função fundamental no processo de desenvolvimento do eu (Lopes, 2010; Oliveros, 2017; Ruiz, 2018) ao impulsionar o processo de autodescoberta e de autoconhecimento.

1.4. Conhecimentos artísticos

Através desta categoria, procurámos conhecer quais eram os conhecimentos artísticos dos participantes deste estudo no que se refere às linguagens artísticas.

Os dados apurados permitem-nos verificar que a grande maioria dos participantes já detinha conhecimentos artísticos, à exceção de um, que não se manifestou acerca deste assunto. Esses conhecimentos incidiam, sobretudo, na área da expressão plástica, designadamente, no desenho: “porque a tinta é mais forte, nota-se mais o desenho. (...) O segredo do desenho está no sombreado (...) Se eu chegar ao pé de um pintor e lhe disser qual o segredo do desenho, ele vai dizer o mesmo que eu, que são as sombras. O sombreado é o que faz o desenho mais vivo, mais real. O abstrato é um desenho para baralhar as pessoas” (PC-Q2), explica o participante C de forma convincente e entusiasta. Por sua vez, o participante B, ainda que revelasse grandes dificuldades ao nível da expressão e da comunicação afirmou, gesticulando: “Barro em cima do coiso, mexer por baixo com o pé. Uma coisa que está aqui em cima (exemplificando com as mãos), e dá para fazer um buraco” (PB-Q10). Já o participante D admitiu que: “Dentro da Arte, arte de escultura, pintura, materiais, porcelanas, vidro.” (PD-Q10). Por último, o participante E ressalta: “(...) porque para além de todo o processo que a fotografia é composta existe também a hipótese de transportar para o papel imagens que valem, certamente, por qualquer designação de todos os dicionários” (PE-Q5).

Assim sendo, em termos de conhecimentos artísticos, e segundo os resultados apurados, os participantes demonstraram já deter alguns conhecimentos no âmbito das expressões artísticas, aspeto importante para o desenvolvimento da intervenção proposta (Bernet, 2004; Matos & Ferraz, 2006).

1.5. Gostos artísticos

Com esta categoria, gostos artísticos, queríamos saber quais os gostos que os participantes mais manifestavam no que se refere ao âmbito artístico. Logo, e conforme nos indicam os dados, os gostos são bastante variados, com interesses por diversas áreas artísticas.

Para o participante B, as áreas de maior foco são a música, o desenho, a expressão plástica e a fotografia: “(...) Gosto de música cigana, música cigana de casamento, também (...) Olha eu adoro. Às vezes estou a ver televisão e filme, gosto de música. A minha vida é música (...)”, acrescentando também “Gostei desenhos (...) Fazer desenhos, pintar, gostei também (...) fotografias bonitas, desenhos, lama para fazer desenhos, bonecas e assim. (...) Gostei muito. Gosto de fotografia, gosto muito”

Já para o participante C, as vertentes artísticas prediletas são o desenho: “(...) Eu gosto de conhecer e aprender sobre pintores e gostava de ser como eles. O pintor que eu gosto é o Picasso. [...] Gosto mais da pintura a óleo, acho interessante (...) Gostava de aprender a treinar o sombreado do desenho. (...) O que eu gostava mais de treinar era o sombreado (...) Eu gostava de desenhar como eles (referindo-se aos pintores)”; a música: “Música gostava, porque eu gosto do som do piano, do violino” e a dança: “Dança também gostava, a dança robótica. Eu gosto desse tipo de música.”.

Por sua vez, o participante D salienta que aquilo que mais lhe causou interesse: “(...) foi a parte do desenho, porque há muito que não desenhava.”. Questionado sobre o porquê de gostar da arte, este responde: “Sempre me fascinou, porque...sei lá. Tem uma maneira de ver a Arte, tem coisas bonitas e muitos segredos”.

Por último, para os participantes E e G os seus interesses situam-se ao nível da fotografia e da música, onde E declara: “(...) se tivesse oportunidade certamente ligaria-me à fotografia (...)”, e G afirma: “(...) Música, porque eu gosto de ouvir música.”.

Uma análise aos dados apresentados permite constatar que o desenho é a linguagem artística de maior predominância entre os participantes desta investigação, seguido da música e da dança como expressões de grande interesse.

1.6. Vivências artísticas passadas

Em relação às vivências artísticas passadas, propusemo-nos conhecer as vivências quanto ao passado artístico destes participantes e percebemos que memórias passadas ligadas às expressões artísticas é um aspeto que se verifica em todos eles.

Assim, e em primeiro lugar, destaca-se a música: “Em criança gostava muito, cigana, é sempre a música cigana (...)” (PB-Q8); “Agora não, mas antes ouvia” (PG-Q11).

Uma outra expressão artística que se destaca é a expressão plástica: “(...) sempre achei interessante o desenho e sempre desenhei. (...) A pior coisa que eu fiz foi parar com o desenho.” (PC- Q7); “Houve determinados trabalhos de estalactites que eu fiz e acho bonito” (PD-Q10).

Por último, e na ótica do participante E, a linguagem expressiva que mais ligação tem com ele é a fotografia, esclarecendo: “Porque há uns anos atrás, trabalhei no processo fotográfico e gostei muito.” (PE-Q6).

Como podemos observar, os dados revelam que todos os participantes admitiram ter tido vivências artísticas no seu passado. Contudo, se por um lado, alguns participantes tiveram a oportunidade de fruir de experiências ligadas às vertentes artísticas durante períodos de tempo mais longos, por outro lado, também se verifica em alguns participantes a realização de atividades de cariz artístico apenas em momentos pontuais.

1.7. Importância das linguagens artísticas em contexto terapêutico

Esta dimensão, importância das linguagens artísticas em contexto terapêutico, foi analisada com o intuito de conhecer as perceções dos participantes e dos técnicos relativamente à **importância das expressões artísticas em contexto terapêutico**.

Quanto a este ponto, interessou-nos conhecer a relevância das expressões artísticas na perspetiva da transformação e das mudanças pessoais e sociais (Abad, 2011; Bernet, 2004; Eça, 2010).

No que se refere às perceções dos participantes deste estudo, só um dos inquiridos não mencionou nada acerca deste assunto, o participante B. Relativamente aos outros participantes, as opiniões divergiram, onde cada um opinou de modo único e pessoal, no entanto, de uma forma geral, todas elas foram ao encontro do que tem vindo a ser mencionado: as artes enquanto metodologia interventiva, ferramenta privilegiada para processos de introspeção (Oliveira, 2007), onde o indivíduo cria e produz o seu próprio diálogo interior (Lopes, 2007): “foi uma forma de exprimir o que ia na alma [foi] uma forma de fazerem algumas pessoas das ditas excluídas pela sociedade obterem a atenção na parte de pessoas que no fundo, por breves momentos nos fazem sentir úteis.” (PE-Q1) e acrescenta “aprendi que com este tipo de atividades, pode ser o tempo necessário para fazer a escolha certa diante de alguns pensamentos que me levam à tentação de fazer coisas que em nada contribuem para qualquer coisa boa.” (PE-Q5).

Sobre esta opinião, tal como já foi referido anteriormente, estamos perante a introspeção, na qual acrescentamos aqui a exteriorização e reflexão. O momento em que a partir das artes o

participante reflete e cria um diálogo com o seu próprio interior, induzindo-o a manifestar os seus sentimentos, pensamentos e emoções.

Para o participante D, este contacto com as linguagens artísticas é benéfico porque, tal como ele refere: “(...) Foi um género de escape da vida quotidiana.”, salientando: “Acho que foi tudo engraçado, como se a gente levasse tudo natural sem pensamentos negativos (...)”, é a oportunidade que ele define e entende como: “ a gente pensar um bocadinho e refletir.”, um momento de: “(...)convívio entre todas as pessoas que vivem no dia-a-dia, praticamente na rua.”. Já o participante G admite que gostou “Do convívio, as pessoas estavam calmas e não havia confusões. Quando há convívio há tudo.”.

Os resultados obtidos revelam que o contacto com as artes proporciona a introspeção, mas, também conduz à oportunidade de convívio, de fomento das relações interpessoais entre todos os membros que integravam o grupo terapêutico. Mais uma vez, os dados apontam para a importância das artes enquanto impulsionadoras de expressividade interior e de desenvolvimento das relações interpessoais entre os indivíduos em contexto terapêutico (Cerdá, Cerdá & Cerdá, 2006; Jacob, 2007).

No que se refere às perceções dos técnicos, os dados apontam para um reconhecimento da importância das práticas artísticas em contexto terapêutico. Nesta linha, a diretora técnica esclarece:“(...) sempre reconhecemos essa importância das linguagens artísticas (...), enquanto motor na inclusão, quer em âmbito de outras atividades, quer em contexto terapêutico (...)” e explica “(...) estas linguagens artísticas são importantes, principalmente, quando têm um significado ou um objetivo e conseguimos trabalhar para além da competência artística uma série de outras competências que estão associadas.”.

No que se refere às representações do assistente social, este técnico admite: “(...) as linguagens artísticas acabam por ser uma forma de trabalho em contexto mais informal (...) e que nós achamos que, através destas práticas, conseguimos captar mais a atenção deles (...) isto em contexto terapêutico acabou por resultar muito bem. Porque conseguimos (...) captá-los e motivá-los a virem (...) participar nas atividades terapêuticas” e exemplifica: “Durante aquele tempo em que estavam a fazer os desenhos, estavam completamente atentos e pareciam que estavam nas «coisas». Mesmo o D a ler, a questão dos livros, as imagens, o A a participar, o C concentradíssimo (...)”.

No seguimento destas ideias, a enfermeira apresenta o seu ponto de vista: “Pode ser uma forma de expressão, porque muitas vezes eles não conseguem logo à partida falar diretamente aquilo que estão a sentir (...) a pensar. (...) as linguagens artísticas podem ser um meio para conseguirmos chegar a eles e eles se exprimirem.”, [o facto] de trabalharmos algumas questões artísticas, ajudam a desbloquear um bocadinho a forma deles se exprimirem, não usando o que é habitual,

que é a falar. (...) Podem usar a pintura, o desenho como meio de exprimir aquilo que estão a sentir (...) no desbloqueio emocional”,

Assim, os dados relativos às percepções dos técnicos permitem-nos perceber que todos admitem a importância das linguagens artísticas no que diz respeito a práticas inclusivas:“(...) As linguagens artísticas são sempre uma mais-valia, são certamente úteis na integração e na inclusão social. ” (DT-Q1) na medida em que“(...) permitem dar uma outra visão da intervenção, ou seja, salientar o demais positivo que há nestes grupos, que muitas vezes são excluídos e marginalizados. Permite ver o outro lado, potenciar estes fatores ou estas capacidades destes indivíduos e trabalhar outras questões, às vezes muito mais eficaz do que qualquer ação programada (...)” (DT-Q2). Por isso, as práticas artísticas“(...) podem ser uma ferramenta útil para ajudar as pessoas a ficarem mais à vontade, mais confiantes naquilo que vão dizendo. (...)” (E-Q1).

Neste sentido, os dados reforçam a ideia de que as linguagens artísticas são naturalmente uma ponte, são propulsoras e intermediárias para uma sociedade cada vez mais inclusiva. Dito de outro modo, as linguagens artísticas coadjuvam na interajuda recíproca, na uniformidade inter-relacional entre a sociedade e os indivíduos socialmente marginalizados e excluídos (Reis, 2014). As artes, como representação de uma forma de união, são terreno fértil na criação de oportunidades de igualdade (Lopes, 2007).

1.8. Impacto da Investigação

No que se refere à categoria impacto da investigação quisemos conhecer as representações dos técnicos que acompanharam todo o processo de intervenção do estudo que aqui se apresenta, relativamente à relevância do papel das linguagens artísticas, face à pessoa em situação de risco e marginalizada/excluída.

Desta forma, e segundo os dados obtidos, os técnicos percecionaram esta investigação como tendo sido uma mais-valia porque revelou áreas artísticas que não estavam a ser exploradas pela equipa:“(...) um aspeto muito importante deste trabalho, foi (...) uma parte que nós não tínhamos explorado muito, é a questão dos desenhos e acho que resultou muito bem, e acho que foi o momento alto da intervenção, porque descobrimos aqui gostos e muitos interesses (...) até porque nos parece, que há aqui interesse (...)” (DT-Q3). Para além disso, o assistente social admite:“(...) acho que dos mais importantes, dos mais enriquecedores da investigação, foi que nós não tínhamos a noção que eles tinham tanto interesse e tanta motivação (...)”,rematando:“(...) com esta investigação, nós de certa forma concluímos que as artes acabam por ser importantes e acabam por ser um aliado e uma ferramenta que podemos utilizar no nosso trabalho. (...)” (AS-Q4).

Em conformidade com os dados apresentados, os técnicos compartilharam da opinião de que as linguagens artísticas detêm uma função essencial e necessária em indivíduos em situação de risco e marginalização/exclusão (Lopes, 2007).

CAPÍTULO IV: SÍNTESE CONCLUSIVA

1. Síntese conclusiva

Após a apresentação e discussão dos dados, chegámos ao último capítulo, espaço onde apresentaremos as principais conclusões que foram emergindo ao longo deste estudo de natureza exploratória.

Partindo do pressuposto de que as práticas artísticas podem assumir um papel importante na resposta a situações e a problemáticas de âmbito social (Garcia, 2004), e de que as artes podem ser ferramentas de relevo no âmbito de uma metodologia terapêutica (Lopes, 2007), procurámos conhecer a importância das linguagens artísticas em contextos de exclusão social, particularmente, as possibilidades das expressões artísticas funcionarem enquanto instrumentos terapêuticos em pessoas socialmente excluídas e marginalizadas.

Para dar resposta aos objetivos a que nos propusemos, realizámos um conjunto de cinco sessões práticas, com o grupo terapêutico da instituição INPULSAR, onde as linguagens artísticas foram a principal ferramenta utilizada. Para além da conceção e da implementação das sessões de intervenção, a investigadora realizou ainda observação participante, com registos nos diários de bordo, entrevistas a 5 sujeitos que participaram de livre e espontânea vontade nas sessões e entrevistas aos 3 técnicos responsáveis por este mesmo grupo: a diretora técnica, o assistente social e a enfermeira.

Em relação ao primeiro objetivo, o envolvimento emocional, procurámos conhecer as atitudes mais significativas, as expressões e os sentimentos que mais se salientaram nos participantes, quando integrados em atividades de expressão artística. Em resposta a este ponto, as expressões artísticas salientaram-se enquanto estímulo no processo de autorreflexão e de exteriorização de sentimentos (Barroco & Superti, 2014), favorecendo a envolvimento emocional dos participantes, sujeitos de classes socialmente mais desfavorecidas, numa perspetiva de inclusão social (UNESCO, 2014).

Com efeito, verificámos que estes indivíduos, quando em contacto com as linguagens artísticas se envolvem bastante emocionalmente. A realização de atividades de cariz artístico fomentou nos participantes uma maior expressividade emocional, decorrente dos processos desencadeados de autoconhecimento, de autodescoberta e da autoconsciência de quem verdadeiramente são. Para além disso, gerou também um melhor conhecimento do outro, influenciando positivamente as relações interpessoais no grupo.

Um outro aspeto importante prende-se com a participação e a motivação demonstradas para a realização das atividades. Através das atividades artísticas, verificámos que existiam áreas artísticas para as quais os participantes detinham maior afinidade. Deste modo, e partindo desses interesses artísticos, conseguiu-se criar mais interesse e maior envolvimento nas atividades propostas.

No que concerne ao nosso segundo objetivo, quisemos compreender se as linguagens artísticas desenvolvem a criatividade /potencial criador na pessoa socialmente excluída, uma vez que as artes são uma forma de expressão e comunicação universal e intrínseca a todos os seres humanos (Vieites, 2007), as expressões (música, fotografia, música, entre outras) vêm dar ênfase ao despertar criativo (Jacob, 2007; Oliveira, 2007; Quintas & Castãno, 1998).

Contudo, e no que concerne à nossa investigação, verificámos que não se deu nos participantes um desenvolvimento da criatividade, essencialmente devido ao pouco tempo disponível para a intervenção. Porém, constatámos que as linguagens artísticas podem ter um papel crucial no despertar da criatividade, mostrando o eu artístico dos participantes deste estudo.

Por este facto, após a participação destes sujeitos em experiências de natureza artístico-criativas, verificámos que esta “fusão” permitiu que os sujeitos se autoconhecessem, provocando uma introspeção e, a partir dessa mesma autodescoberta, foram impelidos ao florescimento da sensibilidade artística e criativa.

Um outro aspeto de relevo, é o facto de os participantes já terem tido contacto com as linguagens artísticas e, em muitos, denotava-se a afetividade presente nas memórias passadas, associadas às expressões artísticas.

Assim sendo, diante destes factos, concluímos que existe uma complementaridade entre os nossos dois objetivos. Categoricamente, sendo a expressividade uma capacidade instintiva e inata (Vieites, 2007), e as artes um forte aliado no desenvolvimento dessa mesma expressividade, acreditamos que estes sujeitos em contacto com as linguagens artísticas são impelidos ao despertar artístico-criativo. Através da realização deste tipo de atividades, estes sujeitos vão ao encontro da sua verdadeira essência, na procura e na descoberta da própria personalidade (Benetti & Oliveira, 2016; Barroco & Superti 2014; Oliver Sacks, 2007; Reily, 2006).

Com efeito, os dados demonstram que as linguagens artísticas podem, efetivamente, transformar-se em meios privilegiados de expressão, onde os indivíduos em contexto terapêutico se podem revelar. Os participantes deste estudo, quando confrontados com as expressões artísticas, revelaram maior motivação, expressividade, comunicação e criatividade, sendo impulsionados à participação.

As artes, perspetivadas enquanto processo metodológico de âmbito terapêutico (Lopes, 2007) possibilitam a intervenção participativa de transformação (Correia, 2008). As artes que em contextos de exclusão e desqualificação social compreendem todo o mecanicismo dos conceitos, conhecimento e valorização (Abad, 2011) dos sujeitos que agregam e compõem estas classes mais desfavorecidas e marginalizadas.

Assim, podemos concluir que as expressões artísticas têm efetivamente um papel de relevo em contexto terapêutico porque influenciam e atuam, dando resposta a situações de marginalidade e de exclusão social (Garcia, 2005; Reis, 2014).

Em jeito de síntese, os resultados apurados nesta investigação permitem perceber que as linguagens artísticas têm efetivamente, um papel fundamental no que diz respeito a indivíduos em situação de risco, marginalização e exclusão social. Destacou-se, também, a importância destes usufruírem de práticas inclusivas de âmbito cultural e artístico e de lhes serem proporcionados momentos e vivências de maior proximidade nas áreas artísticas que mais se destacam em cada um deles.

1.1. Limitações deste estudo:

No que concerne às limitações deste estudo de âmbito exploratório, gostaríamos de apontar, em primeiro lugar, a escassez de investigações e de trabalhos teóricos feitos nesta área, o que tornou a pesquisa bibliográfica muito mais difícil e complexa. Com o intuito de superarmos estas dificuldades, decidimos envergar por práticas interventivas ligadas a esta temática investigativa.

Um outro aspeto diz respeito à falta de uma intervenção mais prolongada que nos permitisse perceber se as linguagens artísticas desenvolvem, ou não, a criatividade. Com o número de sessões realizadas só conseguimos perceber que as linguagens artísticas impelem o indivíduo a mostrar a sua criatividade. Efetivamente, comprovamos que não dispusemos, de tempo útil e necessário para determinar uma resposta mais definitiva.

1.2. Novas pistas:

Terminamos a síntese conclusiva com indicações para estudos futuros e que advêm das diversas interrogações que nos foram surgindo durante as intervenções e que poderão abrir campos a outras práticas investigativas:

- Será que a música cigana pode ser utilizada enquanto motivação e interesse no ensino e aprendizagem da leitura e da escrita em pessoas ciganas analfabetas?
- Quais os benefícios da música cigana, enquanto meio de intervenção, no desenvolvimento da expressividade e da comunicação em indivíduos ciganos?

Referências bibliográficas

Abad, J. (2011). Usos y funciones de las artes en la educación y el desarrollo humano: funciones de las artes y experiencias humana. In L. Jiménez, I. Aguirre & L. Pimentel [Orgs.]. Educación artística, cultura y ciudadanía. De la teoría a la práctica. Madrid: Fundación Santillana.

Abraçar o abraço. (2005). Acedido em <https://janelas.blogs.sapo.pt/11486.html>.

American Psychological Association (2014). Publication manual of the American Psychological Association (5ª ed.). Washington: American Psychiatric Association (APA).

Ander-Egg, E. (2011). Metodologia em Animação Sociocultural. In M. Lopes [Coord.], Metodologias de Investigação em Animação Sociocultural (pp.15-20). INTERVENÇÃO – Associação para a promoção e divulgação cultural/CHAVES.

Angel, N. (2018). A vida é uma dança. Acedido em <https://www.youtube.com/watch?v=-TT3CQJ1PMc>.

Angel, P. (2002). Prevenção: Prevenção do uso e do abuso de “drogas”. In P. Angel, D. Richard & M. Valleur [Coord.] Toxicomanias. Lisboa: Climepsi Editores.

Arana, A. & Klebis, A. (2015). A importância do incentivo à leitura para o processo de formação do aluno. Acedido em http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/17264_7813.pdf.

Azevedo, F. & Balça, A. (2016). Leitura e educação literária. Lisboa: Pactor.

Barbosa, A. (2008). Mediação cultural é social. In A. Barbosa & R. Coutinho [Orgs.] Arte/educação como mediação cultural e social. São Paulo: Editora UNESP.

Barbosa, A. & Coutinho, R. (2009). Arte/educação como mediação cultural e social. São Paulo: Unesp.

Barroco, S. & Superti, T. (2014). Vygotsky e o estudo da psicologia da arte: contribuições para o desenvolvimento humano. Brasil: Universidade Estadual de Maringá. Acedido em <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v26n1/04.pdf>.

Barros, A. & Duarte, J. (2006). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. (2ª ed.) São Paulo: Atlas.

Benetti, I. & Oliveira, W. (2016). O poder terapêutico da escrita: quando o silêncio fala alto. A terapêutica e a natureza do terapêutico II. 19, vol. VIII, 67-77. Acedido em

<http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/issue/view/v.%208%2C%20n.%2019%20%282016%29>.

Benevides, D., Pinto, A., Cavalcante, C. & Jorge, M. (2010). Cuidado em saúde mental por meio de grupos terapêuticos de um hospital-dia: perspectivas dos trabalhadores de saúde. (pp.127- 38). Interface – Comunicação, Saúde, Educação, v.14, n.32. Acedido em https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/icse/v14n32/11.pdf.

Bento, A. (2008). Teatro e animação sociocultural: Parceiros Inequívocos em Estratégias de Participação Social e Desenvolvimento Cultural. Animador Sociocultural: Revista Iberoamericana,2, pp.25-35. Madrid: Editorial CCS. Acedido em <http://www.lazer.eefd.ufrj.br/animadorsociocultural/pdf/ac203.pdf>.

Bento, A. & Barreto, E. (2002). Sem-Amor Sem-Abrigo. Lisboa: Climepsi editores.

Bernet, J. (2004). Conceito, Exame e Universo da Animação Sociocultural. In J. Trilla [Coord.]. Animação Sociocultural: Teorias, Programas e Âmbitos. (pp.26-30). Lisboa: Instituto Piaget. Horizontes Pedagógicos.

Bessa, M. (1970). Artes plásticas entre as crianças. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editôra.

Blog Camp. (n.d.) Como perder a vergonha. Acedido em <https://blogcamp.com.br/como-perder-a-vergonha/>.

Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora.

Brinca, J. (2018). O Serviço Social nas Equipas de Rua: Modelo (s) de Prática (s). Edições Esgotadas

Cardoso, L.& Cunha, R. (2011). Trocas afetivas e psicossociais em musicoterapia: grupos no centro de atenção psicossocial álcool e drogas. Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia, 2, 74-94. Acedido em <http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/incantare/article/viewFile/178/185>.

Caride, J. (2012) De la educación a la animación en sociedades complejas: o la reivindicación de un quehacer pedagógico y sociocultural crítico. IN Atas do V Coloquio Internacional Animación

Sociocultural – Cultura, Educación y Ciudadanía. Facultad de Educación. Universidad de Zaragoza – Instituto de Educación y Políticas Sociales de Aragón: pp. 59-69.

Carmo, H. & Ferreira, M. (2008). Metodologia da investigação: guia para a auto-aprendizagem (2ª ed.). Universidade Aberta.

Castel, R. (2004). Encuadre de la exclusión. In: Karsz, S. [Org.] La exclusion: bordeando sus fronteras. Barcelona: Gedisa Editorial.

Cerdá, Rosário; Cerdá, Pilar & Cerdá, Maria. R. (2006). Animación Cultural: serviços socioculturales y a la comunidade. (pp.69-71) Barcelona: Altamar.

Cerrillo, P. A escrita criativa dos alunos. Revista Desenredo. 4 (2), 177-191. Acedido em <http://www.seer.upf.br/index.php/rd/article/view/698/456>.

Chagas, A. (2013). A mulher pecadora e as pedras da mentira. Acedido em <https://blog.comshalom.org/rapaduraespiritual/a-mulher-pecadora-e-as-pedras-da-mentira/> .

Clavel, G. (2004). A Sociedade da Exclusão Social: compreendê-la para dela sair. Porto: Porto Editora.

Classical critical, (2014). Mozart Unlock the Creative Spirit. (mozart effect volume III). Acedido em https://www.youtube.com/watch?v=ZywGDo6UY_M.

Cofina Média. (2017). Autárquicas ao minuto. Acedido a 23 janeiro.2018. Disponível em <http://www.cmjornal.pt/politica/detalhe/94-milhoes-de-eleitores-chamados-hoje-a-votar-para-308-municipios>.

Correia, P. (2008). A importância da animação comunitária como modelo e metodologia de intervenção social e comunitária no contexto da educação não formal. Animador Sociocultural: Revista Iberoamericana. 3(1). Acedido em <http://www.lazer.eefd.ufri.br/animadorsociocultural/>.

Costa, Alfredo (2004). Exclusões Sociais. Cadernos Democráticos, 2. (4ª ed.) Fundação Mário Soares Lisboa: Edição Gradiva.

Costella, A. F. (1997) Para apreciar a arte: roteiro didático (4ª ed.). São Paulo: Editora Senac.

Coutinho, C. & Dias, M. (1993). A imagem no ensino de crianças com necessidades educativas especiais. Revista Portuguesa de Educação, 6 (3), 57-66. Acedido em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/523>.

Coutinho, C. (2011). Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática. (2ªed.) Coimbra: Almedina.

Cristina, B. (2017). Música maravilhosa para relaxar: piano suave e violino. Acedido em <https://www.youtube.com/watch?v=8W-A3L-thzk>.

Cunha, R., & Volpi, S. (2008). A prática da musicoterapia em diferentes áreas de atuação. Revista científica/FAP. 3, pp.85-97. Acedido em <http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/revistacientifica/article/view/1627/966>.

Damasceno, C. (n.d.). Como desenhar expressões faciais. Acedido em <http://carlosdamascenodesenhos.com.br/aulas-de-desenho-gratis/famoso-cientista-revela-como-desenhar-expressoes-faciais/#>.

Decreto-lei nº 139/ 2012, de 05 julho. [Princípios orientadores da organização e da gestão dos currículos dos ensinos básico e secundário]. Diário da República- I Série A. Lisboa: Ministério da Educação e Ciência. Acedido em <https://dre.pt/web/guest/pesquisa/-/search/178548/details/maximized>.

Delors, J., Al-Mufti, I., Amagi, I., Carneiro, R., Chung, F., Geremek, B., ...Nanzhao, Z. (1998). Educação um tesouro a descobrir: Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI. Porto: Edições ASA. Acedido em http://dhnet.org.br/dados/relatorios/a_pdf/r_unesco_educ_tesouro_descobrir.pdf

Diogo, F., Castro, A. & Perista, P. (2015) “Pobreza e exclusão social em Portugal: contextos, transformações e estudos” (pp.1-26). Famalicão: Edições Húmus.

Duarte, A. (2018). Em Angola, a escola não é de todos. Acedido em <https://escolapt.wordpress.com/2018/09/25/em-angola-a-escola-nao-e-para-todos/>.

EAPN (2011). A Estratégia Europa 2020. Acedido em https://www.eapn.pt/iefp/docs/Estrategia_Europa_2020.pdf.

Eça, T. (2010). A educação artística e as prioridades educativas do início do século XXI. Revista Iberoamericana de educación. (52), pp.127-146. Acedido em <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3157570>

EUROSTAT. (2017). Your key to European Statistics. Acedido em <http://ec.europa.eu/eurostat/news/themes-in-the-spotlight/poverty-day-2017>.

- EUROSTAT. (2017). Risk of poverty or social exclusion. Acedido em http://acegis.com/wp-content/uploads/2017/10/Eurostat_risk-of-poverty-or-social-exclusion-rate-UE_ACEGIS.pdf
- EUROSTAT. (2017). People at risk of poverty or social exclusion. Acedido em http://ec.europa.eu/eurostat/statisticsexplained/index.php/People_at_risk_of_poverty_or_social_exclusion
- Faria, S. & Vieira, R. (2016). Epistemologia e metodologia em mediação e ciências sociais. In R. Vieira, J. Marques, P. Silva, A. Vieira, & C. Margarido [Orgs.] “Pedagogias de mediação intercultural e intervenção social” (pp.105-124) Porto: Edições Afrontamento.
- FEANTSA. (n.d.). ETHOS Typology on Homelessness and Housing Exclusion. Federação Europeia de Associações que Trabalham com Sem-Abrigos. Acedido em <https://www.feantsa.org/en/about-us/faq>.
- Filhos. (2014). Ensinar as crianças a amar a natureza é tarefa importante – e elas adoram! Acedido em <http://delas.ig.com.br/filhos/2014-05-14/ensinar-as-criancas-a-amar-a-natureza-e-tarefa-importante--e-elas-adoram.html>.
- Fortin, M., Côté, J. & Vissandjée, B. (1999). A Investigação Científica. In M. Fortin, Processo de Investigação: Da Concepção à Realização (pp. 15-24). Loures: Lusociência.
- Fortin, M. (1999). Os Objetivos da Investigação e as suas Questões ou Hipóteses. In M. Fortin, Processo de Investigação: Da Concepção à Realização (pp. 99-110). Loures: Lusociência.
- Fortuna, C. (2014). Cultura, formação e cidadania. Governo de Portugal: Gabinete de Estratégia, Planeamento e Avaliação Culturais Secretaria do Estado da Cultura.
- Gamboa, M. (S.d.). Resistências e condições de eficácia para a construção de leitores em Português língua estrangeira - o que dizem os alunos sobre práticas de leitura extensiva. Disponível em <http://www.exedrajournal.com/wp-content/uploads/2015/07/07-114-127-MARIA-JOSE-gamboa.pdf>.
- Garcia, M. (2004). Animação sociocultural, conflito social e marginalização. In J. Trilla, [Coord.]. Animação Sociocultural: Teoria, Programas e Âmbitos. Lisboa: Instituto Piaget.
- Ghiglione, R. & Matalon, B. (2001). O inquérito: teoria e prática (4^o ed.). Oeiras: Celta Editora.
- Gideão Paisagismo. (2016). Dez atitudes para ensinar o seu filho a cuidar do planeta. Acedido a 23 janeiro. 2018. Disponível em <http://gideaopaisagismo.com/dez-atitudes-para-ensinar-o-seu-filho-a-cuidar-do-planeta-2/>.

- Gillianlynne. (n.d.) Gillian Lynne: Gallery. Acedido em <http://www.gillianlynne.com/pictures.htm>.
- Gomes, A. (2008). A música na animação sociocultural. In D. Pereira, M. Vieites, & M. Lopes, [Coords.]. A Animação Sociocultural e os Desafios do Século XXI. (1.ed.). (pp. 254-261). Ponte de Lima: Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.
- GordonParks. (2014). The Gordon Parks Foundation: biography. Acedido em <http://www.gordonparksfoundation.org/artist/biography>.
- Greenberg (n.d.). Um ensaio diferente: fotógrafa retrata crianças chorando. <https://br.pinterest.com/pin/338895940682411822>.
- Guerra, I. (2006). Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo: sentido e formas de uso. (pp.61-91). Estoril: Príncipia Editora.
- Iderval. (2017). Cidadania liberdade, contribuinte, democracia e cidadania. Acedido em <http://iderval.blogspot.com/2017/09/cidadania-liberdade-contribuinte.html>.
- IGH- (2018). Announces the First Global Framework on Homelessness. Instituto Mundial dos sem-abrigo. Acedido em <https://www.ighomelessness.org/>.
- IMDb. (1990). Matt Groening: media. Acedido a 12 fevereiro.2018. Disponível em <http://www.imdb.com/name/nm0004981/>.
- Instituto Nacional de Estatística [INE] (2018). População residente por Condições de pobreza (%). Acedido em https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_base_dados.
- Instituto Nacional de Estatística [INE] (2018). Condições de vida e cidadania..Acedido em https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_princindic.
- Isayama, H. (2008). Animação Sociocultural e Lazer: Reflexões sobre Diferentes Grupos Etários. In J. Pereira, M. Vieites & M. Lopes [Orgs] A Animação Sociocultural e os Desafios do Século XXI. Intervenção: Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.
- Jacob. L. (2007). Animação de idosos. Porto: Ambar.
- Jackson. (2008). Fotos que representam a fome em África. Acedido em <http://jacksonangelo.blogspot.com/2008/02/fotos-que-representam-fome-na-frica.html>.
- JB. (2012). Levanta a noiva. Acedido em <https://www.youtube.com/watch?v=cVEYFmSe2Qc>.

- Jérôme, E. & Valleur, M. (2002). Cessão do consumo. In P. Angel, D. Richard, & M. Valleur, Toxicomanias. Lisboa: Climepsi Editores
- Jiménez, L., Aguirre, I. & Pimentel, L., G., (2011). Educación artística: Educación Artística, Cultura y Ciudadanía. Madrid: Fundación Santillana.
- Júnior, H. & Júnior, M., M. (2011). A utilização da técnica da entrevista em trabalhos científicos, 7, vol. VII, 237-250.
- Kossov, B. (2001). Fotografia & história (2ª ed.). Brasil: Ateliê Editorial.
- La viagem. (2015). 5 dicas para começar a praticar o ecoturismo sustentável agora. Acedido em <HTTP://WWW.LAVIAGEM.COM/INOVACAO-SUSTENTABILIDADE/5-DICAS-PARA-COMECAR-PRATICAR-O-ECOTURISMO-AGORA/>.
- Leiria. (2018). Jardim Luís de Camões. Acedido em <https://www.cm-leiria.pt/pages/395>.
- Leiria. (2018). Moinho do Papel. Acedido em <https://www.cm-leiria.pt/pages/311>.
- Leiria. (2018). Vale do Lapedo. Acedido em <https://www.cm-leiria.pt/pages/739>.
- Liebmann, M. (2000). Exercícios de arte para grupos: um manual de temas, jogos e exercícios (5ª ed.). São Paulo: Summus editorial
- Lopes, M. (2007). A animação terapêutica. In J. Pereira, M. Vieites, & M. Lopes [Coords.]. Animação, Artes e Terapias. (pp.77-85). Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.
- Lopes, M. (2007). A Animação Sociocultural e a Gestão Cultural: O Exemplo Português. In A Peres & M. Lopes [Coords.]. Animação Sociocultural – Novos Desafios. (pp.129-147). APAP: Associação Portuguesa de Animação e Pedagogia.
- Lopes, M. (2010). Âmbitos de animação sociocultural. In C. Costa [Coord.]. Animação Sociocultural: Profissão e Profissionalização dos Animadores”. Porto: LIVPSIC.
- Loroño, A. (2012). Musica, terapia y comunicación: Revista de Musicoterapia, 32, pp.38-62. Acedido em <http://www.artemisabcn.com/wp-content/uploads/2011/10/publiart.pdf>
- Lúcio, A. (2001). Marginalidade, Riscos e Delinquência. In A. Lúcio, T. Sá, M. Caetano, A. Lucas, & F. Silva, [Orgs.]. Caldas da Rainha: Livraria Nova Galáxia

Maes, J. (2014) HypeScience. Acedido em https://www.google.pt/search?q=raiva&rlz=1C1CHZL_pt-PTPT745PT747&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjckq7dp97dAhUOVhoKHWdxCCQQ_AUICigB&biw=1366&bih=657#imgrc=oiC7d61eSIT_XM.

Mancelos, J. (2010). O ensino da escrita em Portugal: preconceitos, verdades e desafios. (pp.155-160). Acedido em <http://www.exedrajournal.com/docs/02/14-JoaodeMancelos.pdf>.

Margarido, Cristovão. (2006). Auto-conceito e Reinserção Sócio-Profissional de Toxicodependentes. Tese de mestrado não editada. Coimbra: Instituto Miguel Torga: (pp.22-29)

Marques, H., Manfroi, J., Castilho, M. & Noal, M. (2014). Metodologia da pesquisa e do trabalho científico. Acedido em https://www.researchgate.net/publication/304203726_METODOLOGIA_DA_PESQUISA_E_DO_TRABALHO_CIENTIFICO

Matos, F. & Ferraz, H. (2006). Dossier artes na educação: roteiro da educação artística. In Santos, M. [Coord.]. (2006). Revista Noesis, 67, pp. 26-29. Lisboa: Ministério da Educação Direção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular.

Mauad, A. (1996). Tempo. Através da imagem: fotografia e história interfaces. Acedido em http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg2-4.pdf.

Mendes, J., Bulla, L., Prates, J. & Medeiros, M. (2004). A exclusão social como uma das manifestações da questão social no contexto brasileiro. In L. Bulla, J. Mendes & J. Prates [Coords.]. As Múltiplas Formas de Exclusão Social. Acedido em https://books.google.pt/books?id=TPlzYXQtzZwC&lpg=PA13&ots=GMe_W9_Lxo&dq=olhares%20sobre%20a%20exclus%C3%A3o%20social&lr&hl=pt-PT&pg=PP1#v=onepage&q&f=false

Mendes, M. (2015). Nos interstícios das sociedades plurais e desiguais: a situação social dos ciganos. In E. Martins F. Mendes R. Fernandes & S. Fonseca [Coords.]. Modelos e projetos de inclusão social. IPV: Escola Superior de Educação de Viseu. Acedido em http://repositorio.ipv.pt/bitstream/10400.19/2892/4/Modelos_Projetos_Inclus%C3%A3o_Social_2015B.pdf

Ministério da Educação. (2008). Programa de Educação Estética e Artística. Lisboa: Ministério da Educação. Acedido em <http://educacaoartistica.dge.mec.pt/peea.html>.

Monteiro, C. (2017). Hoje não saiu daqui. Acedido em <https://www.youtube.com/watch?v=0Kc7ZoJo93I>.

Monteiro, J. (2016). Nininho Vaz Maia na SIC. Acedido em <https://www.youtube.com/watch?v=YSCURUUKHSo>.

Morenaafc13. (2016). Música cigana. Acedido em https://www.youtube.com/watch?v=eYoYs_EZKI.

Município de Leiria. (2018). Biblioteca Municipal Afonso Lopes Vieira. Acedido em <https://www.cm-leiria.pt/pages/738>.

Nogueira, S. (2017). A Animação Sociocultural como Metodologia de Intervenção para um Envelhecimento Ativo no Meio Rural (Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação – Área de Especialização em Animação Sociocultural). Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Viseu. Acedido em https://repositorio.utad.pt/bitstream/10348/7547/1/msc_smpnogueira.pdf

Oliveira, E. & Ferreira, P. (2014). Métodos de Investigação – Da Interrogação à Descoberta Científica. Porto: Vida Económica. 2018. Acedido em https://books.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=Xku7BAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA5&dq=manual+da+investiga%C3%A7%C3%A3o+cientifica+em+ci%C3%A2ncias+sociais&ots=zsDUZkSKIs&sig=woXnZWusEUQeBUB1AXbSrdvUOVE&redir_esc=y#v=onepage&q=manual%20da%20investiga%C3%A7%C3%A3o%20cientifica%20em%20ci%C3%A2ncias%20sociais&f=false

Oliveira, J. (2007). Terapia pela Arte numa abordagem hermenêutica. In J. Pereira F. Vieites & M. Lopes [Coords.], Animação, Artes e Terapias (pp. 215 – 223). Ponte de Lima: Intervenção: Associação para a promoção e divulgação cultural.

Oliveira, M. & Milhano, S. (2010). As artes na educação: Contextos de Aprendizagem promotores de Criatividade. Leiria: Folheto Edições & Design – Centro de Investigação Identidades e Diversidades.

Oliveros, F. (2017). La animación artística. Quaderns d'animació i educació social, 26. Acedido em <http://quadernsanimacio.net/ANTERIORES/veinticinco/index.htm>

Organização Mundial de Saúde [OMS]. (2017). World health statistics 2017. Acedido em <http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/255336/9789241565486eng.pdf;jsessionid=8F36BE9E2583A738DA7D5D79A716C1BA?sequence=1>.

Organização Mundial de Saúde [OMS]. (2017). World health organization: alcohol. Acedido em <http://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/alcohol>

ONU. (2017). Universal Declaration of Human. Acedido em <http://www.un.org/en/universal-declaration-human-rights/>.

Osorio, A. (2008). Animação sociocultural na terceira idade. In J. Pereira M. Vieites & M. Lopes [Coords.]. A Animação Sociocultural e os Desafios do Século XX. (pp. 207 – 217). Ponte de Lima: Intervenção : Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.

Páez, D. & Adrián, J., A. (1993). Arte, lenguaje y emoción. Editorial Fundamentos Coleccion Ciencia.

Pardal, L. & Lopes, E. (2011). Métodos e Técnicas de Investigação Social. Porto: Areal Editores

Patrício, L. (2006). Droga: aprender para prevenir. Lisboa: [s.n.].

Paugam, S. (2003). A desqualificação Social: Ensaio sobre a nova pobreza. Porto: Porto Editora.

Pellizzari, P. & Rodríguez, R. J. (2005). Salud, escucha y creatividad: musicoterapia preventiva psicossocial. Ediciones Universidad del Salvador

Pinterest. (n.d.). Retratos emocionantes de moradores de rua capturados por Lee Jeffries. Acedido em <https://br.pinterest.com/pin/134404370111642154/>.

Pinto, H. (2004). Sem-abrigo e imigração: Olhares sobre a realidade em Portugal. Lisboa: Colectânea de Ensaios CAIS.

Pires, A. & Matsuda, A. (2013). Formação do leitor: dificuldades e desafios. Revista: Práticas da Linguagem 3 (2), 187-208. Acedido em <http://www.ufjf.br/praticasdelinguagem/edicoes-2/edicoes/volume-3-n-2/>.

Pixabay. (2018). Ilustração Grátis: Silhueta Homem. Acedido em <https://pixabay.com/pt/silhueta-homem-casual-masculino-3119590/>.

Porlán, R. & Martín, J. (1999). El diario del profesor: un recurso para la investigación en el aula. Acedido em: <https://pt.slideshare.net/javierdanilo1/el-diario-del-profesor-por-rafael-porln>.

Port, M. (2017). Cooperativismo. Acedido em <http://cooperativismodecredito.coop.br/2017/06/o-relacionamento-entre-as-pessoas-e-um-dos-grandes-diferenciais-de-uma-cooperativa/>.

PortalCigano. (2017). Música cigana que toca o coração. Acedido em <https://www.youtube.com/watch?v=zrNreLX4CpI>.

Práticas Artísticas para a Inclusão [PARTIS]. [n.d.]. Fundação Calouste Gulbenkian. Acedido em <https://gulbenkian.pt/project/partis/>

Programa do Governo (2015). Programa do XXI Governo. Acedido em <https://www.portugal.gov.pt/pt/gc21/governo/programa-do-governo>.

Quintas, S. & Castãno, M. (1998). Animación Sociocultural: Nuevos enfoques. (pp.17-50).

Salamanca: Amarú Ediciones.

Ravi. (n.d.). Descobre ideias sobre sorriso de uma criança. <https://i.pinimg.com/736x/3a/9b/66/3a9b662a387394a54f28a2ed49451b7a--happy-heart-happy-smile.jpg> .

Reily, L. (2006). Escola Inclusiva: linguagem e mediação (2ª ed.). São Paulo: Papyrus Editora.

Reis, A. (2014). “Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do Psicólogo”. Psicologia: Ciência e Profissão, 34 (1), 142-157. Acedido em: <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v34n1/v34n1a11.pdf>.

Revista Educação, Artes e Inclusão. (2007). Acedido em <http://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/issue/archive>.

Rico, C. (2017). Notícias ao Minuto. Acedido em https://www.noticiasao minuto.com/pais/832407/a-casa-pp-esta-pronta-para-a-guerra-dos-tronos-e-ate-ja-tem-escudo?&utm_medium=social&utm_source=facebook.com&utm_campaign=buffer&utm_content=geral

Ritta, M. (2009). A Acção Social Portuguesa: Justiça Social, Inclusão e Atenuação das Desigualdades. In R. Vieira C. Margarido & M. Mendes, [Orgs.]. Diferenças, desigualdades, exclusões e inclusões. Porto: Edições Afrontamento.

Robinson, K. & Aronica, L. (2010). O Elemento: Porto: Porto Editora.

Rossi, M. (2008). O desenvolvimento do pensamento estético no ensino fundamental. (pp.285-292). Acedido em https://artenaescola.org.br/uploads/arquivos/Maria%20H_W_Rossi_O%20desenvolvimento%20do%20pensamento%20est%C3%A9tico-visual.pdf .

Rodari, G. (1982). Gramática da fantasia. São Paulo: Summus.

Ruiz, A. (2018). La intersecció entre l’educació comunitària, les expressions artístiques i la política. Quaderns d’animació i educació social, 27. Acedido em <http://quadernsanimacio.net/ANTERIORES/veintisiete/index.htm>

Sacks, O. (2007). Musicophilia: Tales of Music and the Brain. Acedido em https://people.finearts.uvic.ca/~aschloss/course_mat/MUS%20511%20/articles/musicophilia.pdf

Sampieri, R., Collado, C. & Lucio, P. (2013). Metodologia de pesquisa. (5a ed.). Brasil: Penso Editora.

Santos, A. (2000). Estudos sobre Educação e Arte: Breve Retrospectiva do Movimento da Educação pela Arte em Portugal. (pp.59-73). In I. Kowalski [et al.]. Educação pela arte: estudos em homenagem ao Dr. Arquimedes da Silva Santos. Lisboa: Livros Horizonte.

Serrano, G. & Puya, M. (2006). La animación sociocultural: aproximación conceptual. (pp.81-99). Madrid: Narcea, S.A. de Ediciones.

Serrano, G. (2008). Elaboração de projetos sociais: casos práticos. Porto: Porto Editora.

Serrano, M. (2011). Desafios da Investigação qualitativa em Animação Sociocultural. In Lopes, M. [Coord.]. Metodologias de Investigação em Animação Sociocultural (pp.325-349). Chaves: Intervenção - Associação para a promoção e divulgação cultural.

Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências [SICAD]. (2018). IV Inquérito Nacional ao Consumo de Substâncias Psicoativas na População Geral, Portugal 2016/2017. Acedido em http://www.sicad.pt/BK/EstatisticaInvestigacao/EstudosConcluidos/Lists/SICAD_ESTUDOS/Attachments/181/IV%20INPG%202016_17_PT.pdf

Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências [SICAD]. (2018). Sinopse estatística 2016-Álcool. Acedido em http://www.sicad.pt/PT/EstatisticaInvestigacao/Documents/2018/SinopseEstatistica16_alcool.pdf

Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências [SICAD]. (2018). Sinopse estatística 2016-Substâncias Ilícitas. Acedido em http://www.sicad.pt/PT/EstatisticaInvestigacao/Documents/2018/SinopseEstatistica16_substanciasIllicitas_P T.pdf

Silva, B. (n.d.). Linguagem Corporal e Micro Expressões. Acedido em <http://brunosantosdasilva.blogspot.com/2013/04/sentimento-de-culpa-universal.html>.

SIphotography. (2014). Garota adolescente zangada. Acedido em <https://br.depositphotos.com/53616799/stock-photo-angry-teenager-girl.html>.

Souladié, C. (2007). O desfile dos corpos: uma possível “re-codificação terapêutica” do corpo humano pela arte atual? O uso da experiência estética na animação. In J. Pereira, F. Vieites, & M. Lopes [Coords.]. Animação, Artes e Terapias (pp. 199 – 205). Ponte de Lima: Intervenção: Associação para a promoção e divulgação cultural.

- Sousa, A. (2003). Educação pela Arte e Artes na Educação. Lisboa: Instituto Piaget.
- Sousa, A. (2003). Educação pela arte e artes na educação: 3º volume - música e artes plásticas. Lisboa: Instituto Piaget.
- Sousa, M. & Baptista, C. (2011). Como fazer Investigação, Dissertações, Teses e Relatórios: segundo Bolonha (4º ed.). Lisboa: Pactor - Edições de Ciências Sociais e Política Contemporânea.
- Sousa, M. (2010). Música, educação artística e interculturalidade: a alma da arte na descoberta do outro. Rio Tinto: Lugar da Palavra Editora.
- Tajfel, H. (1983). Grupos humanos e categorias sociais – II: Estudos em psicologia social. Livros Horizonte.
- Tamarit, B. (2017). Arte social, visibilidad y empoderamiento. Proyecto Mujeres de la Paz. Quaderns d'animació i educació social, 26. Acedido em <http://quadernsanimacio.net/ANTERIORES/veinticinco/index.htm>
- Tecnologia sapopemba (2015). Fuga ou luta. Acedido em <http://tecnologiasapopemba.blogspot.com/>.
- Tifatino, E. (2012). Musica terapia y comunicación. Desde la musicoterapia comunitaria a la paz música y arte para reducir los conflictos y promover el bienestar colectivo (un estudio basado en la literatura), 32. Acedido em <http://www.artemisabcn.com/wp-content/uploads/2011/10/publiart.pdf>.
- Toni, M., S. & Martins, M. E. (S.d). Leitura de imagem no processo de alfabetização. Acedido em [file:///C:/Users/Utilizador/Downloads/1030leitura%20de%20imagem%20\(4\).pdf](file:///C:/Users/Utilizador/Downloads/1030leitura%20de%20imagem%20(4).pdf).
- Trindade, B., Conde, M. & Pocinho, R. (2017). Estudo da importância da animação sociocultural em contexto educativo. Quadern's d'animació i educació social, 26, pp. 1-19. Acedido em http://quadernsanimacio.net/ANTERIORES/veintiseis/index_htm_files/Estudo%20da%20iportancia.pdf
- Triviños, A. (1987). Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas.
- Twitter. (2011). Dame Gillian Lynne: media. Acedido https://twitter.com/Gillian_Lynne/media.
- UNESCO. (2017). Road Map for Arts Education. Acedido em <http://www.unesco.org/new/en/culture/themes/creativity/arts-education/about/arts-education-highlights/>

UNESCO. (2017). Education transforms lives. Acedido em <https://en.unesco.org/themes/%C3%A9education>

UNESCOPORTUGAL. [n.d.]. Artes e artistas. Acedido em <https://www.unescoportugal.mne.pt/pt/temas/proteger-o-nosso-patrimonio-e-promover-a-criatividade/artes-e-artistas>

UNESCO. (2017). Road Map for Arts Education. Acedido em http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CLT/CLT/pdf/Arts_Edu_RoadMap_en.pdf

Veja. (n.d.). Homem resgata uma criança ferida. https://www.google.pt/search?biw=1366&bih=657&tbm=isch&sa=1&ei=mYGuW--MK8Kwad_1h_AC&q=guerra+no+Damasco&oq=guerra+no+Damasco&gs_l=img.3...18801.21339.0.21597.13.13.0.0.0.146.1328.1j10.11.0...0...1c.1.64.img..2.6.725...0i0i30k1j0i5i30k1j0i24k1j0i67k1j0i8i30k1.0.4iEbKzoZlZI#imgrc=_E-v9MhIVmzMsM

Viché, M. (2015). Animação Sociocultural no contexto escolar. Paraná: UNICENTRO. Acedido em <http://repositorio.unicentro.br:8080/jspui/bitstream/123456789/966/5/GONZALEZ%2C%20Mario%20Vich%C3%A9%20-%20Anima%C3%A7%C3%A3o%20Sociocultural%20no%20Contexto%20Escolar.pdf>

Vieites, M. (2007). A expressão artística: entre a educação integral, a prevenção e a terapia. In J. Pereira, M. Vieites & M. Lopes [Coords.]. Animação, artes e terapia (pp.175-183). Chaves: Intervenção- Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.

Vilelas, J. (2009). Investigação: O processo de construção do conhecimento. Lisboa: Edições Sílabo.

Wanderley, M. B. (1999). Refletindo sobre a noção de exclusão. In B. Sawaia [Org.] As Artimanhas da Exclusão: Análise psicossocial e ética da desigualdade social. 2018. Disponível em https://books.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=HY5ODgAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT6&dq=exclus%C3%A3o+social+e+marginaliza%C3%A7%C3%A3o+social&ots=Jaz_naFNeD&sig=A9QTWApTSC2HRtrkYhf6fle7XeE&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false

Wanderley, M. & Arregui, C. (2006). Colóquio: Animação sociocultural. São Paulo: Arcolor.

Wow Amazing. (n.d.). Colorful South American Buses That Are Incredibly Awesome. Acedido em <https://www.wowamazing.com/lifestyle/travel/colorful-south-american-buses-that-are-incredibly-awesome/>.

Xiberras, M. (1996). “As teorias da exclusão social: para uma construção do imaginário do desvio, epistemologia e sociedade”. Lisboa: Instituto Piaget.

Zabalza, M. (1994). “Diários de aula: Contributo para o estudo dos dilemas práticos dos professores”. Porto: Porto Editora.

ANEXOS

ANEXO 1: Planificação inicial (sessão 1, 2, 3 e 4)

SESSÃO Nº 1				DATA INTERVENÇÃO: 1 fevereiro 2018
DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE A DESENVOLVER	OBJETIVOS PRETENDIDOS A DESENVOLVER	LINGUAGEM ARTÍSTICA IMPLEMENTADA	MATERIAIS A UTILIZAR	HORA DA SESSÃO
<input type="checkbox"/> Em grande grupo irão observar várias imagens alusivas ao conceito cidadania (ver anexo 2). <input type="checkbox"/> Discutir através da explorar das imagens as atitudes, deveres e direitos enquanto cidadãos. <input type="checkbox"/> Pedir que os participantes decidam uma atividade que queiram realizar, tendo em conta a	<input type="checkbox"/> Consciencialização dos direitos deveres e atitudes enquanto cidadão <input type="checkbox"/> Sensibilização para a participação ativa na sociedade <input type="checkbox"/> Partilha de ideias/opiniões <input type="checkbox"/> Respeito e aceitação do outro <input type="checkbox"/> Desenvolvimento de competências sociais <input type="checkbox"/> Responsabilidade e autonomia <input type="checkbox"/> Autoconhecimento <input type="checkbox"/> Liberdade de escolha e decisão	Fotografia	Fotografias diversas	1 x semana (5ª feira) das 16h 30m às 18h00m

<p>participação ativa (tema mensal).</p> <p><input type="checkbox"/> Atividade que se irá realizar na próxima intervenção.</p>				
--	--	--	--	--

SESSÃO Nº 2				DATA INTERVENÇÃO: 15 fevereiro 2018
DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE A DESENVOLVER	OBJETIVOS PRETENDIDOS A DESENVOLVER	LINGUAGEM ARTÍSTICA IMPLEMENTADA	MATERIAIS A UTILIZAR	HORA DA SESSÃO
<input type="checkbox"/> Ação selecionada pelos participantes sobre cidadania. <input type="checkbox"/> Irão fotografar os momentos vivenciados na participação ativa que considerarem mais interessantes e importantes.	<input type="checkbox"/> Sensibilização para a participação ativa na sociedade <input type="checkbox"/> Partilha de ideias/opiniões <input type="checkbox"/> Responsabilidade e autonomia <input type="checkbox"/> Autoconhecimento <input type="checkbox"/> Liberdade de escolha e decisão <input type="checkbox"/> Autoconhecimento <input type="checkbox"/> Respeito e aceitação do outro <input type="checkbox"/> Participação, integração e consciencialização do saber estar na sociedade	<input type="checkbox"/> Fotografia	<input type="checkbox"/> Máquinas fotográficas <input type="checkbox"/> Telemóveis	1 x semana (5ª feira) das 16h 30m às 18h00m

SESSÃO Nº 3				DATA INTERVENÇÃO: 1 março 2018
DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE A DESENVOLVER	OBJETIVOS PRETENDIDOS A DESENVOLVER	LINGUAGEM ARTÍSTICA IMPLEMENTADA	MATERIAIS A UTILIZAR	HORA DA SESSÃO
<input type="checkbox"/> Visita cultural (ida ao museu MIMO) <input type="checkbox"/> Desenvolvimento de uma atividade promovida pelo museu	<input type="checkbox"/> Consciencialização dos direitos deveres e atitudes enquanto cidadão <input type="checkbox"/> Sensibilização para a participação ativa na sociedade <input type="checkbox"/> Respeito e aceitação do outro <input type="checkbox"/> Desenvolvimento de competências sociais <input type="checkbox"/> Promover o direito à cultura	<input type="checkbox"/> Fotografia	<input type="checkbox"/> Máquinas fotográficas <input type="checkbox"/> Telemóveis	1 x semana (5ª feira) das 16h 30m às 18h00m

SESSÃO Nº 4				DATA INTERVENÇÃO: 15 março 2018
DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE A DESENVOLVER	OBJETIVOS PRETENDIDOS A DESENVOLVER	LINGUAGEM ARTÍSTICA IMPLEMENTADA	MATERIAIS A UTILIZAR	HORA DAS SESSÕES
<input type="checkbox"/> Vão elaborar um poema, “O poema dos sentidos” a partir de um poema ou imagem. <input type="checkbox"/> Serão colocadas diversas fotografias (violação dos direitos humanos), onde irão criar histórias sobre as pessoas que aparecem nas imagens.	<input type="checkbox"/> Consciencialização dos direitos deveres e atitudes enquanto cidadão <input type="checkbox"/> Partilha de ideias/opiniões <input type="checkbox"/> Respeito e aceitação do outro <input type="checkbox"/> Responsabilidade e autonomia <input type="checkbox"/> Autoconhecimento <input type="checkbox"/> Liberdade de escolha e decisão <input type="checkbox"/> Promover a criatividade	<input type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Escrita criativa <input type="checkbox"/> Expressão dramática <input type="checkbox"/> Expressão plástica	<input type="checkbox"/> Fotografias diversas <input type="checkbox"/> Canetas de feltro <input type="checkbox"/> Lápis de cor <input type="checkbox"/> Borracha <input type="checkbox"/> Lápis de carvão <input type="checkbox"/> Afiadeira	1 x semana (5ª feira) das 16h 30m às 18h00m

ANEXO 2: Imagens a utilizar na 1ª sessão





ANEXO 3: Questões orientadoras para as imagens da 1ª sessão

Respeito pela natureza

- cultivar
- cuidar
- importância terra

Porque é importante cultivarmos?
Como cuidamos das plantas?
- Achaam que é importante prque?

Biblioteca Municipal Afonso
Lopes Vieira - Leiria

Respeitar cultura

- requisitar livros
- ir à biblioteca
- Regras na biblioteca
- espaço público
- lei
- PC

· que podemos fazer?
· que tem p/mos o fazer
· como devemos agir!

Vale do Lapedo - Leiria

Respeitar natureza

O que podemos fazer?
· passear

O que podemos fazer?
· passeios a par
· ouvir sons natureza

ANEXO 4: 1ª alteração efetuada à planificação inicial da intervenção (sessão 2, 3, 4 e 5)

SESSÃO Nº. 2				DATA INTERVENÇÃO: 15 fevereiro 2018
DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE A DESENVOLVER	OBJETIVOS PRETENDIDOS A DESENVOLVER	LINGUAGEM ARTÍSTICA IMPLEMENTADA	MATERIAIS A UTILIZAR	HORA DAS SESSÕES
<p><input type="checkbox"/> Será realizada uma atividade artística: “Laboratório Experimental de Criação Artística: Arte para Todos”, pretende-se dar oportunidade aos utentes de vivenciarem experiências artísticas, a fim de desenvolverem a criatividade.</p> <p><input type="checkbox"/> Inicialmente vão fazer exercícios de relaxamento. O objetivo é permitir o desbloqueio da criatividade (ver anexo 5).</p> <p><input type="checkbox"/> Seguidamente, e tendo como base os conceitos-chave do tema proposto: Cidadania, dever, direito, cidadão, os utentes farão diversas dinâmicas de grupo onde irão realizar diversos trabalhos que lhes permitem desenvolver a criatividade (ver anexo 6).</p> <p><input type="checkbox"/> No final de cada atividade desenvolvida, haverá uma reflexão em grande grupo, onde cada um partilhará as suas ideias com base nas experiências vivenciadas.</p>	<p><input type="checkbox"/> Autoconhecimento</p> <p><input type="checkbox"/> Autodescoberta</p> <p><input type="checkbox"/> Desenvolvimento da criatividade</p> <p><input type="checkbox"/> Expressividade e a comunicação.</p> <p><input type="checkbox"/> Sensibilidade artística</p> <p><input type="checkbox"/> Autoconsciência</p>	<p><input type="checkbox"/> Expressão Plástica</p> <p><input type="checkbox"/> Escrita Criativa</p> <p><input type="checkbox"/> Expressão Dramática</p> <p><input type="checkbox"/> Expressão Musical</p>	<p><input type="checkbox"/> Folhas de papel cavalinho</p> <p><input type="checkbox"/> Canetas feltro</p> <p><input type="checkbox"/> Lápis de cor</p> <p><input type="checkbox"/> Lápis de cera</p> <p><input type="checkbox"/> Computador</p> <p><input type="checkbox"/> Lápis de carvão</p> <p><input type="checkbox"/> Borracha</p> <p><input type="checkbox"/> Objetos comuns/autênticos</p> <p><input type="checkbox"/> Cartolina</p>	<p>1 x semana (5ª feira) das 16h 30m às 18h00m</p>

SESSÃO Nº 3				DATA INTERVENÇÃO: 1 março 2018
DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE A DESENVOLVER	OBJETIVOS PRETENDIDOS A DESENVOLVER	LINGUAGEM ARTÍSTICA IMPLEMENTADA	MATERIAIS A UTILIZAR	HORA DAS SESSÕES
<p>Serão observadas várias imagens alusivas ao conceito cidadania, em que o grupo irá explorar as atitudes, deveres e direitos enquanto cidadãos. Posteriormente será pedido ao grupo que decidam uma atividade, onde inclua a participação ativa. Atividade que se irá realizar na próxima intervenção.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Consciencialização dos direitos deveres e atitudes enquanto cidadão <input type="checkbox"/> Sensibilização para a participação ativa na sociedade <input type="checkbox"/> Partilha de ideias/opiniões <input type="checkbox"/> Respeito e aceitação do outro <input type="checkbox"/> Desenvolvimento de competências sociais <input type="checkbox"/> Responsabilidade e autonomia <input type="checkbox"/> Autoconhecimento <input type="checkbox"/> Liberdade de escolha e decisão 	<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Fotografia 	<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Fotografias diversas 	<p>1 x semana (5ª feira) das 16h 30m às 18h00m</p>

SESSÃO Nº 4				DATA INTERVENÇÃO: 15 março 2018
DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE A DESENVOLVER	OBJETIVOS PRETENDIDOS A DESENVOLVER	LINGUAGEM ARTÍSTICA IMPLEMENTADA	MATERIAIS A UTILIZAR	HORA DA SESSÃO
Com base na escolha efetuada na sessão antecedente, o grupo irá fotografar os momentos vivenciados na participação ativa, onde serão registados os momentos que considerem mais interessantes e importantes.	<input type="checkbox"/> Sensibilização para a participação ativa na sociedade <input type="checkbox"/> Partilha de ideias/opiniões <input type="checkbox"/> Responsabilidade e autonomia <input type="checkbox"/> Autoconhecimento <input type="checkbox"/> Liberdade de escolha e decisão Autoconhecimento <input type="checkbox"/> Respeito e aceitação do outro <input type="checkbox"/> Participação, integração e consciencialização do saber estar na sociedade	<input type="checkbox"/> Fotografia	<input type="checkbox"/> Máquinas fotográficas <input type="checkbox"/> Telemóveis	1 x semana (5ª feira) das 16h 30m às 18h00m

SESSÃO Nº 5				DATA INTERVENÇÃO: 29 março 2018
DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE A DESENVOLVER	OBJETIVOS PRETENDIDOS A DESENVOLVER	LINGUAGEM ARTÍSTICA IMPLEMENTADA	MATERIAIS A UTILIZAR	HORA DA SESSÃO
<p>O grupo irá realizar uma atividade: “Recortes da INPULSAR”</p> <p>Pretende-se que seja criado um “diário” em forma de memória descritiva, onde o grupo irá refletir, registrar e descrever os momentos e as vivências mais significativas tiradas na sessão anterior: participação ativa.</p>	<input type="checkbox"/> Autoconhecimento <input type="checkbox"/> Partilha de opiniões/ideias <input type="checkbox"/> Responsabilidade e autonomia <input type="checkbox"/> Respeito e aceitação do outro <input type="checkbox"/> Liberdade de escolha e decisão	<input type="checkbox"/> Escrita Criativa <input type="checkbox"/> Expressão Plástica	<input type="checkbox"/> Cartolinas <input type="checkbox"/> Fotografias <input type="checkbox"/> Lápis de cor <input type="checkbox"/> Canetas de feltro <input type="checkbox"/> Cola batom <input type="checkbox"/> Fita-cola dupla	<p>1 x semana (5ª feira) das 16h 30m às 18h00m</p>

ANEXO 5: Técnicas de desbloqueio da criatividade a utilizar na 2ª sessão

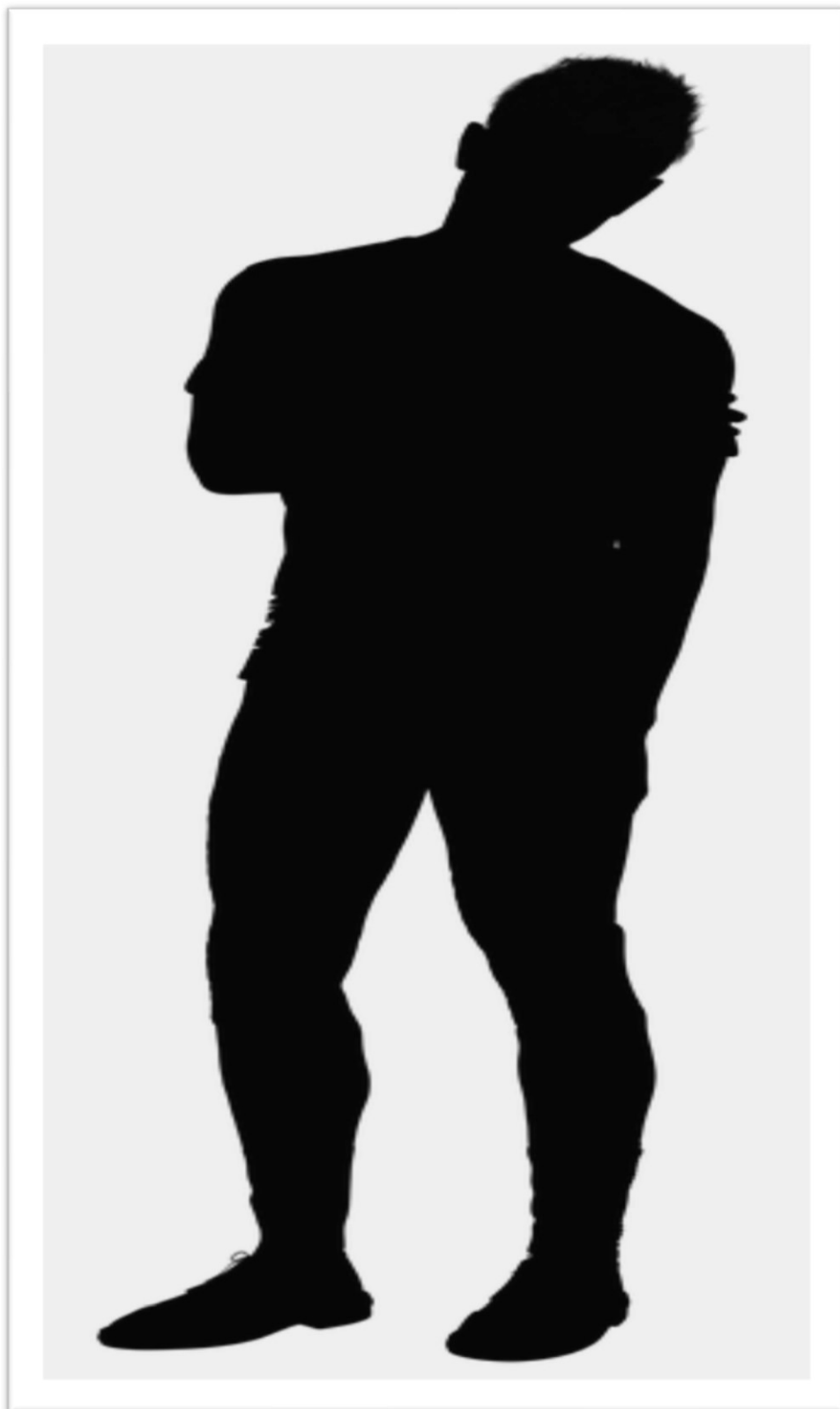
TÉCNICAS DE DESBLOQUEIO DA CRIATIVIDADE (2ª SESSÃO):	
Nº EXERCÍCIO	ATIVIDADE A DESENVOLVER
1	O grupo estará sentado no chão em forma de círculo. Serão colocados diversos objetos comuns ao centro: mola, boneca, carta de jogar, chávena de café, entre outros. Será pedido utente cada tire um objeto com o qual se identifique e explique porque escolheu esse objeto
2	O grupo estará sentado no chão em forma de círculo. Serão colocados os mesmos objetos comuns do exercício anterior. Será pedido que cada utente escolha ou pense em alguém (do grupo ou da vida pessoal, social) tire um objeto e explique porque o objeto escolhido se identifica com a pessoa
3	Será dada uma folha de papel cavalinho a cada utente. Nesta folha cada utente de forma livre (olhos fechados, abertos) irá transpor para a folha de forma livre aquilo que a música lhes transmite, as sensações, as imagens que lhes vem à mente, deixar que o lápis, ou lápis de cor “fale” por si, etc Pretende-se que os utentes criem algo do seu imaginário, onde a liberdade de expressão é o foco base. No final ocorrerá a discussão em grande grupo, onde todos partilharão as experiências vivenciadas.

ANEXO 6: Dinâmicas de grupo a utilizar na 2ª sessão

DINÂMICAS DE GRUPO COM ARTE PARA TODOS (4ª sessão):

Nº DINÂMICA	ATIVIDADE A DESENVOLVER
1	<p>Numa folha de papel cavalinho, pedir que cada utente coloque um risco visível e pequeno onde quiserem, ao longo das margens da folha. Posteriormente quando todos tiverem feito um risco dar uma folha a cada utente que contenha o mesmo número de risco feitos inicialmente. Pedese a cada utente que na folha com risco faça um desenho livre sobre o que é para si o conceito cidadania. O desenho que fizer, terá de tocar ou unir em alguns riscos feitos inicialmente. No final quando todos realizarem a atividade será pedido que cada um explique o desenho que fez, onde se fará um mosaico do conjunto de todos os desenhos feitos, onde o grupo dará o título ao trabalho realizado.</p>
2	<p>Dar a cada utente uma folha de papel cavalinho, onde cada um de forma individual irá colocar uma letra à escolha entre as palavras: (DI) direito / (DE) dever. Na parte de trás da folha cada um colocará o seu nome (cada um fará o seu nome da forma como sabe). Seguidamente e assim que todos terminarem de fazer a letra rabiscada, cada utente entregará o seu rabisco a outro utente à escolha. Pretende-se que ninguém fique com o rabisco que desenhou na folha branca. Seguidamente cada utente irá fazer um desenho livre ao gosto e como mais desejar. Quando todos tiverem terminado, cada um irá entregar o desenho à pessoa que colocou o seu nome nessa folha. Seguidamente cada um irá inventar uma história que contenha o que foi feito na sua folha.</p>

ANEXO 7: 1ª imagem a utilizar na 2ª sessão



ANEXO 8: 2ª imagem a utilizar na 2ª sessão

**O QUE EU
FAÇO AQUI
NA IMPULSAR?**


ANEXO 9: 3ª imagem a utilizar na 2ª sessão

**O QUE FAÇO
EU NESTE
MUNDO?**

ANEXO 10: 4ª imagem a utilizar na 2ª sessão

**QUEM
SOU EU?**

ANEXO 11: 5ª imagens a utilizar na 2ª sessão (Gillian Lyanne e Mark Groening)

Nome	Formato da imagem	Imagem
Gillian Lyanne	A4	
Gillian Lyanne	A4	
Mark Groening	A4	

ANEXO 12: 2ª alteração efetuada à planificação da intervenção (sessão 3 e 4)

SESSÃO Nº 3				DATA INTERVENÇÃO: 1 março 2018
DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES A DESENVOLVER	OBJETIVOS PRETENDIDOS A DESENVOLVER	LINGUAGEM ARTÍSTICA IMPLEMENTADA	MATERIAIS A UTILIZAR	HORA DA SESSÃO
<p><input type="checkbox"/> A sessão irá iniciar-se com diálogo em grande grupo, sobre factos ocorridos no decorrer do dia e a previsão das atividades propostas para a sessão.</p> <p><input type="checkbox"/> Seguidamente, haverá um relaxamento acompanhado com música, onde irão efetuar um exercício de expressão corporal, "Relaxamento divertido" (ver anexo 13)</p> <p><input type="checkbox"/> Continuamente daremos seguimento à atividade iniciada na sessão anterior, "Laboratório Experimental de Criação Artística: Arte para Todos".</p>	<p><input type="checkbox"/> Autoconhecimento</p> <p><input type="checkbox"/> Autodescoberta</p> <p><input type="checkbox"/> Desenvolvimento da criatividade</p> <p><input type="checkbox"/> Expressividade e a comunicação.</p> <p><input type="checkbox"/> Sensibilidade artística</p> <p><input type="checkbox"/> Autoconsciência</p>	<p><input type="checkbox"/> Escrita Criativa</p> <p><input type="checkbox"/> Expressão Corporal</p> <p><input type="checkbox"/> Expressão Dramática</p> <p><input type="checkbox"/> Expressão Musical</p> <p><input type="checkbox"/> Expressão Plástica</p>	<p><input type="checkbox"/> Folhas de papel cavalinho</p> <p><input type="checkbox"/> Canetas feltro</p> <p><input type="checkbox"/> Lápis de cor</p> <p><input type="checkbox"/> Lápis de cera</p> <p><input type="checkbox"/> Computador</p> <p><input type="checkbox"/> Lápis de carvão</p> <p><input type="checkbox"/> Borracha</p> <p><input type="checkbox"/> Objetos comuns/autênticos</p> <p><input type="checkbox"/> Cartolina</p> <p><input type="checkbox"/> Revistas</p> <p><input type="checkbox"/> Fantoques</p> <p><input type="checkbox"/> Cola</p> <p><input type="checkbox"/> Tesouras</p>	<p>1 x semana (5ª feira) das 16h 30m às 18h00m</p>

<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Após conclusão da atividade, em grande grupo, vão fazer um mosaico, onde irão inventar um título para a sua composição visual. <input type="checkbox"/> Posteriormente vão realizar a atividade, “O outro lado da face”. Pretende-se que cada participante crie através de materiais plásticos disponibilizados, “Quem sou eu”. A música de fundo será, “mozart unlock the creative spirit (mozart effect volume iii)”. <input type="checkbox"/> Seguidamente irão realizar exercícios de “quebra-gelo”, técnicas essenciais à concretização da atividade seguinte (ver anexo 14). Vão criar uma história (poderá ser apenas contada oralmente, escrita ou representação teatral). Pretendo que os participantes decidam de forma livre como querem contar a história. É uma atividade que pode ser realizada de forma individual ou em grupo. 			<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Bola plástico (tamanho medio) 	
---	--	--	--	--

<input type="checkbox"/> No final de cada atividade, haverá um debate em grande grupo para discussão dos trabalhos desenvolvidos artisticamente.				
--	--	--	--	--

SESSÃO Nº 4				DATA INTERVENÇÃO: 15 março 2018
DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE A DESENVOLVER	OBJETIVOS PRETENDIDOS A DESENVOLVER	LINGUAGEM ARTÍSTICA IMPLEMENTADA	MATERIAIS A UTILIZAR	HORA DA SESSÃO
<input type="checkbox"/> Atividade a realizar em grande grupo. <input type="checkbox"/> O objetivo é que em grupo retratem em fotografia cada emoção (cada um tira uma) e depois em grande grupo têm de descobrir as emoções representadas por cada um.	<input type="checkbox"/> Partilha de ideias/opiniões <input type="checkbox"/> Respeito e aceitação do outro <input type="checkbox"/> Responsabilidade e autonomia <input type="checkbox"/> Autoconhecimento <input type="checkbox"/> A descoberta <input type="checkbox"/> Liberdade de escolha e decisão	<input type="checkbox"/> Fotografia	<input type="checkbox"/> Máquinas fotográficas	1 x semana (5ª feira) das 16h 30m às 18h00m

ANEXO 13: Relaxamento criativo a utilizar na 3ª sessão

Descrição do relaxamento divertido	
Objetivo do relaxamento criativo:	Auxiliar os participantes a desinibirem-se antes do início de cada sessão interventiva e das atividades propostas no decorrer da minha investigação (verificar reações)
Realização: na 3º sessão	Data: 1 março 2018
<p>Vou dizer aos participantes “Vamos pôr-nos todos de pé. Agora vou fazer perguntas, para todos pensarmos e respondermos.”</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Vamos todos pôr as mãos na cara. O que as nossas mãos estão a tocar? (explorar a cara e fazer questões (para que serve o nariz, os ouvidos, a boca) 2. Quem tem um corpo? 3. Então todos temos um corpo. Vamos olhar para o nosso próprio corpo. O que cada um está a ver? 4. Para que serve os nossos membros? 5. Eu tenho um corpo e posso fazer muitas coisas com o meu corpo. Digam coisas que podemos fazer com o nosso corpo. 6. Nós podemos fazer coisas divertidas com o nosso corpo? O que podemos fazer? 7. Para mim fazer coisas divertidas é ouvir música e gostar de dançar, é correr até ao monte e sorrir para o céu, é ir para o parque infantil sem ninguém me ver e andar nos baloiços, só porque gosto de voltar a ser criança, etc (coloco uma música e danço). Explicar porque são coisas divertidas: dançar faz bem ao corpo, todos podem dançar, eu não estou a fazer nada de mal, etc. E para vocês o que é fazer coisas divertidas com o corpo? 8. Agora vamos fazer um pequeno aquecimento, que eu vou dar o nome de “Relaxamento divertido”. 9. Iniciar os exercícios de relaxamento: movimentação pela sala de forma livre. Quando bater as palmas andamos todos em bicos dos pés pela sala. Ao bater das palmas levantamos a perna direita e o braço direito e caminhamos, depois a perna esquerda e o braço esquerdo e voltamos a caminhar. (aprox. 2 minutos) 10. Os participantes colocam-se de forma livre na sala, mas que consigam ver-me. Colocar música de fundo, “A vida é uma dança” fazemos alongamentos ao som da música (rodar para a esquerda e direita: pescoço, pés, mãos fechadas, braços, pernas.) fazer movimentos ao som da música (improvisar). 11. No final todos se sentam nas cadeiras, no chão, os participantes decidem. Fazer uma reflexão de grupo: o que sentiram? Como se sentiram? E voltar a questionar, para que serve o nosso corpo? 	

Descrição dos exercícios “quebra-gelo”	
Realização: na 3ª sessão	Data: 1 março 2018
<ol style="list-style-type: none">1. Os participantes de pé formam uma única roda. Cada um na sua vez, fixa o olhar para outro participante e vai ao seu encontro dizendo o seu nome.2. O mesmo exercício, mas em modos diferentes: ao pé cochinho, a correr, a saltar, etc. (o público decide)3. O exercício anterior, mas com uma bola, depois com duas bolas.4. A bola agora ganhará uma característica específica (pesada, escorregadia, quente, muito frágil, perfumada, a cheirar mal, - ao critério dos participantes etc). Estes terão de associar essa característica à expressão corporal, por exemplo se a bola for pesada, terão de executar o movimento do corpo como se a bola fosse muito pesada, e deverão entrega-la a outro participante. Não necessitam de dizer o nome quando entregam a bola. Repete-se os exercícios quantas vezes forem necessárias.5. O mesmo exercício anterior, mas a característica é para o chão.6. Todos os participantes espalham-se pela sala. Irão escolher “figuras” do nosso dia-a-dia (bebé, jovem, pessoa idosa com limitações, senhora muito chique e fina, açoriano, cigano, etc). Terão de andar, correr, rir falar, etc pela sala como cada personagem faz.7. Depois irão sentar-se numa roda, eu começarei frases e cada um irá completar essa mesma frase: “Eu fui passear e vi...” “Eu fui passear e ouvi...”8. O exercício anterior, mas com sons e gestos.9. Os participantes irão escolher um objeto que se encontra dentro de uma caixa. Após escolherem o objeto irão sentar-se e formar um círculo. Pretende-se que a partir dos objetos que cada um escolheu, os participantes criem uma grande história. Nessa história, cada um irá incluir o objeto que escolheu.	

ANEXO 15: 3ª alteração efetuada à planificação inicial da intervenção (4ª sessão)

SESSÃO Nº 4				DATA INTERVENÇÃO: 15 março 2018
DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES A DESENVOLVER	OBJETIVOS PRETENDIDOS A DESENVOLVER	LINGUAGEM ARTÍSTICA IMPLEMENTADA	MATERIAIS A UTILIZAR	HORA DAS SESSÕES
<input type="checkbox"/> A sessão irá iniciar-se com o diálogo em grande grupo, onde irei explicar quais as atividades que iremos desenvolver para a presente sessão. <input type="checkbox"/> Iniciaremos com a atividade “Photovoice das Emoções”, pretende-se que em grande grupo sejam retratadas através da fotografia participativa várias emoções /palavra (ver anexo 16 e 17). Cada participante irá tirar dentro de um saco uma imagem sem mostrar, onde posteriormente serão fotografados a retratar a emoção que tiraram. Em grande grupo serão apresentadas todas as fotografias tiradas onde os participantes terão de descobrir as emoções apresentadas. <input type="checkbox"/> Seguidamente iremos proceder à audição de diversas músicas ciganas.	<input type="checkbox"/> Autoconhecimento <input type="checkbox"/> Autodescoberta <input type="checkbox"/> Desenvolvimento da criatividade <input type="checkbox"/> Expressividade e a comunicação. <input type="checkbox"/> Autoconsciência	<input type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Expressão Corporal <input type="checkbox"/> Expressão Dramática <input type="checkbox"/> Expressão Musical	<input type="checkbox"/> Máquinas fotográficas <input type="checkbox"/> Computador	1 x semana (5ª feira) das 16h 30m às 18h00m

ANEXO 16: Imagens (emoções) a utilizar na 4ª sessão



MEDO



RAIVA



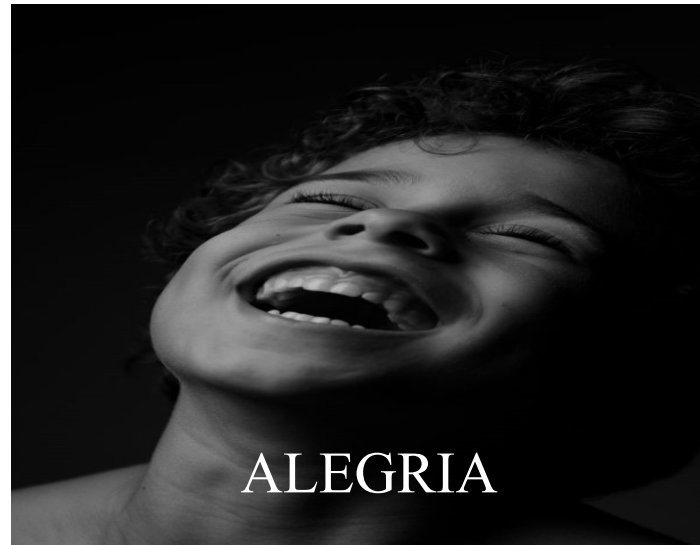
COMPAIXÃO



TRISTEZA



VERGONHA



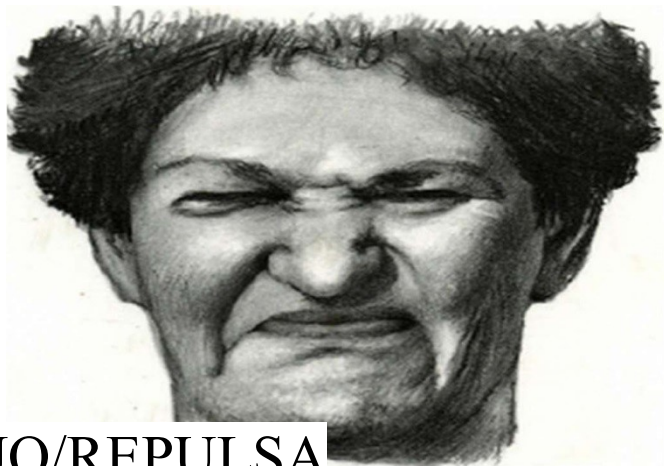
ALEGRIA



CULPA



ZANGA



NOJO/REPULSA



AMOR



ANGÚSTIA



FRUSTRAÇÃO

Anexo 17: Palavras das emoções a utilizar na 4ª sessão

MEDO	RAIVA	COMPAIXÃO
TRISTEZA	VERGONHA	ALEGRIA
CULPA	ZANGA	NOJO/REPULSA
AMOR	ANGÚSTIA	FRUSTRAÇÃO

Anexo 18: 4ª alteração efetuada à planificação inicial da intervenção (5ª sessão)

SESSÃO Nº 5				DATA INTERVENÇÃO: 12 abril 2018
DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES A DESENVOLVER	OBJETIVOS PRETENDIDOS A DESENVOLVER	LINGUAGEM ARTÍSTICA IMPLEMENTADA	MATERIAIS A UTILIZAR	HORA DAS SESSÕES
<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> A sessão irá iniciar-se com diálogo em grande grupo onde vou explicar as atividades que vamos desenvolver para a presente e última sessão da minha intervenção. <input type="checkbox"/> A sessão irá prosseguir com a última atividade do “Laboratório experimental de criação artística: Arte para todos” (ver anexo 19) <input type="checkbox"/> A sessão terminará com a partilha advindas das experiências de criação artísticas. 	<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Autoconhecimento <input type="checkbox"/> Autodescoberta <input type="checkbox"/> Desenvolvimento da criatividade <input type="checkbox"/> Expressividade e a comunicação. <input type="checkbox"/> Autoconsciência 	<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Fotografia <input type="checkbox"/> Expressão Corporal <input type="checkbox"/> Expressão Dramática <input type="checkbox"/> Expressão Musical 	<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Computador <input type="checkbox"/> Folhas de papel cavalinho <input type="checkbox"/> Plasticina <input type="checkbox"/> Diversos livros sobre “Arte Contemporânea” <input type="checkbox"/> Lápis cor <input type="checkbox"/> Canetas feltro <input type="checkbox"/> Lápis de cera <input type="checkbox"/> Lápis carvão <input type="checkbox"/> Borracha <input type="checkbox"/> Lápis de carvão <input type="checkbox"/> Revistas <input type="checkbox"/> Tesouras <input type="checkbox"/> Colas 	<p>1 x semana (5ª feira) das 16h 30m às 18h00m</p>

ANEXO 19: Atividades de criação artística a utilizar na 5ª sessão

“Laboratório experimental de criação artística: arte para todos” - Atividades de criação artística -	
Objetivos da atividade da 5ª intervenção	Data da realização: 12 abril 2018
<p>Para esta atividade pretendo dividir os participantes em três grupos. Dois (C e D), irão trabalhar de forma individual e os outros dois (B e F) irão realizar uma atividade conjunta.</p> <p>A escolha e decisão das atividades individualizadas foi pelo motivo de ter verificado, no decorrer da minha investigação, o fator de motivação e participação de ambos. Considero desta forma uma mais valia desenvolverem um trabalho de criação artística autónomo, tendo em consideração as expressões artísticas que mais gostam.</p> <p>Quanto aos outros participantes que vão desenvolver a atividade em conjunto, foi em virtude de ambos não saberem ler nem escrever. Dado que o participante B tem dificuldades ao nível da linguagem e expressividade, e opostamente, o participante F tem essa facilidade, considerei que seria proveitoso a atividade em conjunto.</p> <p>Pretendo desta forma, com estas atividades, verificar as atitudes gerais: comportamento, criatividade, expressividade e comunicação, diante as expressões artísticas de maior evidência, observadas.</p>	
Participantes	Descrição das atividades a desenvolver na 5ª intervenção
B e F	<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Os participantes irão visualizar um powerpoint alusivo ao conceito cidadania (ver em anexo 20), onde serão exploradas imagens. Pretende-se que estes reflitam e discutam acerca das mesmas. São imagens que vão ao encontro desta temática, o tema mensal definido nos primórdios desta investigação. <input type="checkbox"/> Os participantes irão criar, de forma livre, uma personagem a partir de materiais plásticos disponibilizados: folhas de papel cavalinho, plasticina, lápis cor, canetas feltro, lápis de cera, lápis carvão, borracha e lápis de carvão, revistas, tesouras e colas. Seguidamente irão descrever as características dos personagens: nome; idade; se é

	<p>um bebé, uma criança, um adolescente, adulto, alguém idoso; características físicas e traços psicológicos. Depois desta produção e caracterização, vão elaborar uma história, tendo como indutor, imagens que irão visualizar em power point, alusivas ao conceito cidadania (ver anexo 21).</p>
C	<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Irá produzir diversos desenhos artísticos de forma livre e autónoma. Irei dar algumas sugestões, mas a escolha será sempre do participante. <input type="checkbox"/> Poderá realizar a sua composição artística a partir de uma bola, de um rabisco, ouvindo música, olhando uma imagem, entre outras. <input type="checkbox"/> O espaço para a realização desta atividade será da escolha do mesmo. Poderá optar por ficar na sala, ir para um espaço público à sua escolha, entre outros. <input type="checkbox"/> Serão disponibilizados diversos materiais plásticos: folhas de papel cavalinho, lápis de cor, canetas de feltro, lápis de cera, vários lápis carvão para fazer sombreados, borracha, para que possa explorar e desenvolver a sua composição de criação artística.
D	<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Será disponibilizada bibliografia alusiva ao movimento da Arte Contemporânea bem como diferentes artistas dos diferentes movimentos. Pretende-se que o participante explore a diferente bibliografia e tenha um maior contacto com a Arte e a Obra de Arte. <input type="checkbox"/> Posteriormente vai explorar o livro, “O Livro das Pinturas Famosas” onde vai selecionar a imagem que gosta. Depois desta escolha vai desenvolver a atividade, “leitura de obra de arte” (ver anexo 22). <input type="checkbox"/> No final vai partilhar os seus saberes, relativamente à questão, “O que é a Arte?”

Número do dispositivo	Imagem do dispositivo
1	
2	
3	

4

Serão os direitos e deveres iguais para todas as pessoas do mundo? Porquê?

5






6



7



ANEXO 21: Imagens a utilizar para a criação da história da 5ª sessão

Número do dispositivo	Imagem do dispositivo
1	 <p>Vamos a uma atividade Lúdica? Sou um verdadeiro contador de histórias...</p>
2	 <p>banana bus</p>
3	

4



5



6



Atividade de leitura de obra de arte
(modelo adaptado do roteiro de Apreciação Estética segundo o método Image Whatching)

A partir da obra apresentada, desenvolva o seguinte roteiro:

1. Ficha Técnica da obra:

- Título:
- Autor da obra:
- Técnica (Pintura, escultura, gravura, fotografia, etc):

2. Descrição da obra:

- O que você vê nesta obra?

3. Análise à obra (constituição visual da obra):

- Formas:
- Cores:
- Luz/ Sombra:
- Textura:


4. Movimento Artístico:

- A obra parece-se com quê?
- Qual a mensagem que o artista passa através desta obra?
- Qual a reação que você acha, que as pessoas tiveram ao ver esta obra?

5. Interpretação à obra de arte (sensações, emoções, lembranças e representações pessoais):

- O que você sente ao ver esta obra de arte?
- Você gosta desta obra de arte ou não? Porquê?
- Você enquadraria a Obra como Arte?

ANEXO 23: Planificação das sessões do grupo, “Giros à Conversa”, enviado pela diretora técnica





Planificação das Sessões do grupo Giros à Conversa | Fevereiro 2018

Tema: “Os meus direitos”

Objetivos Gerais: Promover uma maior participação cívica e consciencialização dos direitos e deveres, Promover o direito à saúde; Contribuir para o desenvolvimento de competências pessoais e sociais, possibilitando aos participantes uma novas experiências de vida.

Sessões	Objetivos	Atividades	Documentos/Instrumentos de apoio	Duração/ Data	Técnicos
4.ª Sessão	Identificar direitos e deveres Selecionar uma ação de cidadania	1. A partir de imagens, cada participante identifica e partilha com o grupo o significado daquela imagem para si próprio 2. Focus group identificação de ações de cidadania	Imagens Cartolina	16h30 às 18h 1h30 min 01/02/2018	Lisete Cordeiro Idália Bento
5.ª Sessão	Identificar direitos e barreiras associadas à saúde			16h30 às 18h 1h30 min 08/02/2018	
6.ª Sessão	Desenvolver uma ação de cidadania	1. Ação 2. Pedir a cada participante para descrever a atividade numa palavra		16h30 às 18h 1h30 min 15/02/2018	Idália Bento
7.ª Sessão	Promover o bem-estar enquanto estratégia de promoção da saúde	1. Relaxamento	Guião	16h30 às 18h 1h30 min 22/02/2018	






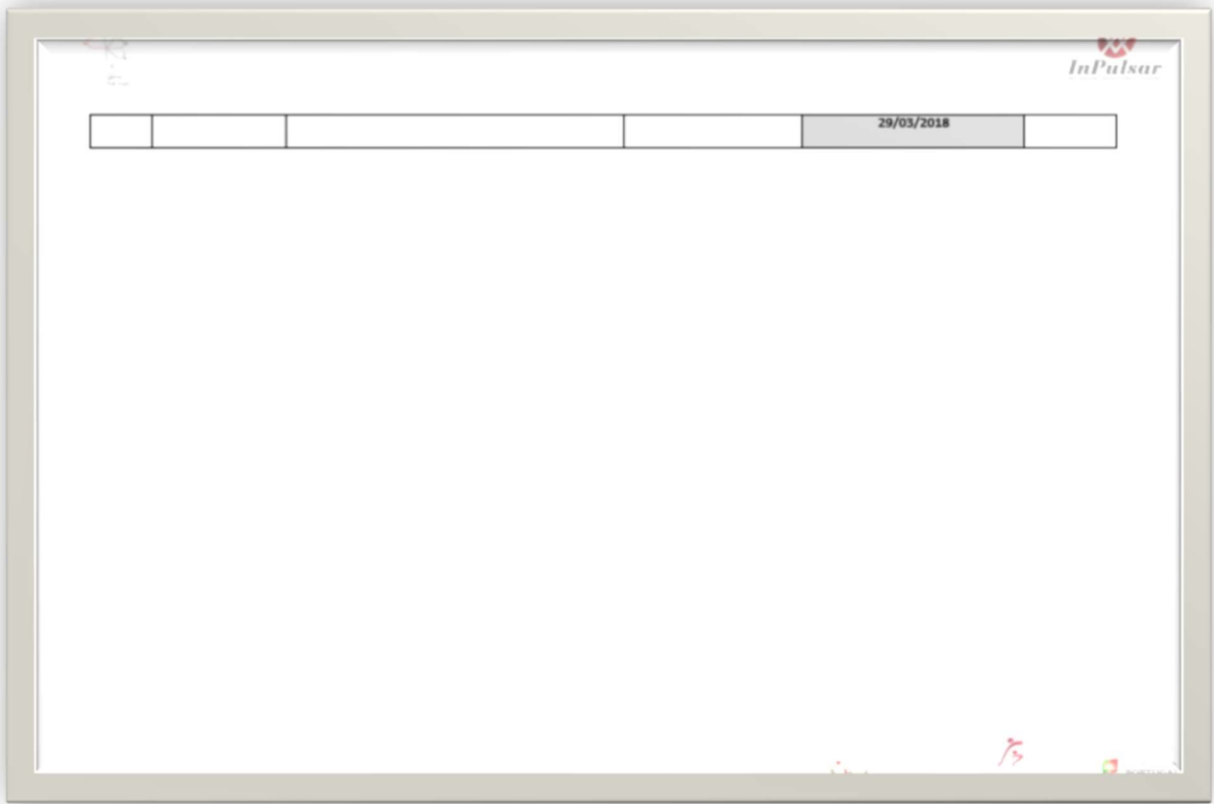
Planificação das Sessões do grupo Giros à Conversa | Março 2018

Tema: “Os meus direitos”

Objetivos Gerais: Promover uma maior participação cívica e consciencialização dos direitos e deveres a partir de linguagens artísticas, Promover o direito à saúde; Contribuir para o desenvolvimento de competências pessoais e sociais, possibilitando aos participantes uma novas experiências de vida.

Sessões	Objetivos	Atividades	Documentos/Instrumentos de apoio	Duração/ Data	Técnicos
8.ª Sessão	Promover o direito à cultura	Visita cultural	Agenda de leitura	16h30 às 18h 1h30 min 01/03/2018	Idália Bento
9.ª Sessão	Estratégias de promoção da saúde através de jogos de estimulação cognitiva	1. Batalha naval		16h30 às 18h 1h30 min 08/03/2018	
10.ª Sessão	Estimular a criatividade a partir de linguagens artísticas	1. Elaborar o poema dos sentidos a partir de imagens/ fotografias 2. Serão colocadas diversas fotografias de violação dos direitos no centro da mesa e a partir dessa imagens são constituídas histórias das pessoas. 3. Poderá também discutir-se o poder da imagem/ fotografia	imagens/ fotografias	16h30 às 18h 1h30 min 15/03/2018	Idália Bento
11.ª Sessão				16h30 às 18h 1h30 min 22/03/2018	
12.ª Sessão				16h30 às 18h 1h30 min	





N-1

- Mona Lisa
- Leonardo da Vinci
- Pintura

N-2.

- Uma Sombrosa. Uma expressão.
- Como se a luz dela estivesse tido a poder muito fumo.

N-3

- Acho que consoante a inclinação do quadro e as próprias Sombras que dão um parecer de Realismo e beleza.

N:4

- Apesar da beleza Hosta muita tristeza.
- Possivelmente no meio sentindo tratundo-se de um ALERTA!
- Ou qualquer pessoa a passar pelo degenho despesta e para para ver!!!...

N:5

- Qualquer coisa de estando como se ela quisesse comunicar.
- Sim porque gosto muito.
- Sim.
- Que quei faz uma obra desta como se fosse uma foto acdo Bonito genial.

ANEXO 25: Desenho livre do participante D



Diário de bordo: retrato de um estudo exploratório

Reflexão introdutória ao meu diário de bordo

É com esta reflexão que inicio o meu diário de bordo, retrato de um estudo exploratório

Este diário de bordo teve como finalidade o registar de factos por mim observados, constatados e vivenciados no decorrer de toda a minha intervenção. A partir de uma análise reflexiva, ao longo das cinco intervenções, fui descrevendo de forma minuciosa, precisa e pormenorizada o desenvolver dos acontecimentos alusivos a este estudo, que é um estudo exploratório. No entanto, o intuito destes escritos foi também o anotar evidências sucedidas, factos que me ajudaram a relembrar acontecimentos passados, auxiliando-me aquando da concretização da apresentação, análise e avaliação dos resultados desta pesquisa.

Para dar início a este estudo exploratório utilizei como metodologia a observação direta. Numa primeira análise, a observação direta como técnica de recolha de dados é e foi uma ferramenta crucial desde o início desta investigação.

Esta intervenção iniciou-se com duas observações diretas. Em virtude de os participantes deste estudo advirem de contextos de vulnerabilidade e fragilidade social, estas ações permitiram estabelecer uma maior aproximação entre mim, investigadora, e os intervenientes deste estudo, os investigados. Em razão disto, considero que se tornou fulcral e pertinente um primeiro contacto, a observação direta.

Primeira observação (30 novembro 2017)

Foi no dia 30 de novembro de 2017 que iniciei a minha primeira observação. Confesso que estava entusiasmadíssima e com imensa vontade de começar a minha investigação, era como se um sentimento de êxtase me dominasse a alma. Desde o princípio do meu percurso académico que ansiava por este momento.

Eram 16h e 15 minutos quando cheguei à Rua Conde Ferreira 28, 2400-137 Leiria, instalações cedidas pela Junta de Freguesia de Leiria à associação INPULSAR. Aqui, reúnem-se semanalmente, (às 5ª feiras das 16h30m às 18h00m) os elementos técnicos que integram e fazem parte desta equipa de trabalho, uma diretora técnica, uma enfermeira e um assistente social, e os utentes que de forma livre e espontânea se dirigem e a este grupo terapêutico.

Usualmente, estas sessões terapêuticas decorrem segundo uma planificação preconcebida após reunião conjunta entre estes técnicos. A posteriori, é estabelecido um tema mensal que poderá ser: cidadania, saúde e bem-estar, entre outros. Após seleção e definição do tema, é efetuado um programa mensal de atividades a desenvolver com os utentes que se dirigem à sessão terapêutica. Quanto ao programa das atividades mensais, conforme indicações dadas pelo assistente social, poderá sofrer as suas devidas alterações. Estas mudanças ocorrem, em consequência de os utentes serem a base primordial destas sessões terapêuticas, e, com o propósito, destas irem ao encontro dos seus ideais e interesses.

No que concerne à primeira observação estiveram presentes, o assistente social, a estagiária da licenciatura de educação social e quatro utentes, a quem designarei de utentes A, B, C e D. O grupo iniciou o diálogo sobre futebol, onde constatei que foi um assunto de bastante interesse. Um tema que se destacou nas conversas e diálogos, permanecendo ao longo de quase toda a sessão terapêutica. Em referência a esta discussão, eu que pouco entendo de futebol, verifiquei que cada um dava a sua opinião pessoal. No entanto, realço que apenas discutiram e entram em debate, aqueles utentes a quem o tema futebol eram um ponto de convergência e de interesse comum.

Em seguimento à conversação com os utentes, o assistente social ingressou-me na discussão questionando os mesmos se não tinham curiosidade em querer saber quem eu era e o que estava ali a fazer. Diante esta questão efetuada pelo técnico, verifiquei que pela primeira vez os utentes olharam para mim. Foi um olhar, que eu considero ser de indiferença, isto porque, ante a minha presença inicial estes não se manifestaram, nem mostraram sequer curiosidade em saber quem de facto eu era.

Em seguimento aos factos, iniciei o meu diálogo com os utentes onde me apresentei dizendo o meu nome, idade e local de residência. Continuamente, esclareci-os quanto à minha presença no grupo terapêutico, explicando-lhes em breves palavras, de modo a que eles conseguissem compreender-me, “Estou a tirar o Mestrado em Intervenção e Animação Artísticas aqui em Leiria, na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais de Leiria. Esta escola, fica junto à Camara Municipal de Leiria. Eu gostaria de saber, se vocês não se importariam de fazer parte de uma investigação que estou a fazer.”, em que estes concordaram sem hesitar. Diante esta atitude, aceitar sem vacilar, eu refleti um pouco olhando para cada um deles. Ante os meus olhos, um quadro de simplicidade e espontaneidade se manifestava. Uma atitude conjunta unificada pela

disponibilidade, flexibilidade e receptividade face ao apelo de alguém que mal conheciam. Desta forma compreendi, que numa investigação é necessário e essencial que exista não só a disponibilidade, mas também a aceitação. A entrega total e plena, acessórios primordiais que devem constar no retrato pessoal e individual de cada investigador.

Seguidamente, referi que eram livres para fazer perguntas e tirarem as dúvidas que considerassem ser necessárias e pertinentes. Sem demora, o utente A questionou-me seriamente, “É difícil tirar o ensino superior?”, na qual eu respondi à sua questão com base na minha experiência pessoal. Posteriormente, pedi que cada um se apresentasse dizendo nome e idade. Assim que o primeiro utente se apresentou dizendo o seu nome e idade, o assistente social intercedeu, pedindo que referisse, quais os objetivos que gostaria de concretizar e as dificuldades sentidas na sua vida quotidiana. Uma atitude que tomou em cada uma das apresentações. Fazendo uma análise a este ponto, a intervenção feita pelo assistente social foi-me bastante útil e eficiente. Sendo eu uma investigadora principiante e inexperiente senti o meu primeiro obstáculo relativamente à minha investigação, a condução de um diálogo, investigador/ investigados em contexto prático interventivo.

Em relação à apresentação pessoal de cada um constatei que dois temas emergiram: a escola e o trabalho, desejos que gostariam de concretizar. Um detalhe a acrescentar, foram as dificuldades sentidas ao nível das competências: sociais, comportamentais e relacionais, nomeadamente a aceitação do outro; respeitar a figura de autoridade (PSP e GNR); gestão de conflitos interiores que são advindos de fatores externos, entre outros.

De uma forma geral o grupo apresenta uma baixa autoestima. Em contrapartida, aceitam-se como grupo não apresentando conflitos nem mesmo desentendimentos, quer entre si e para com os técnicos. Ao longo de toda a sessão terapêutica mostraram-se quase sempre sorridentes e bem-dispostos, assim como, facilidade em exteriorizarem e partilharem vivências pessoais, dificuldades e experiências ocorridas no dia-a-dia.

Relativamente a esta observação e após término da sessão, ficou combinado com o assistente social de agendarmos nova observação. Esta iniciativa partiu do técnico existindo um acordo entre ambos. O objetivo desta segunda observação direta teve dois propósitos, primeiro, analisar os utentes em contexto prático-terapêutico e depois, perceber como os técnicos desenvolvem o trabalho prático com recurso ao tema mensal.

Segunda observação (4 janeiro 2017)

Esta observação aconteceu a 4 janeiro 2018. Para este mês de janeiro, o tema selecionado tendo em conta a planificação (ver anexo 23) foi, “Os meus direitos”.

A presente sessão decorreu com a presença, da diretora técnica, do assistente social, da estagiária da licenciatura de educação social e 10 utentes. Esta reunião teve como metodologia, o Focus Group, nos quais os utentes individualmente iam referindo e apresentando as suas opiniões pessoais sobre:

- Aspetos positivos / negativos das atividades propostas
- Sugestões / melhorias a efetuar.

Quanto a esta sessão, após análise de tudo aquilo que observei e analisei, tenho a registar o seguinte. Acerca da atividade proposta e desenvolvida, somente um facto tenho a dizer, a participação ativa de todos os utentes. Em relação à observação por mim efetuada nesta sessão terapêutica, esta foi sem dúvida muito importante. Atendendo a tudo aquilo que vi, o trabalho desenvolvido pelo assistente social, a interação e discussão entre utentes/assistente social foram particularidades essenciais, informações úteis que me irão ajudar na recolha e no desenvolvimento e processo do meu trabalho de pesquisa.

Em suma, julgo que a observação direta como técnica de recolha de dados, antes de iniciar a minha intervenção, foi sem dúvida muito importante. Uma atitude, um comportamento assertivo face ao estudo que quero e pretendo desenvolver e analisar. Por este motivo, julgo ter feito a escolha mais acertada e adequada aos participantes, tendo em mente as diversas situações problemáticas, as histórias de vida de cada um e os objetivos específicos e pretendidos para este estudo exploratório.

Primeira Intervenção (1 fevereiro 2018)

Hoje iniciei a minha primeira intervenção. Neste dia, apenas estiveram presentes, a diretora técnica, eu investigadora e um utente, o utente B. Em concordância com a diretora técnica, realizei a minha primeira atividade proposta, e que consta na planificação inicial da minha intervenção (ver anexo 1).

Como primeira atividade decidi utilizar a linguagem artística, fotografia. O objetivo desta atividade era simplesmente a exploração de diversas imagens (ver anexo 2), relativas ao conceito cidadania. Para facilitar a minha intervenção coloquei por trás de cada imagem questões que considerei serem pertinentes (ver anexo 3). Estas questões apenas serviam para me orientar, no momento da minha intervenção.

Voltando à minha intervenção, comecei por mostrar uma primeira imagem ao utente que se encontrava presente, pedindo que este identificasse a imagem. O mesmo eu fiz com as imagens seguintes. Abordando agora um ponto da minha intervenção, constatei que foi necessário fazer muitas outras questões, além daquelas que se encontram em anexo. Questões que eu considerei serem pertinentes e alusivas aos direitos e deveres, enquanto cidadão.

Em relação à atitude do utente B, ante a exploração das imagens, achei interessante o facto deste, através da linguagem artística, fotografia, partilhar a sua opinião pessoal. Discurso que passo a expor a seguir:

Investigadora: “Vamos na rua, um cão chega-se ao pé de nós damos-lhe um pontapé que ele vai a voar pelo ar. B, acha isso correto?”

Participante B: “Ai, isso não” (mostrando um ar sério).

Investigadora: “Vou à biblioteca, tiro um livro da estante. Eu rasgo e estrago esse livro.”

Participante B: “Ai, isso não” (mostrando um ar sério).

Percebi também, que a exploração das imagens enquanto meio para comunicar e dialogar, permitiu que o participante B, mostrasse interesse em querer saber e aprender. Apresentasse e partilhasse as suas próprias ideias, pensamentos e questões:

Investigadora: “B, porque é importante termos um cartão de cidadão?”

Participante B: “Porque se não tivermos, a polícia pode prender-nos “

Retornando à minha intervenção, gostaria de narrar aqui, um episódio que considerei interessante. Episódio, tendo em conta o diálogo anteriormente mencionado, conversação referente à imagem do cartão do cidadão. Pedi ao participante que identificasse a imagem, na qual a identificou corretamente como cartão de cidadão. Como conseguiu identificá-la, questionei-o sobre a finalidade da mesma, não obtendo quaisquer respostas por parte deste. Então expliquei-lhe, acrescentando, que o cartão de cidadão era algo que nos identificava. Um cartão onde está registado o nosso nome, data de nascimento, a nossa altura, entre outras informações. Um dado momento, ele sorriu e disse, “É o 25!”, quando lhe disse que fazia anos no dia 25. Posteriormente, indaguei-o se poderia mostrar o seu cartão de cidadão, onde se disponibilizou prontamente. Com autorização do participante B decidi mostrar-lhe apontando, todos os dados que continham o seu cartão de cidadão, informações que já tinha explorado e referido anteriormente (nome, data de nascimento, nacionalidade, nome do pai, nome da mãe, altura, entre outros dados).

Reflexão pessoal à minha 1ª intervenção:

Relativamente à minha primeira intervenção tenho alguns pontos a mencionar. Quanto à exploração de imagens, verifiquei que o utente B tem uma certa consciência dos seus direitos e deveres enquanto cidadão. Este conseguiu identificar atitudes assertivas para com os animais e natureza compreendendo que, não se pode colocar lixo no chão; estragar os livros da biblioteca; no museu não devemos mexer, entre outras. Em contrapartida, não tem noção de algumas regras sociais tais como: pedir ajuda num local público, pedir informações em espaços culturais e agir quando é abordado por figuras de autoridade. Por outro lado, não tem consciência da importância: do direito ao voto, da sua identificação pessoal enquanto cidadão, nem dos locais públicos que pode frequentar.

A completar, por considerar pertinente e fundamental, ao longo desta intervenção fui partilhando experienciais reais e pessoais das minhas vivências. Através dos meus saberes e conhecimentos achei que, assim, seria mais simples para melhor exemplificar as atitudes “corretas” a tomar, em relação aos seus deveres e direitos enquanto cidadão.

Assim, a planificação das atividades para as próximas intervenções, irá sofrer as suas alterações necessárias. A atividade prevista para a segunda sessão, agendada para o próximo dia 15 fevereiro 2018, passará a realizar-se na quarta sessão interventiva (15 março 2018). Passando a realização das atividades a ser da seguinte forma:

Nº SESSÃO	DATA DA SUA REALIZAÇÃO	HORA
Sessão 1	1 fevereiro 2018	16:30 às 18h00m
Sessão 4	15 fevereiro 2018	16:30 às 18h00m
Sessão 1	1 março 2018	16:30 às 18h00m
Sessão 2	15 março 2018	16:30 às 18h00m
Sessão 3	29 março 2018	16:30 às 18h00m

Em concordância com a diretora técnica, as 4 sessões previstas inicialmente passarão a ser 5 sessões, em razão da instabilidade dos participantes e para que os dados recolhidos para esta investigação possam ser mais precisos e claros.

Pela sua natureza índole e por considerar ser um complemento à recolha de informações, referências significativas para esta investigação, solicitei à diretora técnica se concordava em

fazer parte da próxima atividade, “Laboratório Experimental de Criação Artística: Arte para Todos”, ao qual esta consentiu.

Em consequência de os participantes revelarem dificuldades de foro intelectual, efeito das situações problemáticas, procedi à justa alteração da planificação inicial (ver anexo 4). Por outro lado, os materiais que utilizei em cada sessão terão em conta as dificuldades e necessidades individuais, porque a igualdade de oportunidades é um direito de todos.

Segunda Intervenção (15 fevereiro 2018)

Para esta segunda intervenção estiveram presentes a diretora técnica, a enfermeira, a estagiária da licenciatura de Educação Social, eu investigadora e 5 participantes, os utentes B, D, F, G dos quais o participante C entrou na fase final da sessão.

Para a concretização desta sessão, “Laboratório Experimental de Criação Artística: Arte para Todos” (ver anexos 5, 6) e sob a concordância dos utentes, fizeram parte da atividade, os outros intervenientes acima mencionados.

Por julgar ser uma necessidade, derivada das problemáticas associadas a cada utente, eu, investigadora fiz parte da atividade desta segunda intervenção. A minha participação neste laboratório tornou-se uma ferramenta primordial, na qual a minha atuação serviu como um modelo a seguir. Um instrumento fundamental ao entendimento e compreensão de todos os participantes.

Como os participantes B e F não sabem ler nem escrever, as imagens que utilizei para esta sessão serviram como um suporte essencial. Um agente atenuante, enquanto meio de comunicação e expressão.

A sessão começou com a diretora técnica a colocar as cadeiras em semicírculo. À medida que os participantes chegavam, iam-se sentando nas respetivas cadeiras. A sessão iniciou com a presença dos participantes B, D, F e G, em que estes assinaram o respetivo Consentimento Informado e o Pedido Autorização Gravação Áudio e Imagem (ver anexo 27). Todos assinaram, excepto o participante F, que não quis assinar o Pedido Autorização Gravação Áudio e Imagem. Todavia, apesar deste participante não querer assinar a autorização, posteriormente quando lhe perguntei se não se importaria que tirasse fotos, consentiu. A pedido de um participante comprometi-me, a enviar os mesmos assinados, por email à diretora técnica, para que ficassem guardados nos processos individuais.

Passando agora à minha intervenção, comecei por mostrar a primeira imagem (ver em anexo 7) aos participantes e perguntei: “Quem é que acham, que está nesta imagem?”. As

respostas foram surgindo: “É um homem”, “Tem uma mão no braço”, “Está assim”. Seguidamente, questionei: “Este homem podia ser o João, o António, o Manuel, ou qualquer pessoa?”, concordaram que sim, à exceção de dois participantes que nada disseram. Voltei a interrogar novamente o grupo:”. Esta imagem mostra um homem todo preto, não tem a cara. Este homem, não podia ser um de vocês?”, disseram somente, sim. Continuamente, referi que tinha 3 perguntas para fazer a todos, onde primeiramente interroguei “Já alguma vez se questionaram?”, e mostrei a segunda imagem (ver em anexo 8), reforçando “O que eu faço aqui na INPULSAR?”. Apenas um participante respondeu dizendo que ia à IMPULSAR, porque tinha de ir. Agradeceu, enaltecendo o magnífico trabalho realizado pela associação, bem como todo o trabalho desenvolvido para com os utentes do grupo terapêutico. Seguidamente apresentei a terceira imagem (ver anexo 9), interpelando, “O que faço eu neste mundo?”. De novo uma única resposta recebi, “Tenho um outro trabalho a fazer daqui para a frente. Todos cá na Terra temos o nosso trabalho”. E uma quarta imagem se seguiu (ver anexo 10), “Quem sou eu?”, na qual um participante declarou, “Ainda ando à procura dessa resposta.” Relativamente a esta atividade, percebi que a fotografia enquanto ferramenta artística levou a uma participação ativa através da imagem simbólica, mas quando confrontados com o próprio eu, as respostas foram basicamente nulas.

Continuamente à atividade fiz uma nova questão, “Quem acham que são vocês?”, obtendo apenas respostas pouco significativas. Levantei-me, fui buscar dois espelhos e entreguei- os aos participantes explicando que, cada um iria olhar para o espelho e ver-se a si mesmo. Depois de verificar que os espelhos passaram por todos os participantes questionei, “O que estão a ver?”, as respostas foram diversas: “Já tenho uma barba muito grande”; “Pareço um sem-abrigo”; “Pareço um bêbedo”. Comparativamente às reações por mim constatadas, um participante observou o seu rosto, dois olharam para o espelho comentaram e passaram de forma rápida. E ainda um outro, quando olhou não quis ver o seu próprio rosto refletindo um olhar profundo de imensa tristeza e melancolia.

As atitudes dos participantes, as palavras, a tristeza visível no rosto daquele participante, fez-me refletir, onde eu confesso que mexeu dentro do meu ser. Esta atividade tinha sido planeada com um único objetivo, levar os participantes a refletirem sobre quem eram eles, a olhar para si mesmos. Mas o resultado acabou por seguir um outro rumo, causando desconforto nas atitudes, palavras e emoções de cada um. Seguidamente segurei num espelho e interroguei: “Será que só temos um corpo físico?”. Olhei para o meu rosto no espelho e disse, “Eu gosto de olhar para mim. Gosto tanto de mim! (pausa) Deixem-me cá olhar bem (pausa) Tenho olhos. Vocês têm olhos? (pausa) Tenho uma boca. Vocês também têm uma boca (pausa)” A cada questão que fazia olhava para o público e questionava-os, estes ficavam muito sérios a olhar para mim. Depois, fiz uma outra questão, “Será que só temos um corpo físico?”. Aqui, expliquei-lhes, “Todos temos

um corpo. O nosso corpo tem vários sentidos. Cada sentido tem uma função. Mas existem sentidos que nós não vemos, mas que sentimos e não tocamos: a intuição (pensamento), sensações (dor, frio, tristeza, etc). E a criatividade, vocês acham são pessoas criativas?”, somente um participante respondeu que sim.

Continuei a minha intervenção, e com base na bibliografia dada pela professora Maria São Pedro na Unidade Curricular, Laboratório de Teatro, “O Elemento” de Ken Robinson e Lou Aronica, mostrei duas imagens (ver anexo 11), contando as histórias de vida destas pessoas. Gillian Lyanne, uma célebre bailarina e coreógrafa e Mark Groening, autor dos desenhos animados muito conhecidos, Simpsons. Gillian, era uma aluna com um péssimo comportamento e um mau rendimento escolar. Seguiu a carreira de bailarina, depois dos seus pais a levarem a uma consulta de psiquiatria. E Mark, um aluno bem diferente. Apesar de ser bom aluno, durante as aulas de educação visual percebeu que gostava e tinha jeito para desenhar. A finalidade destas duas histórias teve o seguinte propósito, levar os participantes a refletir que podemos ser muitos mais do que imaginamos e acreditamos ser. Que, apesar das circunstâncias e daquilo que a vida nos possa oferecer, quando nós quisermos podemos dar-lhe um novo rumo, um outro sentido diferente, do outro lado da vida.

Posteriormente falei acerca da atividade proposta para esta sessão, “Laboratório Experimental de Criação Artística: Arte para Todos”, onde justifiquei esclarecendo que esta, e as próximas sessões, iriam permitir que eles vivenciassem experiências artísticas. Experiências criativas que possibilitavam a oportunidade de cada descobrir o que era capaz de fazer criativamente.

Exposto isto, demos início ao “Laboratório Experimental de Criação Artística: Arte para Todos”, com as duas primeiras atividades propostas e que constam na planificação as “técnicas de desbloqueio da criatividade” (ver anexo 5). Expus os objetos autênticos (moldura, peluche, pincel, pirilampo mágico, copo pequeno de plástico, afixador, anjo de madeira, isqueiro, carteira, bloco de notas, flor, nossa senhora, relógio, porta chaves, telemóvel, tapa de garrafa, borboleta, borrachas em forma de sapato) em cima da mesa, à disposição e de forma a que todos os participantes pudessem ver ao qual eu expliquei o pretendido para esta atividade. Relativamente ao primeiro exercício, consistia em que a escolha efetuada conduzisse à autodescoberta e autoconhecimento. Mais do que o objeto escolhido, o importante era que cada um olhasse para dentro de si próprio e refletisse acerca de si mesmo, partisse à descoberta e exploração, o encontro com o seu próprio eu. Quanto aos objetos por mim selecionados, a escolha deveu-se ao facto de estes serem objetos de uso pessoal e social.

A respeito da atividade, houve uma participação total, destacando-se as seguintes respostas:

PARTICIPANTE	EVIDÊNCIAS	ATITUDE
B	“O porta-chaves é para pôr a chave, é um objeto bonito”	_____
D	“Escolhi o pincel, para fazer rascunhos. Ganhei um concurso quando andei na escola”	Sorriu
F	“Eu sou tal e qual como este boneco, porque as pessoas fazem de mim um boneco”.	Imensa tristeza
G	“Gosto deste boneco, é a minha vida. Gosto do boneco, porque gosto de brincar”.	Sorrindo

Seguiu-se o segundo exercício, onde se pretendia que cada participante escolhesse o objeto em função do outro. A finalidade era através do objeto, os participantes refletirem e eu investigadora compreender acerca das relações interpessoais. Não as relações entre o próprio grupo, mas sim as relações exteriores, amigos, família e sociedade, alguém por quem eles tivessem uma maior afinidade ou ligação. Aqui, apenas dois participantes quiseram realizar a atividade, B e G, obtendo apenas uma única explicação, a do participante G, “Este boneco é mesmo mágico e acho engraçado”. Todavia, o participante B apenas mostrou o isqueiro sorrindo de felicidade. Quanto aos outros utentes, questionados pela diretora técnica se não queriam tirar um objeto, as respostas foram similares. Um, o participante D, disse que não, o outro, o participante F, respondeu com um rosto muito desconsolado “Não sou capaz”.

Face à atitude de negação por parte destes dois participantes, D e F, e tendo em conta a atividade proposta, considero que existe uma barreira. Dificuldades ao nível das relações interpessoais, factos que se revelaram diante a atitude e resposta dadas. A acrescentar, ambas as atividades foram também com o intuito de auxiliar no desbloqueio da criatividade e imaginação. Um método, a fim dos participantes não se sentirem inertes diante uma folha branca.

Posteriormente continuamos a sessão com as “Dinâmicas de Grupo: Arte para Todos” (ver anexo 6) em que iniciámos com a primeira dinâmica. Comecei por mostrar uma folha branca aos participantes, onde com uma caneta de feltro fui exemplificando o pedido para esta atividade, colocando um risco numa extremidade da folha. Seguidamente pedi que cada um por um fossem colocando também um risco, de forma a estarem 8 risco nas extremidades da folha de papel cavalinho, o número de pessoas que estavam na sala a realizar esta dinâmica. Seguidamente dirigi-me a cada participante e entreguei uma folha branca com o mesmo número de risco, em que pedi que nessa mesma folha fizessem um desenho livre sobre “Quem eu sou?”. Para a realização desta atividade coloquei à disposição dos participantes e em cima da mesa, diversos materiais: canetas

feltro, lápis de cera, borracha, afiadeira, lápis de cor, lápis de carvão. A atividade iniciou-se tendo como cenário de fundo a música, “Música maravilhosa para relaxar, piano suave e violino imagens belíssimas ao vivo!”.

Sobre esta atividade pude constatar que a participação foi total ocorrendo um envolvimento integral. Todos mostraram uma atitude serena, participação ativa, concentração e empenho na tarefa. Perante a atitude dos participantes, a expressão plástica como metodologia interventiva revela ser um meio pela qual o indivíduo se entrega. É a oportunidade que ele tem de dar-se e se deixar envolver de forma íntegra e plena. Ao longo desta atividade pude constatar o à vontade, a desinibição com que os participantes manuseavam os materiais plásticos. Desta forma aqui é revelado que esta manipulação permitiu que os participantes dessem liberdade à sua imaginação e criatividade. Sendo isso mostrado nas criações que iam sendo desenvolvidas. Criações artísticas que revelavam o mundo intrínseco e próprio de cada um, porque não são só as palavras proferidas que revelam expressividade. Desenhar é uma forma de expressão e comunicação não verbal.

Relativamente à atividade proposta dois utentes terminaram a tarefa de forma rápida, os participantes B e G. Em contrapartida os participantes D e F centraram-se envolvendo-se com muito mais intensidade. Em virtude destas atitudes tão díspares julgo que os participantes que mostraram uma maior envolvimento relativamente ao desenho, indica que este é um estímulo que causa motivação. Contrariamente, isso não se verificou nos outros dois participantes que terminaram a tarefa de forma célere.

O fim da sessão aproximava-se quando bateram à porta, era um novo utente que tinha chegado, o participante C. Enquanto se dirigia ao seu lugar observava o que faziam os participantes D e F, envoltos na tarefa que ainda não tinham terminado. Assim que se sentou pediu de forma autónoma para participar na atividade, onde eu retribuí dando-lhe também uma folha branca com 8 riscos nas extremidades. Sentado na cadeira e diante aquela folha branca o participante C apenas a observava. Com um lápis de carvão na mão, olhar pensativo e sem nada conseguir fazer. Isto fez-me refletir sobre a atitude contrária que tiveram os outros quatro participantes, que em contacto com os materiais plásticos começaram a produzir um esboço criativo. Analisando as atitudes contrárias face às técnicas de desbloqueio, verificou-se que estas foram uma ferramenta útil, ajudando no fluir dos pensamentos criativos. O tempo da sessão chegou ao fim, foi pedido aos participantes que a atividade terminaria na próxima sessão agendada para o dia 1 março 2018.

Reflexão pessoal à minha 2ª intervenção

Refletindo acerca desta intervenção, e tendo em conta a planificação por mim efetuada, percebi que não consigo realizar todas as atividades propostas e definidas em cada sessão. Por outro lado, as planificações terão de ser ajustadas pela conseqüente instabilidade de presenças em cada sessão e pelas reações incertas face às atividades. A complementar ao exposto, a planificação tem de ser adaptada também, atendendo aos objetivos propostos para este estudo. Face a estes obstáculos decidi enumerar as seguintes estratégias para eventuais dificuldades que possam surgir.

- Eventuais participantes novos fazerem a atividade do desenho livre com 8 riscos na extremidade, para colocar no mosaico. Os participantes C e D terminarem a atividade do desenho livre na folha de papel A4, enquanto os outros participantes constroem o mosaico.
- Em grande grupo construir o mosaico, darem o título ao trabalho e partilharem o que fizeram, no final quem não terminou pode acabar o desenho livre.
- Levar a planificação da sessão seguinte.

Terceira Intervenção (1 março 2018)

A minha terceira intervenção aconteceu a 1 março do ano de 2018. Neste dia estiveram presentes, a diretora técnica, a enfermeira, um voluntário, eu investigadora e 4 participantes, B, C, D e F, sendo que estes dois últimos (D e F), chegaram a meio da sessão

Iniciei a minha intervenção com a assistência dos participantes B e C. Mal eu tinha começado a sessão, já o utente C pedia para dar continuidade ao trabalho iniciado na sessão anterior, ao qual eu decidi atender ao seu pedido. Relativamente a este participante notou-se uma alteração significativa no comportamento que gostaria de referir. Na sessão anterior tinha chegado mesmo na fase final da sessão, inversamente ao que aconteceu na sessão de hoje, foi o primeiro a chegar ao grupo terapêutico. Ante o exposto, considero que a expressão plástica enquanto ferramenta interventiva convergiu como um fator de participação.

Seguidamente, visto que estava somente o participante B e que este, já tinha terminado a tarefa na sessão anterior, decidi para esta sessão realizar as atividades propostas para esta intervenção, “Relaxamento Divertido” (ver anexo 13).

Voltando à minha intervenção, dei continuidade à sessão onde interroguei ambos os participantes sobre “Coisas boas que tenham feito esta semana?”, as respostas a esta questão

foram vãs, mostrando estes uma postura estática. Decidi reformular a minha questão, “Coisas que fizeram hoje e vos fizeram sentir bem?”, mais uma vez a participação foi nula. As questões por mim colocadas tiveram como finalidade o verificar da consciência dos participantes em relação às suas atividades diárias. Efetivamente, verifiquei que estes não refletem acerca destas questões, isso percebeu-se na participação nula.

Decidi continuar a sessão referindo que na vida podemos fazer coisas úteis e que nos fazem sentir bem. O voluntário interveio contando os afazeres do seu dia-a-dia, explicando a importância destes na sua vida. Os participantes continuaram sem nada proferir diante do que ouviam. Seguidamente optei por explicar aos participantes a importância de refletirmos acerca do que podemos fazer no nosso dia-a-dia. A importância de planejarmos o nosso dia e as atividades que podemos fazer para aquele dia. Paralelamente, a enfermeira interveio intensificando a relevância desta no quotidiano, na qual os utentes exibiram com um ar seriamente pensativo.

Continuei à sessão dizendo aos participantes “Vamos pôr-nos todos de pé... Agora vou fazer perguntas para todos pensarmos e respondermos, porque gosto muito de fazer perguntas.” Perante o meu pedido, os participantes recusaram-se a participar na atividade foi necessário o auxílio da enfermeira, que interveio pedindo aos utentes que participassem na atividade. Desta forma, o utente C participou nesta atividade embora “contrariado”, tal como o utente B, que participou, mas não com muita vontade. Considero que a atitude da enfermeira foi uma mais-valia para a minha investigação, em virtude de os conhecer melhor do que eu. E também, pelo facto da sua intervenção contribuir para um melhor desenrolar dos acontecimentos que foram imprescindíveis ao desenvolvimento da minha investigação. Prossegui a minha intervenção pedindo aos utentes, “Vamos todos pôr as mãos na cara.” colocando no mesmo momento, as mãos diante o meu rosto, questionando: “O que as nossas mãos estão a tocar? (pausa) Para que serve o nosso nariz? (Pausa) E os nossos ouvidos?”. As questões não suscitaram interesse nos utentes, levando, inclusivamente, o utente C a não participar, rejeitando o toque das suas mãos no seu rosto, sentando-se momentaneamente para terminar a tarefa inacabada da sessão anterior. Apesar do utente C não continuar a participar, ia desviando o olhar do que estava a fazer, para se focar no que se estava a passar no decorrer da sessão. Todavia, a sua principal atenção e área de maior interesse foi a atividade inacabada, o desenho, constituindo-se assim, no seu principal agente de motivação.

Por seu lado, o participante B, continuou na atividade, “Relaxamento criativo” embora sentado. Apesar disso, ainda que tenha tocado na sua face não mostrou uma atitude de à vontade. Ficou-se apenas pelo tatear das maçãs do seu rosto com os dedos, não dando continuidade à ação. Não obstante, embora o participante B não lhe tenha apetecido continuar a atividade, mesmo assim eu prossegui. Percorri o meu rosto com as mãos destacando os meus quatro sentidos (olhos, boca, orelhas e mãos), brincando com estes. À medida que as minhas mãos iam percorrendo cada

sentido questionava-o,” O que as minhas mãos estão a tocar?”. Ele ia respondendo corretamente, identificando o nome dos meus quatro sentidos. Relativamente a esta atividade, constatei que o ato de brincar com o meu corpo foi um ponto de interesse deste utente. Desta forma o brincar tornou-se uma ferramenta essencial enquanto método de aprendizagem e desenvolvimento da comunicação.

Seguiu-se a sessão, em que eu continuei, “Quem tem um corpo? (pausa)Então todos temos um corpo! (pausa) Vamos olhar para o nosso próprio corpo (pausa) O que cada um está a ver? “, não obtendo qualquer resposta e reação. Apercebendo-me que estes não se estavam a sentir muito motivados, passei ao próximo passo: “Eu tenho um corpo e posso fazer muitas coisas com o meu corpo. (pausa) Digam coisas que podemos fazer com o nosso corpo?”, as respostas foram nulas. Prossegui dizendo: “Nós podemos fazer coisas divertidas com o nosso corpo? (pausa) O que podemos fazer?”, obtendo apenas, “muitas coisas” como resposta do participante

C. Por causa de ambos os participantes não colaborarem nas atividades possivelmente derivado, das dificuldades intelectuais destes ou pelo simples facto de não ser algo dos seus interesses, resolvi dizer: “Para mim fazer coisas divertidas é: ouvir musica e gostar de dançar; correr até ao monte e sorrir a olhar para o céu; ir ao parque infantil sem ninguém me ver e andar nos baloiços, só porque gosto de voltar a ser criança. Coisas divertidas é eu fazer algo que gosto, porque não estou a fazer nada de mal. (pausa) E para vocês o que é fazer coisas divertidas com o corpo?” a única resposta que recebi foi do participante B: “Gosto de gatos. (pausa) Gosto de porcos. (pausa) Gosto de escrever. (pausa) Eu não gosto de chuva.” Surpreendida com esta última resposta, uma vez que este utente não saber ler nem escrever, interroguei-o: “O que B escreve?”, ao que ele me respondeu com um grande sorriso “Sei escrever o meu nome.” Esta explicação fez-me refletir, como uma atitude e palavras tão simples revelam algo de tão sublime, a vontade que este utente tem em querer aprender a escrever, apesar das suas limitações.

A sessão prosseguiu lançando eu, mais um desafio, “Agora vamos fazer um pequeno aquecimento, que eu vou dar o nome de «Relaxamento Divertido»”. Ambos os utentes rejeitaram a atividade. A enfermeira interveio questionando o utente B sobre o motivo de não querer participar; este apenas acenou um não com a cabeça, não mostrando interesse sequer em querer levantar-se.

Lembrei-me de perguntar ao utente B se gostava de música e qual o género musical preferido, onde este me respondeu “Gosto de música cigana.” Eu retorqui, “. As músicas ciganas são muito bonitas. Na próxima sessão trago uma música cigana que gosto muito.” Diante a minha resposta, este sorriu. Quanto ao comentário que disse ao participante B, por lapso, dado que sou uma investigadora inexperiente, poderia ter aproveitado para questionar o participante sobre as músicas ciganas que mais gostava. Sendo a expressão artística, música, uma ferramenta interventiva, com base na decisão da escolha do participante, levá-las-ia para a próxima sessão.

Em relação à atividade que desenvolvi e que mencionei anteriormente, verifiquei que o “Relaxamento Divertido” (expressão corporal), enquanto ferramenta interventiva não foi o mais eficaz. Esta não contribuiu positivamente para a desinibição dos participantes antes de iniciar as atividades para esta sessão interventiva. Isso verificou-se e foi revelado nas atitudes de rejeição e negação por partes dos utentes. No entanto, percebi que os participantes não têm conhecimento da importância do próprio corpo, isto porventura advém, da inconsciência do seu próprio eu. Intersectando com o mencionado no relatório da sessão anterior, percebe-se que o confronto com o próprio eu, mais uma vez, dá origem às atitudes da não participação nas atividades e nulidade nas comunicações.

Seguidamente, em razão desta investigação não estar a tomar o rumo certo, decidi passar à fase da conclusão dos trabalhos da sessão anterior. Coloquei como música de fundo a mesma da sessão anterior, “Música maravilhosa para relaxar piano suave e violino imagens belíssimas ao vivo”. Em relação a esta escolha, inicialmente era para colocar “Mozart unlock the creative spirit (mozart effect volume III)”, mas, e, após refletir optei pela música acima mencionada. No entanto confesso, a minha escolha teve como fator o que eu considero ter sido, talvez, primordial a minha indecisão e insegurança, na qual eu questionei para mim mesma, se tivesse tido mais confiança e segurança, optaria pela música do Mozart?

Iniciámos as partilhas dos trabalhos desenvolvidos artisticamente. Durante este momento de discussão alguém bate fortemente à porta, eram dois utentes que queriam entrar e fazer parte da sessão, os participantes D e F. Assim que entraram dirigiram-se aos lugares, onde o participante D pediu uma folha em branco, justificando que já tinha terminado a sua criação artística na sessão anterior. Julgo que esta atitude foi extremamente positiva, revelando novamente que a expressão plástica enquanto ferramenta interventiva é um fator de motivação e participação.

A sessão seguiu-se com a partilha das experiências advindas da criação artística. Desta discussão também fizeram parte, eu, investigadora que iniciei a partilha da minha criação, a enfermeira, a diretora técnica e o voluntário que também pediu para participar no “Laboratório Experimental de Criação Artística: Arte para Todos”. Quanto aos utentes, visto que estes são uma componente essencial e indispensável a este estudo, a partilha iniciou-se com o participante F. Este sorrindo para o desenho disse, “Fiz esta casa, porque preciso desta casa para poder viver, para me sentir bem. (pausa) Gosto de ter uma coisa minha. Gostava de ter uma casa. (pausa) Esta casa aqui (apontando com o dedo) é uma escola e eu faço a tabuada toda.” Este participante, o participante F, no momento das suas partilhas fez referência à imagem paterna. Mostrando um rosto entristecido questionou-me “És de Pombal?”, eu respondi que sim, e voltou a questionar-me” Conheces os Vicentes? eu voltei a afirmar que sim. Então, explicando onde ficava os Vicentes, disse, “É lá que mora o meu pai. E também tenho família em Pombal.” Confesso que não tive palavras para dizer a este participante.

Seguidamente foi a vez do participante D, este referiu contente “É um desenho abstrato. É um desenho muito bonito. Abstrato é um valor que a gente vai buscar, não sei explicar. Eu não sei, eu não sei explicar.” Perplexa com a resposta deste participante, questionei-o, “Sr. D, gosta de Arte?”, onde obti a seguinte resposta “Gosto muito de Arte”. Confesso que me senti muito feliz por este utente mostrar a sua paixão pela Arte. Assim que vi a sua obra de criação artística, as linhas, as cores, as formas representadas, estas revelavam o abstrato, tal como ele referiu. Sob outra perspetiva, o gosto por esta vertente artística foi apresentado também, aquando a escolha do objeto, o pincel, atividade realizada na sessão anterior. Este utente, após diálogo solicitou que lhe desse uma nova folha para pintar. Dito isto, a expressão plástica revela aqui ser, um agente de estimulação que provoca motivação e interesse.

Posteriormente seguiu-se o participante B que referiu contente, “É um patinho. Gosto dele, da água. É bom para comer. Gosto de pato. “Relativamente a este participante, dado que não sabe ler, nem escrever, a expressão plástica enquanto imagem, leva a uma maior expressividade e comunicação. Isso foi também perceptível na minha primeira intervenção, na qual a expressão artística, fotografia serviu como um agente indutor à comunicação e expressividade.

Em relação ao participante C este não fez a sua partilha, visto que ao longo de toda a sessão centrou-se na sua tarefa. Apesar de inacabado, contudo colocou o seu trabalho no painel das criações artísticas para que todos pudessem ver o resultado final, permanecendo esta exposta até à próxima sessão. Momento que posteriormente lhe seria dado, caso fosse da sua livre vontade, para terminar.

Para finalizar a atividade proposta, os participantes construíram a tela de criações artísticas com a ajuda da diretora técnica e da enfermeira. Sobre a atitude destes em relação à construção do painel, compreendi que o trabalhar em grande grupo não é uma atividade acessível. São participantes que não mostraram iniciativa ante a atividade sugerida, apresentando uma atitude, por assim dizer, estática. Parecendo estar “perdidos”, tive eu, investigadora, de pedir que se levantassem e por seu lado, a enfermeira e diretora técnica tiveram de ajudar na elaboração do painel.

Continuamente propus aos participantes a criação de um título para a tela, a composição visual integral. No entanto, aqui, sendo um trabalho coletivo e de discussão em grande grupo, sucedeu a mesma atitude de estagnação. A sessão estava prestes a chegar ao fim. Deste modo, tomando consciência que estes não perceberam o que tinha pedido, em relação à criação do título, decidi perguntar individualmente, o nome que cada um queria dar. Respostas que passo a mostrar a seguir:

- “Mosaico Papel”
- “Sou Pescador”

- “À Pesca”
- “Muito Giro”
- “Mosaico Colorido”
- “Variado”

A fim de tomarem a decisão final, resolvi mais uma vez questionar de forma individual, renomeando as escolhas feitas por eles, com o título que mais gostavam. De entre os títulos acima mencionados, “Muito Giro” foi aquele que teve maior escolha.

No final, mostrei o painel para que todos pudessem contemplar a obra, fruto das suas invenções. Criações advindas do ato de criar, o potencial artístico e criativo, único e individual de cada um.

Reflexão pessoal à minha 3ª intervenção

Tendo em conta a forma como decorreu esta terceira intervenção, considero que o modo como estruturei a minha planificação para esta sessão não foi a mais adequada. A planificação foi feita com base numa estruturação pré-projetada, em que desenvolvi atividades de forma estruturada e organizada. Para complementar a mesma, decidi utilizar técnicas antes de cada atividade a desenvolver, na qual estas tinham como finalidade trabalhar eventuais desbloqueios. Desta forma, no decorrer da minha intervenção, verifiquei que estas técnicas acabaram por causar respostas comportamentais inversas por parte dos participantes deste estudo, provocando uma profunda desmotivação, rejeição e recusa para com as atividades. Face a esta constatação acrescento aqui os exercícios que requeriam opinião pessoal, sentido crítico e discussão a respeito de um determinado tema, tal como o confronto com o seu próprio corpo. Dirijo-me aqui, aos exercícios do jogo do espelho e do relaxamento criativo, em que estes requeriam o estar frente a frente e o tocar-se a si mesmo. Ante esta atitude, considero que se verifica aqui a não aceitação de si mesmos em razão de não se amarem a si próprios.

Contudo, em algumas das atividades mostraram um comportamento antagónico revelando uma atitude de participação, interesse, empenho e dedicação, principalmente naquelas atividades relacionadas com as práticas artísticas ligadas às suas aptidões pessoais.

Após análise e reflexão acerca de todo o processo decorrente desta terceira intervenção, compreendi o caminho a seguir, no que tange a este estudo exploratório e o seguimento a dar à minha próxima intervenção. No entanto, esta decisão teve em conta um outro princípio eminente, a atitude do participante C. O facto de, nesta sessão, este querer continuar a fazer o seu desenho, trabalho iniciado anteriormente no “Laboratório Experimental de Criação Artística: Arte para

Todos”. Face ao estudo que estou a desenvolver, julgo que é importante analisar e observar os campos artísticos de cada um dos participantes. Expressões que os levem a sentir motivação e interesse em quererem participar nas atividades desenvolvidas. Por conseguinte, irei refletir e reorientar as atividades pretendidas e planificadas para a próxima sessão interventiva. Para a próxima intervenção irei realizar outra experiência artística, com recurso à fotografia. Pretendo desta forma continuar a analisar e compreender as vertentes artísticas dos outros participantes.

Quarta Intervenção (15 março 2018)

A minha quarta intervenção aconteceu a 15 março do ano 2018. Esta sessão, iniciou-se com apenas um único utente, o participante B. A assistir estiveram também, o assistente social, duas estagiárias das licenciaturas de educação social e administração e eu, investigadora.

Comecei por explicar ao participante B o que iria acontecer ao longo da presente sessão. Primeiramente, e com o objetivo de compreender se este se recordava o combinado na sessão anterior, questionei-o: “B, lembra-se do que tinha prometido trazer-lhe hoje?”. Respondeu-me que não. De forma a lembrá-lo, disse-lhe: “Na última sessão, tinha-me dito que gostava muito de uma coisa. Eu disse-lhe, que hoje a iria trazer. Lembrasse do que foi?”. Respondeu, com um grande sorriso, “música cigana”. Esta atitude causou-me felicidade e satisfação, conduzindo-me a uma afirmação-interrogação. Sendo este participante cigano, a música cigana, mostra ser uma fonte de participação. Favoreceu e provocou uma atitude de felicidade, neste caso, o sorriso do participante quando a ela se referiu. Ante isto, remeto-me a questionar, sendo música cigana um valor aparentemente insignificante, será que esta, é um agente de transformação e motivação ao nível da comunicação e interação entre pessoas de etnia cigana portadoras de um défice cognitivo? Sendo a música uma ferramenta artística interventiva, poderá este género específico de música, ser um fator de motivação e interesse no ensino e aprendizagem da leitura e da escrita em pessoas ciganas, analfabetas? Considero que estas questões carecem de uma investigação mais aprofundada e particularizada.

Continuei a minha intervenção dizendo, “B, hoje trouxe-lhe música cigana. Não lhe trouxe apenas uma, mas sim, três músicas. Tenho-as aqui numa pen. Agora, quero que o B escolha, se quer ouvir primeiro a música número um, a música número dois ou a música número três.” O assistente social interveio dizendo para eu mostrar a pen ao participante. Considero que a sua intromissão me foi bastante útil e pertinente, visto que, este tem melhor e maior conhecimento sobre os participantes. Uma interferência, que foi sem dúvida beneficente atendendo às dificuldades e à capacidade de compreensão por parte deste utente. Tirei a pen do meu portátil e mostrei-a ao participante dizendo, “B, sabe o que é isto?”, respondeu-me que não,

ao que eu lhe disse: “Isto, é uma pen”. Resolvi voltar a questionar-lhe de novo, com o objetivo de saber se tinha memorizado o nome. Após algumas tentativas, conseguiu pronunciar o nome sozinho sem qualquer ajuda, embora com pequenas dificuldades na articulação. Seguidamente, mas, mais em jeito de curiosidade minha, decidi questionar o participante em relação a acessórios básicos de PC. Mostrei-lhe o rato do meu portátil e questionei, “B, sabe o que é isto?”. Obtive uma resposta positiva, em que ele disse o nome correto. Posteriormente voltei a mostrar pen e indaguei, “B, para que serve uma pen?”. Como obtive uma resposta negativa, expliquei-lhe qual a finalidade da mesma.

Após esta pequena intervenção a sessão prosseguiu. Voltei a pedir ao participante que escolhesse o número da música que mais gostava. Escolhas essas que foram expostas a seguir num gráfico de forma detalhada e pormenorizada. Logo a seguir a esta apresentação, descreverei de uma forma global o comportamento e atitudes do participante B, ante as suas preferências.

Nº OPÇÃO	TÍTULO MUSICAL	COMENTÁRIOS DA OPÇÃO DE ESCOLHA DO PARTICIPANTE B	COMENTÁRIOS DO PARTICIPANTE B AQUANDO A VISUALIZAÇÃO DAS MÚSICAS CIGANAS
1ª ESCOLHA	“MÚSICA CIGANA QUE TOCA O CORAÇÃO - LINDA LETRA”	“quero número três”	<p>“É espanhola” (Participante B)</p> <p>“É espanhola. Cigana espanhola. Não gosto muito” (Participante B)</p> <p>“Porque não gosta de música cigana espanhola?” (Investigadora)</p> <p>“Não gosto muito. Gosto de casamento cigano. Já fui casamento dos ciganos.” (Participante B)</p>
2ª ESCOLHA	“MÚSICA CIGANA 2017 ORLANDO HOJE NÃO SAIO DAQUI”	“Pode ser a primeira”	<p>“Isto está bem. Isto está bem (pausa)ah ah ah ah (fartou-se de rir) (pausa) Isto eu gosto” (Participante B)</p> <p>“Eu gosto” (Participante B)</p> <p>“Esta música é cigana portuguesa?” (Investigadora) “É sim senhora. É mesmo de ciganos” (Participante B)</p>
3ª ESCOLHA	“MUSICA CIGANA 20162017”	-----	<p>“Isto também é cigano” (Participante B)</p> <p>“Os caninos cantam cigano” (Participante B)</p>

De uma forma geral foi visível o olhar de felicidade aquando a visualização dos três vídeos. Outro ponto exclusivo a destacar foi a atenção especial que este deu aos vídeos. Aqui, mostrou uma conduta participativa voltada para a expressividade, comunicação, concentração, atenção e sentido crítico.

Face ao exposto, percebi que o vídeo e a música, enquanto ferramenta de intervenção, denotam ser uma causa de motivação e participação relativamente a este participante. Confesso, que senti uma imensa satisfação e gratificação pessoal. Uma exibição por conseguir que este participante respondesse de forma clara e positiva, no sentido de responder e ir de encontro às suas necessidades e dificuldades.

Após discussão em redor do terceiro vídeo de música cigana o assistente social interveio destacando o tema em causa, a etnia cigana. Desta forma iniciou-se um debate em redor desta comunidade, nos quais foram abordados temas bastantes pertinentes, as tradições e os costumes ciganos. Fez parte deste diálogo, o assistente social, que presidiu a discussão, o participante B, a estagiária da licenciatura de educação social e eu investigadora. O assistente social começou por falar da cultura cigana, onde o participante B mencionou “Uma cigana pede ao pai para casar e não pode fugir (pausa) Eles podem fazer festas”. Seguidamente foi referido pela estagiária que os ciganos não gostam de sapos, pedindo esta ao participante B que explicasse o porquê. Este justificou simplesmente dizendo, “Eu também não gosto. Dá azar”.

A discussão continuou. No momento oportuno decidi perguntar a B se gostava da cultura cigana, ao qual ele me respondeu que não.

Seguiu-se a sessão onde emergiu o assunto, casamentos ciganos, dando-se o seguinte diálogo:

- “Quantos vestidos leva a noiva?” (estagiária de educação social)
- “Agora não sei. Fazem uma festa” (participante B)
- “Os homens bebem cerveja. As mulheres não bebem?” (assistente social)
- “Bebem sumo. As mulheres bebem às vezes. Primeiro fazem a festa, depois bebem” (participante B)

Relativamente a esta discurso, constatei que, apesar deste utente ter participado e ter entrado no diálogo não se motivou pelas conversas, apresentando desmotivação e desligamento, sendo isso revelado no olhar cabisbaixo e na sua postura de desatenção.

Deste modo remeto-me a dizer que somos seres únicos e individuais, exprimimo-nos das mais diversas formas, apresentando gostos e interesses muito diversificados. Sendo esta discussão

uma atividade que se desenvolveu com o decorrer da minha investigação, considero que o exposto acima mencionado vai de encontro a essas ideias. O que para os agentes interventivos, neste grupo terapêutico, foi tema de interesse, para outros, neste caso o participante B, foi motivo de desinteresse e desmotivação.

Sendo a animação um meio de intervenção em contextos ou situações problemáticas, a música e o vídeo permitem e revelam ser uma estratégia no desenvolvimento da comunicação e expressão.

Para conclusão desta sessão o assistente social propôs que fosse visualizado, a partir do youtube um vídeo, “Nininho Vaz Maia na SIC pela primeira vez na tv”. Este vídeo mostra uma entrevista que se realizou a um músico oriundo da etnia cigana e que faz sucesso pelos palcos e pela internet. Relativamente a este vídeo, obtive os seguintes comentários do participante B:

“Isto passa na missa, no culto”

“Está a dizer o meu nome”

“Também é cigano”

“O gaijo não canta? Está ali a falar, a falar”.

Quanto ao comportamento o participante mostrou-se sempre muito interessado visualizando com muita atenção o vídeo do princípio ao fim. Outro aspeto a mencionar, foi a felicidade presente e visível na expressão facial deste, na qual o riso se manifestou incessantemente.

Após discurso anterior, o participante solicitou um vídeo, “Davi Fonseca levanta a noiva faixa 7 2012”, uma música de casamento cigano. Ante o solicitado, foi possível verificar, uma vez mais, um rosto repleto de felicidade. Um contentamento, uma expressão de vivacidade, acompanhada pela atenção e concentração do participante ante a visualização do vídeo.

Após visualização do vídeo questioneei B:

- “O que o senhor falou na entrevista?” (investigadora)

- “Não percebi!” (participante B)

- “Gosta de ser cigano?” (investigadora)

- “Gosto e não gosto” (participante B)

- “Porquê? (investigadora)

- “Porque não sei cantar!” (participante B).

Ante o exposto e frisando o alegado anteriormente, a música enquanto expressão artística manifesta aqui, mais uma vez, ser um estímulo à expressividade e comunicação. Por outro lado, demonstra também, ser aqui um fator de participação e motivação do participante B.

Deste modo, resta-me questionar: quais os benefícios da música cigana, enquanto meio de intervenção no desenvolvimento da expressividade e da comunicação em indivíduos ciganos?

Reflexão pessoal à minha 4ª intervenção

Esta sessão não correu de acordo como o previsto na planificação (ver anexo 15), derivado da falta de utentes, estando presente apenas o participante B. Todavia, esta imprevisão foi valiosa para mim enquanto investigadora inexperiente. Em razão disto é essencial que ocorram obstáculos, porque estes são uma fonte de enriquecimento e conhecimento, quer no âmbito desta investigação, quer em contexto profissional enquanto futura animadora. Sendo este grupo instável, oscilação essa que tenho vindo a mencionar ao longo dos meus escritos investigativos, esta foi um auxílio que me facilitou na aceitação desta mesma imprevisão.

Face a isto, acreditando ser muito pertinente e essencial ao meu estudo, aquando a preparação das minhas planificações elaborei “exercícios mentais”. Estes consistiam numa reflexão individual e aprofundada, nos quais eu me interrogava a mim mesma: “Que passo devo seguir, se as atividades não correrem como o previsto para esta sessão? Que estratégias e medidas eu necessito fazer, diante de uma situação de imprevisão por parte dos participantes?”

Por último, todas as atividades foram planificadas tendo em conta dois propósitos comuns:

- interesses dos participantes e necessidades individuais de cada um.
- Interesses e objetivos propostos para esta investigação.

Composição descritiva da antevisão interventiva, da próxima sessão

Para a minha próxima e última intervenção deste estudo exploratório, pretendo fazer atividades de forma individualizada. Ao longo da minha investigação, e tendo em conta as reflexões por mim efetuadas, no decorrer de cada sessão julgo que se torna pertinente ir ao encontro do fator de motivação de cada um. Para a organização das atividades da próxima sessão pretendo utilizar como suporte, a Declaração de Salamanca. Este documento defende o conceito

inclusão de todos e para todos. Para a realização da planificação da próxima intervenção vou dividir os participantes por cada uma das três atividades que passo a apresentar a seguir:

PARTICIPANTE	TRABALHO A REALIZAR
B e F	CONJUNTO
C	INDIVIDUAL
D	INDIVIDUAL

Os participantes, B e F irão realizar a atividade em grupo, opostamente, os participantes C e D, executaram a atividade de forma individual. A decisão de ter optado por este método de trabalho, foi pelo motivo de ter verificado as áreas de maior interesse artístico para os participantes C e D, a expressão plástica (desenho e arte). Relativamente aos outros participantes, B e F, tendo identificado a vertente artística do participante B (música), não foi possível identificar essa área expressiva no participante F, ficando muito aquém derivado da consequente não participação deste, no decorrer desta investigação. Todavia, julgo que a atividade em conjunto será benéfica, dado que ambos não sabem ler nem escrever, atendendo que o participante B, tal como já tenho vindo a alegar ao longo dos precedentes relatórios, dificuldades ao nível da linguagem e expressividade. Por seu lado, o participante F, reversamente, mostra facilidade na compreensão e expressividade linguística, considerando eu, que será benéfica esta parceria, podendo ocorrer uma ajuda recíproca. Para a concretização desta atividade, irei eu, investigadora, fazer parte da mesma, onde a minha participação será somente de apoio e orientação aos participantes na construção de uma história através de fotografias.

Quanto aos outros dois participantes, C e D. Estes irão desenvolver as atividades de forma individual, em a minha intervenção será unicamente para esclarecer o que é pretendido e proposto para a atividade. Pretendo desta forma, que estes participantes de uma forma genérica, desenvolvam atividades de expressão artística, contribuindo para a aquisição de competências ao nível de: a autonomia; liberdade de expressão e comunicação; autoconhecimento; autodescoberta; criatividade e autoconsciência.

A minha última intervenção no âmbito de um estudo exploratório do Mestrado de Intervenção e Animação Artísticas aconteceu a 12 de abril do ano de 2018. Confesso que senti em simultâneo um conjunto múltiplo de sentimentos: ansiedade, felicidade e serenidade. As expectativas relativamente às atividades propostas, nomeadamente o que seria e como correria esta minha última intervenção.

Assim, nesta intervenção estiveram presentes quatro utentes, A, C, D e E. No que se refere a estes participantes gostaria de mencionar o seguinte: C e D, têm vindo a fazer parte desta investigação. Num total de cinco intervenções que realizei participaram em três sessões. A e G, são dois novos utentes que estão a integrar as atividades pela primeira vez. Em relação a estes gostaria de referir que já tinha estado em contacto com o participante A, aquando a minha primeira observação. Relativamente ao participante G, contrariamente, é a primeira vez que este integra o grupo terapêutico, sendo esta sessão a sua primeira frequência. Nesta intervenção estiveram também presentes o assistente social, a estagiária da licenciatura de Educação Social, e eu investigadora.

A sessão começou com a minha apresentação pessoal aos novos utentes. Seguidamente, esclareci e justifiquei a minha presença no grupo terapêutico, apresentando o objetivo que me levava ali de forma clara e perceptível ao entendimento dos dois novos participantes. Confesso, utilizar linguagem acessível e inteligível à compreensão destes participantes não foi uma tarefa fácil. Para conseguir contornar esta minha dificuldade decidi utilizar, uma linguagem mais acessível e clara. Posteriormente continuei a minha intervenção dirigindo-me a todos os participantes que estavam presentes, A, C, D e E, em que esclareci e justifiquei sobre as atividades propostas para esta sessão, questionando se estes concordavam. A atitude destes face à minha proposta de trabalho foi positiva. Ainda que estes tenham mostraram recetividade quanto à participação nas atividades, por sua vez, o participante C, recusou quaisquer atividades.

Para dar início às atividades, pedi ao participante D que escolhesse, de forma livre, um sítio da sala para executar a sua atividade. Perante este meu pedido, percebi que este ficou pensativo, mostrando uma atitude de incerteza e pouco à vontade. Então, decidi sugerir-lhe alguns dos espaços na sala, acabando este por optar pela mesa que ali se encontrava, para a realização da sua atividade. Para a realização desta atividade, coloquei em cima da mesa diversos livros referentes à Arte, pedindo ao participante D que os explorasse e os observasse. Relativamente a esta atividade, constatei que este estava imensamente interessado e atento, mostrando uma atitude participativa. As imagens, nomeadamente a fotografia enquanto linguagem artística interventiva,

mostram ser aqui um instrumento gerador de atitudes positivas, sendo isso revelado na atenção e interesse mostrado por este participante.

Seguidamente, dirigi a minha atenção para os dois novos participantes: A e G. Aqui e pela primeira vez, deparei-me com três situações, por assim dizer, um pouco constrangedoras: dois novos participantes, uma planificação estruturada e organizada e uma tomada de decisão face ao imprevisto. Ante estas eventualidades eu confesso que insegurança e dúvida, naqueles breves minutos, foram emoções plasmadas e enraizadas dentro do meu ser. Perante este obstáculo, decidi tomar a atitude que eu considero ser a mais conveniente e sensata, sendo sincera e cordial para com os participantes. Assim, perguntei se estes não se importariam de realizar a atividade proposta e que estava prevista para esta sessão, não mostrando estes, qualquer objeção.

Para dar início à atividade comecei por expôs diversos materiais plásticos sobre a mesa: plasticina, lápis de cor, canetas de feltro, folhas de papel cavalinho, plasticina, lápis de cera, lápis de carvão, borracha. Oportunamente, dirigi-me aos participantes e disse: “A e G, vão criar uma personagem para a história que irão inventar (pausa) Como querem fazer as vossas personagens? (pausa) Poderão utilizar plasticina que podem moldar, papel cavalinho (pausa). Podem utilizar lápis de cor, canetas de feltro, lápis de cera, e fazerem um desenho. (pausa) Ou então, utilizarem tesouras e recortes de revistas para fazerem uma colagem. Fica à vossa escolha”. Após alguns instantes, os participantes declararam que queriam fazer um desenho para a construção do personagem da história criativa. Prontamente, estes deram início à atividade, na qual, eu coloquei como música de fundo, “Mozart Unlock the Creative Spirit (Mozart Effect Volume III)”.

Aquando a realização da atividade, verifiquei que os participantes A e G desenhavam com muito à vontade. Mostravam uma postura centrada na atenção e concentração diante da tarefa que estavam a realizar. Pude constatar também que todos estes participantes (A, D e E) se inteiravam da atividade, revelando por isso autonomia face à atividade proposta. Ante o exposto, a expressão plástica enquanto estratégia interventiva mostra ser, outra vez, uma impulsão ao envolvimento pleno.

Oportunamente, questionei o participante D se já tinha explorado os livros referentes à Arte, ao qual este me respondeu que sim. Expliquei-lhe então, que iríamos passar para a tarefa seguinte, a “Leitura e análise de uma obra de arte”. Comecei por lhe entregar um novo livro, “O Livro das Pinturas Famosas”, esclarecendo-o sobre o que pretendia com a atividade. Solicitei que visualizasse o livro e dentro das diversas obras escolhendo uma obra que gostasse mais, para darmos início à leitura da obra de Arte. Estando todos os participantes a trabalhar de forma autónoma decidi focar e dirigir a minha atenção no participante C. Nesse momento, uma questão me surgiu à mente: “Recusaste fazer as atividades, como será a tua atitude face aos livros sobre

Arte?”. Peguei em diversos livros, os mesmos que inicialmente entregue ao participante D, dirigi-me a este utente e questionei-o: “C, quer explorar estes livros sobre Arte?” obtendo uma resposta negativa por parte deste. Face a esta negação decidi tomar uma outra decisão. Abri um dos livros e mostrei-lhe as diferentes imagens contidas no mesmo. Seguidamente disse a este participante, “C, vou deixar aqui estes livros de Arte. Se sentir necessidade pode visualiza-los, são livros muito interessantes”. Depois, coloquei os livros uns sobre os outros em cima da mesa que se encontrava mesmo à sua frente e fui ter com o participante D.

Deste modo, tendo este já escolhido e selecionado a obra da arte, demos início à sua leitura e análise. Análise efetuada que segue em anexo (ver anexo 24). No que concerne à atitude deste participante face à atividade desenvolvida, tenho a salientar, a clareza e a objetividade ao nível da expressão e comunicação nas respostas dadas. Deste modo foi perceptível um vasto e eminente sentido crítico, relativo à leitura e análise da obra.

Simultaneamente foram evidentes as dificuldades ao nível da perceção, compreensão e interpretação, aquando a realização dos diversos exercícios propostos e solicitados relativos à análise da obra. Por forma a conseguir que este realizasse a leitura, resolvi intervir dando-lhe uma explicação detalhada e pormenorizada de cada questão. Deste modo, o participante D, conseguiu realizar a atividade. Assim sendo, em virtude deste participante não conseguir fazer a atividade de forma autónoma, o meu objetivo proposto para esta sessão não foi alcançado. Após conclusão da atividade, o participante D, pediu para fazer um desenho livre (ver anexo 25). No que respeita a este participante, a Arte enquanto ferramenta interventiva, revela ser um meio dinamizador interativo, um estímulo que incentiva à participação.

Ainda, e no decorrer esta sessão, verifiquei um acontecimento de carácter significativo. Depois de ter deixado os livros junto ao participante C, constatei que próximo deste, numa outra cadeira, encontrava-se um outro participante, o participante G, que se aproximou após ter terminado a sua tarefa - a criação do seu personagem para a história criativa. Ambos, encontravam-se a folhear e a analisar os livros de Arte com muita atenção, mostrando uma postura serena e bastante tranquila. No decorrer desta ação, o participante G proferiu de forma espontânea e natural as seguintes palavras, “Antes desenhavam-se pessoas nuas”. Julgo que as atitudes destes participantes foi algo de bastante notável. A fotografia enquanto linguagem artística revela ser aqui um impulsor. Um desafio que contribui vigorosamente para o sublimar da: concentração, atenção, expressividade e comunicação, face à pessoa marginalizada e excluída socialmente, em âmbito terapêutico.

Seguidamente a sessão continuou, na qual centrei a minha atenção na atividade, história criativa. Fui ter com os participantes A e G e pedi que cada um fizesse a respetiva caracterização dos seus personagens, que passo a mostrar a seguir:

PARTICIPANTE	NOME DO PERSONAGEM	CARACTERÍSTICAS	
		FÍSICAS	PSICOLÓGICAS
A	“Brilhante” (ver anexo 18)	“É uma tatuagem” “Tem uma hora de vida...é o Bing Bang, para acabar com a raça humana... para acabar com os dinossauros, com a raça humana para nascer uma nova espécie.”	“é miniatura” “tem um feitiço... para dar sorte”
G	“Paisagem” (ver anexo 18)	“É um desenho” “É velhinha” “Tem 500 anos”	“é normal” “grande” “calminha”

Fazendo uma análise à tabela acima apresentada, verifica-se que a expressão plástica na qualidade de técnica interventiva é um fator crucial relativamente ao processo do ato criativo. Intersetando o processo criativo com o comportamento dos participantes, tenho a referir que estes no momento da realização da atividade, mostraram uma atitude notável e sublime. Isto porque, a atenção, concentração e a expressividade artística se destacaram e evidenciaram. Continuamente a esta caracterização, eu, investigadora, disse aos participantes: “A e G, agora com as personagens que fizeram, a Paisagem e o Brilhante, irão criar uma história. Vou mostra-vos imagens que vos ajudarão a construir a vossa história.” Prosseguimos, então com a última atividade proposta, a construção de uma história criativa que passo a apresentar:

Foto	Investigadora	Participante	Díálogo Criativo
1	“O que estão a ver?”	A	“Autocarro Hippie”
		G	-----

		A	-----
	“As vossas personagens, vão dentro do autocarro. Como estão: sentadas, em pé, etc?”	G	“Vai exposta na parede do autocarro.”
	"Vão para onde?"	A	“É sempre festa... estão a ouvir música”
		G	“Vão para a praia”
2	“O que estão a ver?”	A	-----
		G	-----
	“Esta é a imagem de uma fonte. É uma foto que foi tirada na Quinta das Lágrimas em Coimbra... O que fazem o Brilhante e a Paisagem, quando chegam à fonte?”	A	“Pedir um desejo. Vida Eterna”
		G	“Compara-se com aquela paisagem...é parecida com o meu desenho”
3	“As nossas personagens, foram até onde?”	A	-----
		G	-----
	“O que estão a ver nesta imagem?”	A	“O lobisomem...Se me visse comia-me de certeza...” “Assustei-me” “...Como a história do lobo mau...tenho olhos grandes, para te ver melhor... tenho orelhas grandes, para te ouvir melhor...tenho nariz grande, para te cheirar melhor...tenho boca grande, para te comer melhor”
		G	“O cão... eu acho que é um cão”
3	“O que andava a fazer o cão?”	G	“Andava perdido a passear” “O que andas aqui a fazer?...abanou o rabito, pôs-se aos saltos e foi ter com o dono.”

4	“O Brilhante e a Paisagem, continuaram a sua viagem. Quem é que eles encontraram?”	A	“Levaram-me logo para a choça. Qualquer dia é o meu destino. Às vezes é mais seguro lá dentro do que cá fora.”
		G	“Cheguei lá entrei. Fui contar que encontrámos um cão que estava abandonado e se eles podiam lá ir, onde estava o cão.”
5	“E agora?”	A	“Quem vê caras, não vê corações...Encaminho-as a fazerem coisas boas...são vizinhos, são os meus vizinhos”
		G	“Eu acho difícil, porque falta uma peça. É a imagem que falta” “Isto é um destino para passarem férias”
	“O que aconteceu no final?”	A	“Qual era a lógica do passeio...Está tudo baralhado.”
		G	“No final houve uma reconciliação. Chegou-se a um acordo entre os animais e as pessoas.”

Analisando a tabela antecedente e todo o processo decorrente da minha intervenção, verifiquei tal como tenho vindo a mencionar ao longo de toda a minha investigação, dificuldades de entendimento e expressão. Isto tornou-se evidente, no momento em que estes não conseguiram desenvolver a atividade de forma autónoma, sendo fulcral a minha participação e intervenção. Relativamente a estas dificuldades e fazendo um cruzamento com o que tenho vindo a analisar ao longo desta investigação, estas dificuldades, são um ponto convergente entre todos os participantes. Perante estas observações, a fotografia, mais uma vez, serviu como um fator de promoção do desenvolvimento da criatividade, um indutor estimulante à construção de uma história criativa. Assim, a imagem, demonstra aqui ser, um instrumento facilitador no que toca à comunicação e linguagem.

Porém, no que concerne à atividade, criação de uma história criativa, pude observar que esta não foi de encontro às expectativas dos participantes envolvidos na atividade, os participantes A e E. Possivelmente, pela falta de compreensão quanto à atividade, sendo isso revelado não só

por um discurso proferido pelo participante A, “Qual era a lógica do passeio? (pausa) Está tudo baralhado.”, mas também pelos breves momentos de silêncio apresentados nas imagens 1, 2 e 3. Sobre as imagens anteriormente referidas, quando lhes questionei sobre o que viam na imagem não foram capazes de responder por não conseguirem fazer quaisquer leituras sobre a imagem.

No que toca à apreciação global desta intervenção, ainda que não tenha corrido como o esperado e apresentado na planificação, superou as expectativas, havendo um envolvimento pleno dos três participantes, A, D e E.

No que se refere aos objetivos propostos para esta sessão, nomeadamente as atividades com fim à promoção de um trabalho autónomo, com o desenrolar dos acontecimentos verifiquei que não consegui atingir o objetivo proposto. Por essa razão, considero, e relativamente à autonomia, que a minha investigação carecia de um maior número de sessões, ficando assim, muito aquém.

Quando a sessão estava quase a terminar, dirigi-me ao participante D, visto que este já tinha terminado o seu desenho livre, e questionei-o: “D, gostaria que me dissesse, o que é para si a Arte”, em que este me respondeu: “Arte, é fazer aquilo que podemos fazer (pausa) A Arte nasce numa hora qualquer (pausa) Às vezes as pessoas não sabem que têm esse dom, uma veia artística”. Seguidamente, pedi que me mostrasse a sua obra de criação artística, questionando-o acerca do trabalho desenvolvido “D, o seu desenho é tão bonito. Gosta do seu desenho?”. Este, mostrando uma expressão magnificente e um olhar reluzido, fixou a sua composição visual e disse, “Ficou bonito!”.

Consentimento Livre e Esclarecido

CONSENTIMENTO INFORMADO

Eu, _____ aceito de minha livre vontade, participar nesta investigação acerca das possibilidades das linguagens artísticas, enquanto ferramentas terapêuticas, realizado pela mestranda Idália Cristina Lopes Bento sob a orientação da Professora Doutora Jenny Gil Sousa, da Escola Superior de Ciências Sociais e Educação de Leiria, do Curso de Mestrado em Animação e Intervenção Artísticas.

Tomei conhecimento acerca do estudo em que estou a participar, onde me será dada a oportunidade de fazer as perguntas que julgar necessárias e pertinentes.

Concordo participar neste estudo, respondendo a todas as questões propostas, onde de forma livre posso desistir de participar a qualquer momento, sem que daí resulte qualquer prejuízo. Toda a informação obtida nesta investigação será estritamente confidencial e a identidade do entrevistado não será revelada em qualquer relatório ou publicação ou a qualquer pessoa não relacionada com esta investigação sem autorização prévia por escrito do participante.

Assinaturas:

Participante: _____

Investigadora: _____

Idália Bento
(Idália Bento)

Pombal, 15, de fevereiro de 2018

Grata pela sua colaboração.

Pedido Autorização gravação áudio e imagem

Eu, _____ depois de entender os benefícios deste estudo a cerca do problema “Quais as possibilidades das linguagens artísticas, enquanto ferramenta terapêutica em pessoas excluídas socialmente?”, bem como os métodos utilizados para a recolha de dados, estou consciente da necessidade da gravação da minha entrevista, autorizando assim, a investigadora: Idália Cristina Lopes Bento a realizar a gravação áudio e fotografia. Concordo em participar neste estudo, respondendo a todas as questões propostas não permitindo que estas informações sejam utilizadas em futuros estudos, onde de forma livre posso desistir de participar a qualquer momento, sem que daí resulte qualquer prejuízo. Toda a informação obtida nesta investigação será estritamente confidencial e a identidade do entrevistado não será revelada em qualquer relatório ou publicação ou a qualquer pessoa não relacionada com esta investigação sem autorização prévia por escrito do participante.

Assinaturas:

Participante: _____

Investigadora: Idália Bento
(Idália Bento)

Pombal, 15, de Fevereiro de 2018

Grata pela sua colaboração.



GUIÃO DE ENTREVISTA PARA PARTICIPANTES DO ESTUDO

Idália Cristina Lopes Bento

TRABALHO REALIZADO SOB ORIENTAÇÃO DE:

Professora Dr.^a Jenny Gil Sousa

Professor Dr. Cristóvão Margarido

Leiria, maio de 2018

Mestrado em Animação e Intervenção Artística

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS DE
LEIRIA

ROTEIRO PARA REALIZAÇÃO DE INQUÉRITO POR ENTREVISTA

I- APRESENTAÇÃO

1. Apresentação do entrevistador e esclarecimento do entrevistado dos objetivos e da natureza do seu trabalho.
2. Garantir ao entrevistado o anonimato e sigilo relativamente a todas as respostas dadas.
3. Referir ao entrevistado, que é livre para esclarecer as suas dúvidas sempre que considere pertinente.
4. O entrevistado, quando assim o entende, dá a sua opinião acerca de experiências pessoais que considera serem interessantes.
5. O entrevistador deve pedir ao entrevistado autorização para gravar a entrevista, explicando os motivos para este procedimento.

II- CONTEXTUALIZAÇÃO DO INQUÉRITO POR ENTREVISTA

Esta entrevista tem por objectivo compreender: **“Quais os benefícios das linguagens artísticas enquanto ferramenta terapêutica para intervir com pessoas socialmente excluídas e marginalizadas?”**

Agradecemos a sua colaboração.

ROTEIRO PARA REALIZAÇÃO DE INQUERITO POR ENTREVISTA

III – GUIÃO DE ENTREVISTA PARTICIPANTES NO ESTUDO

1. Gostou das atividades? Porquê?
2. Quais as atividades que mais gostou? Porquê? Qual foi a parte que mais gostou das atividades? Porquê?
3. Quais as atividades que menos gostou? Porquê? Qual foi a parte que menos gostou das atividades? Porquê?
4. As atividades foram importantes para si? Porquê?
5. Como se sentiu a realizar as atividades? (Bem, feliz, chateado, etc) Porquê?
6. Sente que aprendeu algo com as atividades?
7. Gosta de música? Que géneros musicais (pop, rock, cigana, etc)? Porquê?
8. Se tivesse oportunidade de fazer mais actividades ligadas às áreas artísticas (teatro, música, fotografia, etc) quais seriam? Porquê?

Agradecida pela sua colaboração.

Leiria, _____, de _____ de 2018

ANEXO 30: Transcrição da entrevista do participante B

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO PARTICIPANTE B

Investigadora: Gostou da atividade? Porquê?

Participante B – Sim, gostei muito porque gosto de vir aqui. Gosto de música cigana, música cigana de casamento, também.

Investigadora: Quais as atividades que mais gostou? Porquê? Qual foi a parte que mais gostou das atividades? Porquê?

Participante B – Gostei desenhos, muito e as músicas, gostei.

Investigadora: Quais as atividades que menos gostou? Porquê? Qual foi a parte que menos gostou das atividades? Porquê?

Participante B – Levantar o pé, não gostei muito.

Investigadora: As atividades foram importantes para si? Porquê?

Participante B – Não respondeu.

Investigadora: Como se sentiu a realizar a atividade? (Bem, feliz, chateado, etc). Porquê?

Participante B – Sempre calmo. Talvez com nervos, é os nervos, o meu coração, os ciganos chateiam (quando se lembrava dos ciganos).

Investigadora: Sente-se nervoso quando se lembra dos ciganos? Porquê?

Participante B – (disse sim, abanando a cabeça). Pintar, pistolas, ciganos. (referindo-se às vivências atuais)

Investigadora: Sente que aprendeu algo com a atividade?

Participante B – Fazer desenhos, pintar também, gostei muito.

Investigadora: Gosta de música? Que géneros musicais (pop, rock, cigana, etc)? Porquê?

Participante B – Olha, eu adoro. Às vezes estou a ver televisão e filme, gosto de música. Em criança gostava muito, cigana, é sempre a música cigana, casamento cigano, gostei muito. A novela cigana, eu vejo. A minha vida é música.

Investigadora: Se tivesse oportunidade de fazer mais atividades ligadas às áreas artísticas (teatro, música, fotografia, etc) quais seriam? Porquê?

Participante B – Outra vez, fotografias bonitas, desenhos, lama para fazer desenhos, bonecas e assim, há muito tempo que eu não faço. Gostei muito. Gosto fotografia, gosto muito.

Investigadora: O que é a lama?

Participante B: Barro em cima do coiso, mexer por baixo com o pé. Uma coisa que está aqui em cima (exemplificando com as mãos), e dá para fazer um buraco.

ROTEIRO PARA REALIZAÇÃO DE INQUERITO POR ENTREVISTA

III – GUIÃO DE ENTREVISTA PARA PARTICIPANTES NO ESTUDO

1. Gostou das atividades? Porquê?
2. Quais as atividades que mais gostou? Porquê? Qual foi a parte que mais gostou das atividades? Porquê?
3. Quais as atividades que menos gostou? Porquê? Qual foi a parte que menos gostou das atividades? Porquê?
4. As atividades foram importantes para si? Porquê?
5. Como se sentiu a realizar as atividades? (Bem, feliz, chateado, etc) Porquê?
6. Sente que aprendeu algo com as atividades?
7. Gosta de desenhar? Porquê?
8. Se tivesse oportunidade de fazer mais actividades ligadas às áreas artísticas (teatro, música, fotografia, etc) quais seriam? Porquê?

Agradecida pela sua colaboração.

Leiria, ____, de _____ de 2018

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO PARTICIPANTE C

Investigadora: Gostou das atividades? Porquê?

Participante C – Sim, porque são atividades que eu gosto e sempre gostei e acho que é bom, porque faz bem ao cérebro.

Investigadora: Quais as atividades que mais gostou? Porquê? Qual foi a parte que mais gostou das atividades? Porquê?

Participante C – Foi o desenho e os livros de arte, porque sempre achei interessante o desenho e sempre desenei. Eu gosto de conhecer e aprender sobre os pintores e gostava de ser como eles. O pintor que eu gosto é o Picasso. Gosto mais de pintura a óleo, acho interessante, porque a tinta é mais forte, nota-se mais o desenho. A atividade é o desenho, sempre gostava mais de pintura a óleo do que a aguarela. Gostava de aprender a treinar o sombreado do desenho. O segredo do desenho está no sombreado.

Investigadora: Quais as atividades que menos gostou? Porquê? Qual foi a parte que menos gostou das atividades? Porquê?

Participante C – Não respondeu.

Investigadora: As atividades foram importantes para si? Porquê?

Participante C – Sim, porque fazem puxar pelo desenho. Se eu estiver sozinho não desenho, se estiver com alguém, consigo fazer desenhos.

Investigadora: Como se sentiu a realizar as atividades? (Bem, feliz, chateado, etc). Porquê?

Participante C – Estava mais ou menos. Não estava com aquela inspiração, se tiver inspirado demoro um bocado.

Investigadora: Sente que aprendeu algo com a atividade?

Participante C – Aprendi. Aprendi a saber mais coisas do que é a arte. O que eu gostava mais de treinar era o sombreado. Se eu chegar ao pé de um pintor e lhe disser qual o segredo do desenho, ele vai dizer o mesmo que eu, que são as sombras. O sombreado é o que faz o desenho mais vivo, mais real. O abstrato é um desenho para baralhar as pessoas.

Investigadora: Gosta de desenhar? Porquê?

Participante C – Sim, comecei a gostar de desenho. Acho o desenho uma arte boa. Eu gostava de desenhar como eles ou melhor. (referindo-se aos pintores). Eles começaram desde pequenos e eu não. Os pintores quando estão a pintar, estão inspirados, não estão a pensar em nada. Eu tenho inveja deles, porque desenhavam bem melhor do que eu. Gostava de desenhar bem para me sentir bem comigo próprio. A pior coisa que eu fiz, foi parar com o desenho.

Investigadora: Se tivesse oportunidade de fazer mais atividades ligadas às áreas artísticas (teatro, música, fotografia, etc) quais seriam? Porquê?

Participante C – Música gostava, porque eu gosto do som do piano, do violino. Eu gosto do barulho das teclas, porque me dá arrepios por gostar, porque eu gosto de ouvir. Eu gosto dos sons da Mariza. Dança também gostava, a dança robótica. Eu gosto desse tipo de música.

ROTEIRO PARA REALIZAÇÃO DE INQUERITO POR ENTREVISTA

III – GUIÃO DE ENTREVISTA PARTICIPANTES NO ESTUDO

1. Gostou das atividades? Porquê?
2. Quais as atividades que mais gostou? Porquê?
3. Qual foi a parte que mais gostou das atividades? Porquê?
4. Quais as atividades que menos gostou? Porquê?
5. Qual foi a parte que menos gostou das atividades? Porquê?
6. As atividades foram importantes para si? Porquê?
7. Como se sentiu a realizar as atividades? (Bem, feliz, chateado, etc)
Porquê?
8. Sente que aprendeu algo com as atividades?
9. Gosta de Arte? Porquê?
10. Se tivesse oportunidade de fazer mais actividades ligadas às áreas artísticas (teatro, música, fotografia, etc) quais seriam? Porquê?

Agradecida pela sua colaboração.

Leiria, _____, de _____ de 2018

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO PARTICIPANTE D

Investigadora: Gostou da atividade? Porquê?

Participante D – Gostei, tanto do convívio como da participação das atividades, porque acho que é bom no sentido positivo, porque a gente aprende sempre alguma coisa.

Investigadora: Quais as atividades que mais gostou? Porquê?

Participante D – Foram todas importantes. A que achei mais interessante, foi a parte do desenho, porque há muito que não desenhava.

Investigadora: Qual foi a parte que mais gostou das atividades? Porquê?

Participante D – A presença de todos foi engraçado e o lembrar-me de coisas do tempo da escola.

Investigadora: Quais as atividades que menos gostou? Porquê?

Participante D – (referido-se a mim investigadora) A parte que menos gostei, foi na atividade da ida ao museu de Santo Agostinho, porque estavas todas entusiasmada para ir e não aconteceu, estavam lá obras muito bonitas.

Investigadora: Qual foi a parte que menos gostou das atividades? Porquê?

Participante D – Não de maneira alguma.

Investigadora: As atividades foram importantes para si? Porquê?

Participante D – Sim, sim. Foi um género de escape da vida quotidiana.

Investigadora: Como se sentiu a realizar a atividade? (Bem, feliz, chateado, etc).

Participante D – Acho que foi tudo engraçado, como se a gente levasse tudo natural sem pensamentos negativos e pelo convívio. Aqui, é outra maneira, e a gente pensar um bocadinho e refletir.

Investigadora: Sente que aprendeu algo com a atividade?

Participante D – Sim, nessa base, no convívio entre todas as pessoas que vivem no dia-a-dia, praticamente na rua.

Investigadora: Gosta de Arte?

Participante D – Sempre me fascinou, porque... sei lá. Tem uma maneira de ver a Arte, tem coisas bonitas e muitos segredos.

Investigadora: Se tivesse oportunidade de fazer mais atividades ligadas às áreas artísticas (teatro, música, fotografia, etc) quais seriam? Porquê?

Participante D – Dentro da Arte, arte de escultura, pintura, materiais, porcelanas, vidro. Houve determinados trabalhos de estalates que eu fiz e acho bonito.

ROTEIRO PARA REALIZAÇÃO DE INQUERITO POR ENTREVISTA

III – GUIÃO DE ENTREVISTA PARA PARTICIPANTES NO ESTUDO

1. Gostou das atividades? Porquê?
2. Quais as atividades que mais gostou? Porquê?
3. Qual foi a parte que mais gostou das atividades? Porquê?
4. Quais as atividades que menos gostou? Porquê?
5. Qual foi a parte que menos gostou das atividades? Porquê?
6. As atividades foram importantes para si? Porquê?
7. Como se sentiu a realizar as atividades? (Bem, feliz, chateado, etc)
8. Sente que aprendeu algo com as atividades?
9. Se tivesse oportunidade de fazer mais atividades ligadas às áreas artísticas (teatro, música, fotografia, etc) quais seriam? Porquê?

Agradecida pela sua colaboração.

Leiria, _____, de _____ de 2018

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO PARTICIPANTE E

Investigadora: Gostou das atividades? Porquê?

Participante E – Sim, gostei, porque foi uma forma de exprimir o que ia na alma e dentro daquilo que foi proposto. Eu acho que, também é importante, porque é uma forma de fazerem algumas pessoas das ditas excluídas pela sociedade, obterem a atenção na parte de pessoas que no fundo, por breves momentos nos fazem sentir úteis.

Investigadora: Quais as atividades que mais gostou? Porquê?

Participante E – A resposta está na primeira.

Investigadora: Qual foi a parte que mais gostou das atividades? Porquê?

Participante E: Não respondeu.

Investigadora: Quais as atividades que menos gostou? Porquê?

Participante E: Não respondeu.

Investigadora: Qual foi a parte que menos gostou das atividades? Porquê?

Participante E – Não respondeu.

Investigadora: As atividades foram importantes para si? Porquê?

Participante E: Não respondeu.

Investigadora: Como se sentiu a realizar a atividade? (Bem, feliz, chateado, etc).

Participante E – Senti-me ocupado.

Investigadora: Sente que aprendeu algo com a atividade?

Participante E – Sim, aprendi que com este tipo de atividade, pode ser o tempo necessário para fazer a escolha certa, diante de alguns pensamentos que me levam à tentação de fazer coisas que em nada contribuem para qualquer coisa boa.

Investigadora: Se tivesse oportunidade de fazer mais atividades ligadas às áreas artísticas (teatro, música, fotografia, etc) quais seriam? Porquê?

Participante E – Sim, se tivesse oportunidade certamente ligariam-me à fotografia, isto porque para além de todo o processo que a fotografia é composta existe também a hipótese de transportar para o papel, imagens que valem certamente por qualquer designação de todos os dicionários.

Investigadora: Porque gosta da fotografia?

Participante E – Porque há uns anos atrás, trabalhei no processo fotográfico e gostei muito.

ROTEIRO PARA REALIZAÇÃO DE INQUERITO POR ENTREVISTA

III – GUIÃO DE ENTREVISTA PARA PARTICIPANTES NO ESTUDO

1. Gostou das atividades? Porquê?
2. Quais as atividades que mais gostou? Porquê?
3. Qual foi a parte que mais gostou das atividades? Porquê?
4. Quais as atividades que menos gostou? Porquê?
5. Qual foi a parte que menos gostou das atividades? Porquê?
6. As atividades foram importantes para si? Porquê?
7. Como se sentiu a realizar as atividades? (Bem, feliz, chateado, etc)
8. Sente que aprendeu algo com as atividades?
9. Se tivesse oportunidade de fazer mais atividades ligadas às áreas artísticas (teatro, música, fotografia, etc) quais seriam? Porquê?

Agradecida pela sua colaboração.

Leiria, _____, de _____ de 2018

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO PARTICIPANTE G

Investigadora: Gostou da atividade? Porquê?

Participante G – Gostei, porque foi engraçado.

Investigadora: Quais as atividades que mais gostou? Porquê?

Participante G – Das suas, porque achei piada.

Investigadora: Qual foi a parte que mais gostou das atividades? Porquê?

Participante G – Do convívio, as pessoas estavam calmas e não havia confusões. Quando há convívio há tudo.

Investigadora: Quais as atividades que menos gostou? Porquê?

Participante G – Não respondeu.

Investigadora: Qual foi a parte que menos gostou das atividades? Porquê?

Participante G – Não respondeu.

Investigadora: As atividades foram importantes para si? Porquê?

Participante G – Para mim foi, porque ajudou a passar o tempo, porque eu gosto de vir às atividades da INPULSAR.

Investigadora: Como se sentiu a realizar a atividade? (Bem, feliz, chateado, etc).

Participante G – Estava bem, porque há pessoas que sabem estar, há outras pessoas que não sabem estar.

Investigadora: Sente que aprendeu algo com a atividade?

Participante G – Aprendi coisas novas, coisas alegres.

Investigadora: Se tivesse oportunidade de fazer mais atividades ligadas às áreas artísticas (teatro, música, fotografia, etc) quais seriam? Porquê?

Participante G – Não sei. Música, porque eu gosto de ouvir música.

Investigadora: Que géneros musicais gosta? (pop, rock, etc)

Participante G – Um bocado de tudo.

Investigadora: Costuma ouvir música?

Participante G – Agora não, mas antes ouvia.

ROTEIRO PARA REALIZAÇÃO DE INQUÉRITO POR ENTREVISTA

I- APRESENTAÇÃO

1. Apresentação do entrevistador e esclarecimento do entrevistado dos objetivos e da natureza do seu trabalho.
2. Garantir ao entrevistado o anonimato e sigilo relativamente a todas as respostas dadas.
3. Referir ao entrevistado, que é livre para esclarecer as suas dúvidas sempre que considere pertinente.
4. O entrevistado, quando assim o entende, dá a sua opinião acerca de experiências pessoais que considera serem interessantes.
5. O entrevistador deve pedir ao entrevistado autorização para gravar a entrevista, explicando os motivos para este procedimento.

II- CONTEXTUALIZAÇÃO DO INQUÉRITO POR ENTREVISTA

Esta entrevista tem por objetivo compreender de **“Quais os benefícios das linguagens artísticas enquanto ferramenta terapêutica em pessoas socialmente excluídas e marginalizadas?”**

Agradecemos a sua colaboração.

ROTEIRO PARA REALIZAÇÃO DE INQUERITO POR ENTREVISTA

III – GUIÃO DE ENTREVISTA PARA PROFISSIONAIS/TECNICOS SUPERIORES

1. Considera as linguagens artísticas uteis, enquanto ferramenta interventiva para trabalhar com utentes em contexto terapêutico?
2. Práticas da Associação em termos de linguagens artísticas que tenham sido utilizadas como ferramenta de intervenção?
3. Sentiu que a intervenção da investigação potenciou um envolvimento emocional por parte dos utentes?
4. Sentiu que a intervenção da investigação desenvolveu a criatividade dos utentes?

Agradecida pela sua colaboração.

Leiria, _____, de _____ de 2018

Investigadora - Considera as linguagens artísticas úteis, enquanto ferramenta interventiva, para trabalhar com utentes em contexto terapêutico?

Diretora Técnica – As linguagens artísticas são sempre uma mais-valia, são certamente úteis na integração e na inclusão social. Nós enquanto instituição e associação, sempre reconhecemos essa importância das linguagens artísticas e da intervenção artística, enquanto motor na inclusão social, quer em âmbito de outras atividades, quer em contexto terapêutico, penso ser útil.

Investigadora - Práticas da Associação em termos de linguagens artísticas que tenham sido utilizadas como ferramenta de intervenção?

Diretora Técnica – Nós utilizamos muito o Photovoice, o Photovoice enquanto ferramenta da inclusão social. Já utilizámos quer com públicos desfavorecidos, nomeadamente, O Giz na Rua e no grupo terapêutico, particularmente, quer em todos os projetos que tivemos. Já fizemos com a comunidade cigana, já utilizámos com a comunidade emigrante, que é a maioria do público intervencionado no Redes na Quinta, portanto, a estratégia que temos utilizado mais, de facto é o Photovoice. Nós utilizámos por exemplo, a dança num projeto que fizemos, foi uma iniciativa financiada pelo Programa PARTIS, que é um programa de inclusão através das práticas artísticas da Gulbenkian, em que colocámos crianças do Bairro Social da Cova das Faias, juntamente com crianças não ciganas, que era uma escola de dança em Leiria. (Pausa) Houve um projeto durante um ano, inicialmente trabalharam separados os dois grupos, depois houve aqui uma fase, em que tiveram a suscitar a curiosidade em relação ao outro e depois, finalmente, conheceram-se e prepararam o espetáculo de dança, que depois apresentámos no Miguel Franco em Leiria para todas as pessoas que quiseram ver e participar. Foi um projeto muito interessante, porque de facto conseguimos chegar tanto às potencialidades. (Pausa) Muitas vezes, nós na intervenção social estamos muito focados nos problemas sociais e em resolver os problemas dos utentes, participantes ou beneficiários, conforme queiram chamar.

As práticas artísticas permitem dar uma outra visão da intervenção, ou seja, salientar o demais positivo que há nestes grupos, que muitas vezes são excluídos e marginalizados. Permite ver o outro lado, potenciar estes fatores ou estas capacidades destes indivíduos e trabalhar outras questões, às vezes muito mais eficaz do que qualquer ação mais programada (pausa). Atualmente também, temos um outro projeto, onde desenvolvemos práticas artísticas, que é no Giró Bairro com a comunidade cigana. Neste momento as crianças estão a beneficiar da atividade de música com um instrumento musical. Todas as semanas vão ao Orfeão de Leiria, isto é uma parceria com o Orfeão de Leiria, em que as crianças estão a aprender um

instrumento, em que o objetivo aqui, é criar uma orquestra pequenina, reduzida, mas o objetivo é esse. Porquê? Porque não só a aprendizagem deste instrumento (pausa), primeiro vai de encontro a uma coisa que gostam, a um gosto que é a música.

Apesar de ser uma música diferente, que muitos deles não estavam habituados a isto, (pausa) estes instrumentos, nem a esta metodologia de aprender música, etc. De facto, isto vai permitir aqui, trabalharem uma série de competências, não só a aprendizagem de um instrumento e da música, mas também, para criarmos uma orquestra é muito importante o saber trabalhar em grupo, o esperar pelo outro. Portanto, tudo competências que podemos estar a trabalhar de uma forma mais ou menos lúdica, (pausa), mas podemos trabalhar aqui uma série de coisas com estas práticas artísticas. Eu acho que esta é a parte mais interessante, mais útil desta questão, é que podemos estar a trabalhar determinados temas (pausa), numa forma que vai de encontro aos interesses das pessoas, mas podemos estar a trabalhar uma série de competências que estão a par. Por exemplo, no Photovoice, neste grupo, quando aplicamos o Photovoice, uma das questões que trabalhamos sempre é, “E vocês enquanto grupo, como é que podem, ou o que é que acham que podemos fazer, para resolver esse problema?”. Portanto, capacitar aqui, capacidades de reflexão, deles se, podem (pausa), não estarem só à espera que os serviços resolvam os problemas, mas eles próprios darem contributos para a resolução. Por exemplo, um dos resultados que tivemos dessa experiência, do Photovoice, foi que eles identificaram, primeiro que se sentiam marginalizados, pelo percurso que tinham ou que já tinham tido, o facto de estarem associados a consumos, substâncias psicoativas ou arrumação de carros, e sentiam de certa forma, que a sociedade os olhava como incapazes, como (pausa), sendo inúteis. Associado a isso, também identificaram uma outra questão, pelo Photovoice nós vamos lançando questões todas as semanas, são lançadas cinco questões. Uma outra questão que identificaram, que em leiria existem algumas zonas com muitos grafites, mas não o grafite bonito, aquele grafite que é mais riscos. (pausa) E o que é que nós fizemos para resolver estes dois problemas? Eles próprios, (pausa) havia uma pessoa no grupo que tinha sido pintor toda a vida, então propusemos fazer, criar um grupo, Giros à Pintura, e, então, este grupo, Giros à Pintura, podiam pintar várias zonas da cidade, desde pontes, que chegaram a pintar. Mobilizamos também, a Junta de Freguesia que nos foi identificando os locais para eles pintarem. Pintámos a Junta de Freguesia da Barreira, fomos pintando vários locais, que no fundo, isto veio a ser notícia do jornal. Ou seja, contribuiu para dois problemas, um para as pessoas os verem de uma outra forma, (pausa), como úteis e por outro lado, foram resolvendo problemas que eram da cidade, não é? O facto de uma ponte estar degradada, ou estar feia, eles foram contribuindo também, para esse aspeto e, portanto, (pausa), isto partiu da fotografia.

Estas linguagens artísticas são importantes, principalmente, quando têm um significado ou um objetivo, e conseguimos trabalhar para além da competência artística uma série de outras competências que estão associadas.

Investigadora - Sentiu que a intervenção da investigação potenciou um envolvimento emocional por parte dos utentes?

Diretora Técnica – Aquilo que eu senti, primeiro descobrimos aqui, (pausa), houve um aspeto muito importante deste trabalho, foi (pausa) uma parte que nós não tínhamos explorado muito, é a questão dos desenhos e acho que resultou muito bem, e acho que foi o momento alto da intervenção, porque descobrimos aqui gostos e muitos interesses que se calhar não tínhamos (pausa), aliás num ou outro caso, já tínhamos identificado, mas não tínhamos se calhar, valorizado desta forma, e que é um ponto que iremos certamente explorar no futuro, até porque nos parece, que há aqui interesse e mais uma vez, é uma forma que podemos ter, para eles (pausa) expressarem as suas emoções, a forma como sentem e também trabalharmos as competências. Não é porque, o nosso papel é esse, portanto eu acho que sim, eu acho, acabou por desenvolver esta capacidade emocional, não só nos utentes, mas também percebermos que há aqui coisas que podemos potenciar.

Investigadora - Sentiu que a intervenção da investigação desenvolveu a criatividade dos utentes?

Diretora Técnica – Eu acho que a criatividade já existe nestes utentes. Eu acho que se calhar, foi (pausa), foi salientada. Quem se destacou mais nalgumas atividades, já tem essas competências da criatividade. Eu acho que aqui, (pausa) o trabalho aqui, das práticas artísticas é essencialmente potenciar aspetos positivos. E foi isso, e acho que é essa a riqueza desta questão, é mesmo essa possibilidade, de potenciar isto, uma “coisa” que até eles já têm, as competências que eles já têm, mas torná-las visíveis, pois com o passar do tempo, podemos tentar aumentar ou potenciar. Mas de facto (pausa), mais do que tudo, não foi propriamente desenvolver, porque eu acho que não houve tempo para desenvolver propriamente a criatividade, houve sim, para nos mostrar essa criatividade. Houve esse espaço, para mostrar essa criatividade.

Investigadora - Considera as linguagens artísticas úteis, enquanto ferramenta interventiva, para trabalhar com utentes em contexto terapêutico?

Assistente Social – O que nós podemos constatar foi que (pausa) respondendo à pergunta, claro, claro que considero, na medida em que (pausa) as linguagens artísticas acabam por ser uma forma de trabalho em contexto mais informal (pausa) com os utentes, e que nós achamos que conseguimos através destas práticas, conseguimos captar mais a atenção deles. Mais, o foco deles para (pausa), nomeadamente no trabalho, isto em contexto terapêutico acabou por resultar muito bem, porquê? Porque conseguimos por um lado, captá-los e motivá-los a virem (pausa) a virem participar, nas atividades terapêuticas.

Investigadora - Práticas da Associação em termos de linguagens artísticas que tenham sido utilizadas como ferramenta de intervenção?

Assistente Social – Assim (pausa) em ambos os projetos, nestes três projetos que estão associados à INPULSAR, porque são os três que estão ativos neste momento. Não temos ninguém na área (pausa) na área artística, formado na área artística. O que nós fizemos ligado a esta área das linguagens artísticas, foi pequenas atividades em que fomos implementando em cada projeto, nomeadamente a questão da música, no projeto Giró Bairro, com formação, com a parceria do Orfeão de Leiria, que a orquestra cigana quer que os miudos vão lá uma vez por semana. O Orfeão de Leiria tem aulas e que o produto final resultará numa apresentação de um espetáculo, daqui a três anos (pausa). No Redes da Quinta, na Quinta do Alçada, através da dança com os miudos, nós tentámos envolve-los (pausa), temos a colaboração de duas professoras que vão lá dinamizar as atividades de dança. E quanto ao projeto Giros na Rua, nós temos semanalmente uma atividade que se chama, Giros nas Artes, em que à segunda-feira, eles (pausa) eles trabalham aqui a questão da motricidade fina em que acabam por fazer pequenas coisas, como carteiras, desenhos. E depois, implementamos também nos três projetos, a metodologia Photovoice. (pausa) Nos três projetos, é isto que fazemos em termos de linguagens artísticas.

Investigadora - Sentiu que a intervenção da investigação potenciou um envolvimento emocional por parte dos utentes?

Assistente Social – De certa forma sim (pausa). Alguns que acabam por se envolver (pausa). Alguns acabaram por se envolver mais, consoante a metodologia, outros nem tanto, mas ao fim e ao cabo,

acho que todos conseguiram até se exprimir e ir ao encontro daquilo que foi pedido, cada um no seu (pausa) ao seu jeito, mas acho que sim, cada um acabou por se envolver emocionalmente com a metodologia.

Investigadora - Sentiu que a intervenção da investigação desenvolveu a criatividade dos utentes?

Assistente Social – Claro que sim, claro. Isto foi um ponto fulcral, acho que dos mais importantes, dos mais enriquecedores da investigação, foi que nós não tínhamos a noção que eles tinham tanto interesse e tanta motivação por parte (pausa) pequenas coisas, como pegar num lápis de cor e fazer um desenho (pausa). Muitos têm muitas dificuldades em manterem-se concentrados e atentos. Durante aquele tempo em que estavam a fazer os desenhos estavam completamente atentos, então tu vias bem (referindo-se à investigadora) quando eles estavam atentos e pareciam que estavam nas “coisas”. Mesmo D a ler, a questão dos livros, as imagens, o A a participar, o C concentradíssimo (pausa) são coisas que a Idália (referindo-se à investigadora) sabe e que foi através desta intervenção (pausa) acabou por envolver muito a questão artística e a questão da criatividade deles.

Investigadora – Tem algo de importante que gostaria de dizer ou acrescentar?

Assistente Social – Isto acaba por ser um mundo novo para nós, a questão das práticas artísticas. Não temos muita ligação, (pausa) muito foco para elas, mas com esta investigação, nós de certa forma concluímos que, acaba por ser importante e acaba por ser um aliado e uma ferramenta que podemos utilizar no nosso trabalho. À medida que vamos intervindo com eles, pode ser algum veículo para chegarmos a esta questão das Linguagens Artísticas.

ANEXO 42: Transcrição da entrevista da enfermeira

Investigadora - Considera as linguagens artísticas úteis, enquanto ferramenta interventiva, para trabalhar com utentes em contexto terapêutico?

Enfermeira – As linguagens artísticas, podem ser uma ferramenta útil para ajudar as pessoas a ficarem mais à vontade, mais confiantes naquilo que vão dizendo. No grupo, vão falando e vão exprimindo. Pode ser uma forma de expressão, que muitas vezes eles não conseguem logo à partida falar diretamente aquilo que estão a sentir (pausa), a pensar. E (pausa) as linguagens artísticas, podem ser um meio para conseguirmos chegar a eles e eles se exprimirem.

Investigadora - Práticas da Associação em termos de linguagens artísticas que tenham sido utilizadas como ferramenta de intervenção?

Enfermeira – Sim fizemos, no grupo já fizemos também, do recurso à fotografia, podemos considerar isso uma linguagem artística.

Investigadora - Sentiu que a intervenção da investigação potenciou um envolvimento emocional por parte dos utentes?

Enfermeira – Era como eu já disse, que a questão de trabalharmos algumas questões artísticas, ajudem a desbloquear um bocadinho a forma deles se exprimirem, não usando o que é habitual, que é a falar (pausa). Podem usar a pintura, o desenho como meio de exprimir aquilo que estão a sentir, por isso sim, é uma ferramenta útil (pausa), no desbloqueio emocional, que para alguns funciona como desbloqueio, pois então, precisam de outras ferramentas para o benefício emocional, mas (pausa), é uma ferramenta útil.

Investigadora - Sentiu que a intervenção da investigação desenvolveu a criatividade dos utentes?

Enfermeira – Penso que pode ter ajudado a eles perceberem, a tomarem consciência que pode ser um meio para eles utilizarem a sua criatividade, porque este tipo de utentes, também arranjam estratégias um bocadinho fora do que é considerado normal, que nós normalmente utilizamos e eles usam outras estratégias. Mas podem de facto, ter encontrado aqui um outro meio de se exprimirem e se calhar até de criatividade. Penso que será preciso mais tempo, e perceber se isto efetivamente ajudou na criatividade deles ou não.

ANEXO 43: Síntese/sinopse das entrevistas semiestruturadas

Categorias	Excerto das entrevistas semiestruturada	Observações
<p>1.1. Envolvimento emocional: expressividade e sentimentos</p>	<p><u>Participante B</u>: "Levantar o pé, não gostei muito." [Q3]</p> <p><u>Participante B</u>: "Sempre calmo. Talvez com nervos, é os nervos, o meu coração (quando se lembrava dos ciganos)" [Q5]</p> <p><u>Participante B</u>: "(...) Pintar, pistolas, ciganos. (referindo-se às vivências atuais)" [Q6]</p> <p><u>Participante B</u>: "(...) fotografias bonitas, desenhos, lama para fazer desenhos, bonecas e assim, há muito tempo que eu não faço. (...)" [Q9]</p> <p><u>Participante C</u>: "Sim, porque fazem puxar pelo desenho. Se eu estiver sozinho não desenho, se estiver com alguém, consigo fazer desenhos." [Q4]</p> <p><u>Participante C</u>: "Estava mais ou menos. Não estava com aquela inspiração, se tiver inspirado demoro um bocado." [Q5]</p> <p><u>Participante C</u>: "(...) Eu tenho inveja deles, porque desenhavam bem melhor do que eu. Gostava de desenhar bem para me sentir bem comigo próprio. A pior coisa que eu fiz, foi parar com o desenho." [Q7]</p> <p><u>Participante C</u>: "(...) Eu gosto do barulho das teclas, porque me dá arrepios por gostar, porque eu gosto de ouvir." [Q8]</p>	<p><u>Investigadora</u>: "(...) Em relação à atitude do utente B, ante a exploração das imagens, achei interessante o facto deste, através da linguagem artística, fotografia, partilhar a sua opinião pessoal. (...)." [DB1]</p> <p><u>Investigadora</u>: "(...) a exploração das imagens enquanto meio para comunicar e dialogar, permitiu que o participante B, mostrasse interesse em querer saber e aprender. Apresentasse e partilhasse as suas próprias ideias, pensamentos e questões (...)" [DB1]</p> <p><u>Investigadora</u>: "(...) Relativamente a esta atividade, percebi que a fotografia enquanto ferramenta artística levou a uma participação ativa através da imagem simbólica, mas quando confrontados com o próprio eu, as respostas foram basicamente nulas. (...)" [DB2]</p> <p><u>Investigadora</u>: "(...) Comparativamente às reações por mim constatadas, um participante observou o seu rosto, dois olharam para o espelho comentaram e passaram de forma rápida. E ainda um outro, quando olhou não quis ver o seu próprio rosto refletindo um olhar profundo de imensa tristeza e melancolia. (...)" [DB2]</p> <p><u>Investigadora</u>: "(...) Todos mostraram uma atitude serena, participação ativa, concentração e empenho na tarefa. (...) Perante</p>

	<p><u>Participante D</u>: “(...) A que achei mais interessante foi a parte do desenho, porque há muito que não desenhava” [Q3]</p> <p><u>Participante D</u>: “A parte que menos gostei, foi na atividade da ida ao museu de Santo Agostinho, porque estavas toda entusiasmada para ir e não aconteceu, estavam lá obras muito bonitas.” [Q4]</p> <p><u>Participante D</u>: “(...) Foi um género de escape da vida quotidiana.” [Q6]</p> <p><u>Participante D</u>: “Acho que foi tudo engraçado, como se a gente levasse tudo natural sem pensamentos negativos (...) e a gente pensar um bocadinho e refletir.” [Q7]</p> <p><u>Participante E</u>: “(...) porque foi uma forma de exprimir o que ia na alma (...)” [Q1]</p> <p><u>Participante E</u>: “Senti-me ocupado” [Q3]</p> <p><u>Participante G</u>: “Gostei, porque foi engraçado” [Q1]</p> <p><u>Participante G</u>: “(...) porque achei piada” [Q2]</p> <p><u>Participante G</u>: “(...) porque ajudou a passar o tempo (...)” [Q6]</p> <p><u>Participante G</u>: “Estava bem, porque há pessoas que sabem estar, há outras pessoas que não sabem estar.” [Q7]</p> <p><u>Diretora Técnica</u>: “(...) eu acho que sim, eu acho, acabou por desenvolver esta capacidade emocional, não só nos utentes, mas também percebermos que há aqui coisas que podemos potenciar” [Q3]</p>	<p>a atitude dos participantes, a expressão plástica como metodologia interventiva revela ser um meio pela qual o individuo se entrega. (...)” [DB2]</p> <p><u>Investigadora</u>: “(...) porque não são só as palavras proferidas que revelam expressividade. Desenhar é uma forma de expressão e comunicação não verbal. (...)” [DB2]</p> <p><u>Investigadora</u>: “(...) Relativamente à atividade proposta dois utentes terminaram a tarefa de forma rápida, os participantes B e G. Em contrapartida os participantes D e F centraram-se envolvendo-se com muito mais intensidade. (...)” [DB2]</p> <p><u>Investigadora</u>: “(...) Relativamente a este participante notou-se uma alteração significativa no comportamento (...) Na sessão anterior tinha chegado mesmo na fase final da sessão, inversamente ao que aconteceu na sessão de hoje, foi o primeiro a chegar ao grupo terapêutico. (...)” [DB3]</p> <p><u>Investigadora</u>: “(...) Perante o meu pedido, os participantes recusaram-se a participar na atividade foi necessário o auxílio da enfermeira, que interveio pedindo aos utentes que participassem na atividade. (...)” [DB3]</p> <p><u>Investigadora</u>: “(...) As questões não suscitaram interesse nos utentes, levando, inclusivamente, o utente C a não participar, rejeitando o toque das suas mãos no seu rosto, sentando-se</p>
--	---	---

	<p><u>Assistente Social</u>: “(...) Alguns acabaram por se envolver mais, consoante a metodologia, outros nem tanto (...) mas acho que sim, cada um acabou por se envolver emocionalmente com a metodologia” [Q3]</p>	<p>momentaneamente para terminar a tarefa inacabada da sessão anterior. (...)” [DB3]</p> <p><u>Investigadora</u>: “(...) Desta forma o brincar tornou-se uma ferramenta essencial enquanto método de aprendizagem e desenvolvimento da comunicação. (...)” [DB3]</p> <p>Investigadora: “(...) A enfermeira interveio questionando o utente B sobre o motivo de não querer participar; este apenas acenou um não com a cabeça, não mostrando interesse sequer em querer levantar-se. (...)” [DB3]</p> <p><u>Investigadora</u>: “(...) Relativamente a este participante, dado que não sabe ler, nem escrever, a expressão plástica enquanto imagem, leva a uma maior expressividade e comunicação. (...)” [DB3]</p> <p><u>Investigadora</u>: “(...) Desta forma, no decorrer da minha intervenção, verifiquei que estas técnicas acabaram por causar respostas comportamentais inversas por parte dos participantes deste estudo, provocando uma profunda desmotivação, rejeição e recusa para com as atividades. (...)” [DB3]</p> <p><u>Investigadora</u>: “(...) em algumas das atividades mostraram um comportamento antagónico (...) principalmente naquelas atividades relacionadas com as práticas artísticas ligadas às suas aptidões pessoais. (...)” [DB3]</p>
--	---	--

		<p><u>Investigadora:</u> “(...) Sendo este participante cigano, a música cigana, mostra ser uma fonte de participação. Favoreceu e provocou uma atitude de felicidade, neste caso, o sorriso do participante quando a ela se referiu. (...)” [DB4]</p> <p><u>Investigadora:</u> “(...) Quanto ao comportamento o participante mostrou-se sempre muito interessado visualizando com muita atenção o vídeo do princípio ao fim. Outro aspeto a mencionar, foi a felicidade presente e visível na expressão facial deste, na qual o riso se manifestou incessantemente. (...)” [DB4]</p> <p><u>Investigadora:</u> “(...) No que concerne à atitude deste participante face à atividade desenvolvida, tenho a salientar, a clareza e a objetividade ao nível da expressão e comunicação nas respostas dadas. Deste modo foi perceptível um vasto e eminente sentido crítico, relativo à leitura e análise da obra. (...)” [DB5]</p> <p><u>Investigadora:</u> “(...) Intersectando o processo criativo com o comportamento dos participantes, tenho a referir que estes no momento da realização da atividade, mostraram uma atitude notável e sublime. Isto porque, a atenção, concentração e a expressividade artística se destacaram e evidenciaram. (...)” [DB5]</p> <p><u>Investigadora:</u> “(...) Sobre esta atividade pude constatar que a participação foi total ocorrendo um envolvimento integral. (...) É a oportunidade que ele tem de dar-se e se deixar envolver de forma íntegra e plena. Ao longo desta atividade pude constatar o à</p>
--	--	--

		<p>vontade, a desinibição com que os participantes manuseavam os materiais plásticos. (...) [DB2]</p> <p><u>Investigadora</u>: “(...) Enquanto se dirigia ao seu lugar observava o que faziam os participantes D e F, envolvidos na tarefa que ainda não tinham terminado. (...) “[DB2]</p> <p><u>Investigadora</u>: “(...) O tempo da sessão chegou ao fim, foi pedido aos participantes que a atividade terminaria na próxima sessão agendada para o dia 1 março 2018.” [DB2]</p> <p><u>Investigadora</u>: “(...) Mal eu tinha começado a sessão, já o utente C pedia para dar continuidade ao trabalho iniciado na sessão anterior (...)” [DB3]</p> <p><u>Investigadora</u>: “(...) Assim que entraram dirigiram-se aos lugares, onde o participante D pediu uma folha em branco, justificando que já tinha terminado a sua criação artística na sessão anterior. (...)” [DB3]</p> <p><u>Investigadora</u>: “(...) após diálogo solicitou que lhe desse uma nova folha para pintar. (...)” [DB3]</p> <p><u>Investigadora</u>: “(...) revelando uma atitude de participação, interesse, empenho e dedicação (...)” [DB3]</p> <p><u>Investigadora</u>: “(...) Ante o solicitado, foi possível verificar, uma vez mais, um rosto repleto de felicidade. Um contentamento, uma expressão de vivacidade, acompanhada pela atenção e</p>
--	--	---

		<p>concentração do participante ante a visualização do vídeo. (...)” [DB4]</p> <p><u>Investigadora:</u> “(...) Relativamente a esta atividade, constatei que este estava imensamente interessado e atento, mostrando uma atitude participativa. (...)” [DB5]</p> <p><u>Investigadora:</u> “(...) Aquando a realização da atividade, verifiquei que os participantes A e G desenhavam com muito à vontade. Mostravam uma postura centrada na atenção e concentração diante da tarefa que estavam a realizar. (...) todos estes participantes (A, D e E) se inteiravam da atividade, revelando por isso autonomia face à atividade proposta. (...)” [DB5]</p> <p><u>Investigadora:</u> “(...) Ambos, encontravam-se a folhear e a analisar os livros de Arte com muita atenção, mostrando uma postura serena e bastante tranquila. (...)” [DB5]</p> <p><u>Observações gerais referentes à recolha de dados da investigadora:</u></p> <p>Verificou-se que as linguagens artísticas:</p> <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> levam a uma maior expressividade, participação e motivação. <input type="checkbox"/> A não aceitação conduz ao autoconhecimento e autodescoberta de quem verdadeiramente são <input type="checkbox"/> Autodescoberta e autoconhecimento <input type="checkbox"/> Autoconsciência
--	--	---

		<ul style="list-style-type: none"><input type="checkbox"/> Sensibilidade artística<input type="checkbox"/> Negação diante das atividades leva à expressividade emocional<input type="checkbox"/> Manifestação da própria opinião<input type="checkbox"/> A resposta comportamental diante das atividades propostas levou à expressividade emocional<input type="checkbox"/> A motivação e o interesse conduziram a uma atitude significante, maior envolvimento<input type="checkbox"/> A afinidade com as expressões artísticas, levaram a um profundo interesse, que por sua vez ocasionou a participação dando origem à motivação. Como ocorreu motivação, então os participantes envolveram-se nas atividades.<input type="checkbox"/> As expressões artísticas causaram impacto na atitude dos participantes, permitindo o despertar do eu artístico.<input type="checkbox"/> O autoconhecimento e autodescoberta, impeliu ao desenvolvimento da sensibilidade artística.
--	--	---

<p>1.2. Criatividade</p>	<p><u>Diretora Técnica</u>: “Eu acho que a criatividade já existe nestes utentes. Eu acho que se calhar, foi (pausa), foi salientada. (...) não foi propriamente desenvolver, porque eu acho que não houve tempo para desenvolver propriamente a criatividade, houve sim, para nos mostrar essa criatividade. Houve esse espaço, para mostrar essa criatividade” [Q4]</p> <p><u>Assistente Social</u>: “(...) através desta intervenção (pausa) acabou por envolver muito a questão artística e a questão da criatividade deles.” [Q4]</p> <p><u>Enfermeira</u>: “Penso que pode ter ajudado a eles perceberem, a tomarem consciência que pode ser um meio para eles utilizarem a sua criatividade. (...) Penso que será preciso mais tempo, e perceber se isto efetivamente ajudou na criatividade deles ou não.” [Q4]</p>	<p><u>Investigadora</u>: “(...) Desta forma aqui é revelado que esta manipulação permitiu que os participantes dessem liberdade à sua imaginação e criatividade. Sendo isso mostrado nas criações que iam sendo desenvolvidas. Criações artísticas que revelavam o mundo intrínseco e próprio de cada um (...) [DB2]</p> <p><u>Investigadora</u>: “(...) Analisando as atitudes contrárias face às técnicas de desbloqueio, verificou-se que estas foram uma ferramenta útil, ajudando no fluir dos pensamentos criativos. (...)” [DB2]</p> <p><u>Investigadora</u>: “(...) Assim que vi a sua obra de criação artística, as linhas, as cores, as formas representadas, estas revelavam o abstrato (...)” [DB3]</p> <p><u>Investigadora</u>: “(...) verifica-se que a expressão plástica na qualidade de técnica interventiva é um fator crucial relativamente ao processo do ato criativo. (...)” [DB5]</p> <p><u>Investigadora</u>: “(...) Perante estas observações, a fotografia, mais uma vez, serviu como um fator de promoção do desenvolvimento da criatividade, um indutor estimulante à construção de uma história criativa. (...)” [DB5]</p>
--------------------------	---	---

		<p><u>Observações gerais referentes à recolha de dados da investigadora:</u></p> <p>Quanto à criatividade verificou-se que:</p> <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> A criatividade foi despertada <input type="checkbox"/> Necessário mais tempo para perceber e analisar o desenvolvimento artístico e criativo <input type="checkbox"/> Linguagens artísticas foram um meio/ferramenta que levou ao despertar da criatividade. <input type="checkbox"/> Autoconsciência
<p>1.3. Aprendizagens</p>	<p><u>Participante C:</u> “(...) são atividades que eu gosto e sempre gostei e acho que é bom, porque faz bem ao cérebro.” [Q1]</p> <p><u>Participante C:</u> “Aprendi. Aprendi a saber mais coisas do que é a arte.” [Q6]</p> <p><u>Participante D:</u> “Gostei, tanto do convívio como da participação das atividades, porque acho que é bom no sentido positivo, porque a gente aprende sempre alguma coisa.” [Q1]</p> <p><u>Participante E:</u> “(...) aprendi que com este tipo de atividade, pode ser o tempo necessário para fazer a escolha certa, diante de alguns pensamentos que me levam à tentação de fazer coisas que em nada contribuem para qualquer coisa boa.” [Q4]</p>	

	<u>Participante G</u> : “Aprendi coisas novas, coisas alegres.” [Q8]	
1.4. Conhecimentos artísticos	<p><u>Participante B</u>: ”Barro em cima do coiso, mexer por baixo com o pé. Uma coisa que está aqui em cima (exemplificando com as mãos), e dá para fazer um buraco” [Q10]</p> <p><u>Participante C</u>: “(...) porque a tinta é mais forte, nota-se mais o desenho. (...) O segredo do desenho está no sombreado.” [Q2].</p> <p><u>Participante C</u>: “(...) Se eu chegar ao pé de um pintor e lhe disser qual o segredo do desenho, ele vai dizer o mesmo que eu, que são as sombras. O sombreado é o que faz o desenho mais vivo, mais real. O abstrato é um desenho para baralhar as pessoas.” [Q6]</p> <p><u>Participante D</u>: “(...) Tem uma maneira de ver a Arte, tem coisas bonitas e muitos segredos.” [Q9]</p> <p><u>Participante D</u>: “Dentro da Arte, arte de escultura, pintura, materiais, porcelanas, vidro. (...)” [Q10]</p> <p><u>Participante E</u>: “(...) porque para além de todo o processo que a fotografia é composta existe também a hipótese de transportar para o papel, imagens que valem, certamente por qualquer designação de todos os dicionários.” [Q5]</p>	<p><u>Investigadora</u>: “(...) No que concerne à atitude deste participante face à atividade desenvolvida, tenho a salientar, a clareza e a objetividade ao nível da expressão e comunicação nas respostas dadas. Deste modo foi perceptível um vasto e eminente sentido crítico, relativo à leitura e análise da obra. (...)” [DB5]</p> <p><u>Observações gerais referentes à recolha de dados da investigadora</u>:</p> <p><input type="checkbox"/> Os participantes revelam saber e conhecer acerca do saber artístico</p> <p><input type="checkbox"/> Os conhecimentos artísticos impeliram os participantes ao despertar da criatividade através da autodescoberta e o encontro com o seu próprio eu através do autoconhecimento e da autoconsciência.</p> <p><input type="checkbox"/> Saliência dos saberes artísticos.</p>
	<u>Participante B</u> :” (...) Gosto de música cigana, música cigana de casamento, também.” [Q1]	

<p>1.5. Gostos artísticos</p>	<p><u>Participante B:</u>” Gostei desenhos, muito e as músicas, gostei” [Q2]</p> <p><u>Participante B:</u> “Fazer desenhos, pintar, gostei também” [Q7]</p> <p><u>Participante B:</u> ”Olha eu adoro. Às vezes estou a ver televisão e filme, gosto de música. A minha vida é música (...)” [Q8]</p> <p><u>Participante B:</u> ”(...) fotografias bonitas, desenhos, lama para fazer desenhos, bonecas e assim. (...) Gostei muito. Gosto fotografia, gosto muito.” [Q9]</p> <p><u>Participante C:</u> “(...) Eu gosto de conhecer e aprender sobre pintores e gostava de ser como eles. O pintor que eu gosto é o Picasso. Gosto mais da pintura a óleo, acho interessante (...) Gostava de aprender a treinar o sombreado do desenho. (...)” [Q2]</p> <p><u>Participante C:</u> “(...) O que eu gostava mais de treinar era o sombreado.” [Q6]</p> <p><u>Participante C:</u> “(...) Eu gostava de desenhar como eles (referindo-se aos pintores). [Q7]</p> <p><u>Participante C:</u> “Música gostava, porque eu gosto do som do piano, do violino. (...) Dança também gostava, a dança robótica. Eu gosto desse tipo de música.” [Q8]</p> <p><u>Participante D:</u> “(...) A que achei mais interessante, foi a parte do desenho, porque há muito que não desenhava.” [Q2]</p>	
-------------------------------	--	--

	<p><u>Participante D</u>: “A parte que menos gostei, foi na atividade da ida ao museu de Santo Agostinho, porque estavas toda entusiasmada para ir e não aconteceu, estavam lá obras muito bonitas.” [Q4]</p> <p><u>Participante D</u>: “Sempre me fascinou, porque...sei lá. Tem uma maneira de ver a Arte, tem coisas bonitas e muitos segredos.” [Q9]</p> <p><u>Participante E</u>: “(...) se tivesse oportunidade certamente ligaria-me à fotografia (...)” [Q5]</p> <p><u>Participante G</u>: “(...) Música, porque eu gosto de ouvir música.” [Q9]</p>	
<p>1.6. Vivências artísticas passadas</p>	<p><u>Participante B</u>: “(...)Em criança gostava muito, cigana, é sempre a música cigana(...)” [Q8]</p> <p><u>Participante C</u>: “Foi o desenho e os livros de arte, porque sempre achei interessante o desenho e sempre desenhei. (...)” [Q2]</p> <p><u>Participante C</u>: “(...) A pior coisa que eu fiz, foi parar com o desenho.” [Q7]</p> <p><u>Participante D</u>: “A presença de todos foi engraçado e o lembrar-me de coisas do tempo da escola.” [Q3]</p> <p><u>Participante D</u>: “(...) Houve determinados trabalhos de estalactites que eu fiz e acho bonito” [Q10]</p> <p><u>Participante E</u>: “Porque há uns anos atrás, trabalhei no processo fotográfico e gostei muito.” [Q6]</p>	

	<p><u>Participante G</u>: “Agora não, mas antes ouvia” [Q11]</p>	
	<p><u>Participante C</u>: “Sim, porque fazem puxar pelo desenho. Se eu estiver sozinho não desenho, se estiver com alguém, consigo fazer desenhos.” [Q4]</p> <p><u>Participante D</u>: “(...) Foi um género de escape da vida quotidiana.” [Q6]</p> <p><u>Participante D</u>: “Acho que foi tudo engraçado, como se a gente levasse tudo natural sem pensamentos negativos (...) e a gente pensar um bocadinho e refletir.” [Q7]</p> <p><u>Participante D</u>: “Sim, nessa base, no convívio entre todas as pessoas que vivem no dia-a-dia, praticamente na rua.” [Q8]</p> <p><u>Participante E</u>: “(...) gostei, porque foi uma forma de exprimir o que ia na alma (...) porque é uma forma de fazerem algumas pessoas das ditas excluídas pela sociedade, obterem a atenção na parte de pessoas que no fundo, por breves momentos nos fazem sentir úteis.” [Q1]</p> <p><u>Participante E</u>: “(...) aprendi que com este tipo de atividades, pode ser o tempo necessário para fazer a escolha certa diante de alguns pensamentos que me levam à tentação de fazer coisas que em nada contribuem para qualquer coisa boa.” [Q5]</p> <p><u>Participante G</u>: “Do convívio, as pessoas estavam calmas e não havia confusões. Quando há convívio há tudo.” [Q3]</p> <p><u>Participante G</u>: “(...) porque ajudou a passar o tempo (...)” [Q6]</p>	<p><u>Investigadora</u>: “(...) julgo que os participantes que mostraram uma maior envolvimento relativamente ao desenho, indica que este é um estímulo que causa motivação. (...)” [DB2]</p> <p><u>Investigadora</u>: “(...) a expressão plástica revela aqui ser, um agente de estimulação que provoca motivação e interesse. (...)” [DB3]</p> <p><u>Investigadora</u>: “(...) Isso foi também perceptível na minha primeira intervenção, na qual a expressão artística, fotografia serviu como um agente indutor à comunicação e expressividade. (...)” [DB3]</p> <p><u>Investigadora</u>: “(...) percebi que o vídeo e a música, enquanto ferramenta de intervenção, denotam ser uma causa de motivação e participação relativamente a este participante. (...)” [DB4]</p> <p><u>Investigadora</u>: “(...) Sendo a animação um meio de intervenção em contextos ou situações problemáticas, a música e o vídeo permitem e revelam ser uma estratégia no desenvolvimento da comunicação e expressão. (...)” [DB4]</p> <p><u>Investigadora</u>: “(...) As imagens, nomeadamente a fotografia enquanto linguagem artística interventiva, mostram ser aqui um instrumento gerador de atitudes positivas, sendo isso revelado na atenção e interesse mostrado por este participante. (...)” [DB5]</p>

<p>1.7. Importância das linguagens artísticas em contexto terapêutico</p>	<p><u>Diretora Técnica</u>: “(...) sempre reconhecemos essa importância das linguagens artísticas (...), enquanto motor na inclusão, quer em âmbito de outras atividades, quer em contexto terapêutico (...)” [Q1]</p> <p><u>Diretora Técnica</u>: “(...) Estas linguagens artísticas são importantes, principalmente, quando têm um significado ou um objetivo, e conseguimos trabalhar para além da competência artística uma série de outras competências que estão associadas” [Q2]</p> <p><u>Assistente Social</u>: “(...) as linguagens artísticas acabam por ser, uma forma de trabalho em contexto mais informal (...) e que nós achamos através destas práticas, conseguimos captar mais a atenção deles (...) isto em contexto terapêutico acabou por resultar muito bem. Porque conseguimos (...) captá-los e motivá-los a virem (...) participar nas atividades terapêuticas” [Q1]</p> <p><u>Assistente Social</u>: “(...) Durante aquele tempo em que estavam a fazer os desenhos estavam completamente atentos e pareciam que estavam nas “coisas”. Mesmo o D a ler, a questão dos livros, as imagens, o A a participar, o C concentradíssimo (...)” [Q4]</p> <p><u>Enfermeira</u>: “(...) Pode ser uma forma de expressão, que muitas vezes eles não conseguem logo à partida falar diretamente aquilo que estão a sentir (pausa) a pensar. E (pausa) as linguagens artísticas, podem ser um meio para conseguirmos chegar a eles e eles se exprimirem.” [Q1]</p>	<p><u>Investigadora</u>: “(...) a expressão plástica enquanto estratégia interventiva mostra ser, outra vez, uma impulsão ao envolvimento pleno. (...)” [DB5]</p> <p><u>Investigadora</u>: “(...) No que respeita a este participante, a Arte enquanto ferramenta interventiva, revela ser um meio dinamizador interativo, um estímulo que incentiva à participação. (...)” [DB5]</p> <p><u>Investigadora</u>: “(...) A fotografia enquanto linguagem artística revela ser aqui um impulsor. Um desafio que contribui vigorosamente para o sublimar da: concentração, atenção, expressividade e comunicação, face à pessoa marginalizada e excluída socialmente, em âmbito terapêutico. (...)” [DB5]</p> <p><u>Investigadora</u>: “(...) a imagem, demonstra aqui ser, um instrumento facilitador no que toca à comunicação e linguagem. (...)” [DB5]</p> <p><u>Observações gerais referentes à recolha de dados da investigadora:</u></p> <p>As expressões artísticas:</p> <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> provocam <input type="checkbox"/> causam <input type="checkbox"/> mostram <input type="checkbox"/> permitem <input type="checkbox"/> sublimam:
---	--	---

	<p><u>Enfermeira</u>: “(...) a questão de trabalharmos algumas questões artísticas, ajudam a desbloquear um bocadinho a forma deles se exprimirem, não usando o que é habitual, que é a falar. (...) Podem usar a pintura, o desenho como meio de exprimir aquilo que estão a sentir (...) no desbloqueio emocional, que para alguns funciona como debloqueio (...).” [Q3]</p> <p><u>Diretora Técnica</u>: “(...) As linguagens artísticas são sempre uma mais-valia, são certamente úteis na integração e na inclusão social. (...)” [Q1]</p> <p><u>Diretora Técnica</u>: “(...) As práticas artísticas permitem dar uma outra visão da intervenção, ou seja, salientar o demais positivo que há nestes grupos, que muitas vezes são excluídos e marginalizados. Permite ver o outro lado, potenciar estes fatores ou estas capacidades destes indivíduos e trabalhar outras questões, às vezes muito mais eficaz do que qualquer ação programada (...) [Q2]</p> <p><u>Enfermeira</u>: “As linguagens artísticas, podem ser uma ferramenta útil para ajudar as pessoas a ficarem mais à vontade, mais confiantes naquilo que vão dizendo. (...)” [Q1]</p>	<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> participação <input type="checkbox"/> interesse <input type="checkbox"/> envolvimento <input type="checkbox"/> motivação <input type="checkbox"/> comunicação <input type="checkbox"/> expressividade <input type="checkbox"/> atenção: <input type="checkbox"/> <u>da pessoa marginalizada e excluída socialmente</u>
<p>1.8. Impacto da Investigação</p>	<p><u>Diretora Técnica</u>: “(...) um aspeto muito importante deste trabalho, foi (...) uma parte que nós não tínhamos explorado muito, é a questão dos desenhos e acho que resultou muito bem, e acho que foi o momento alto</p>	

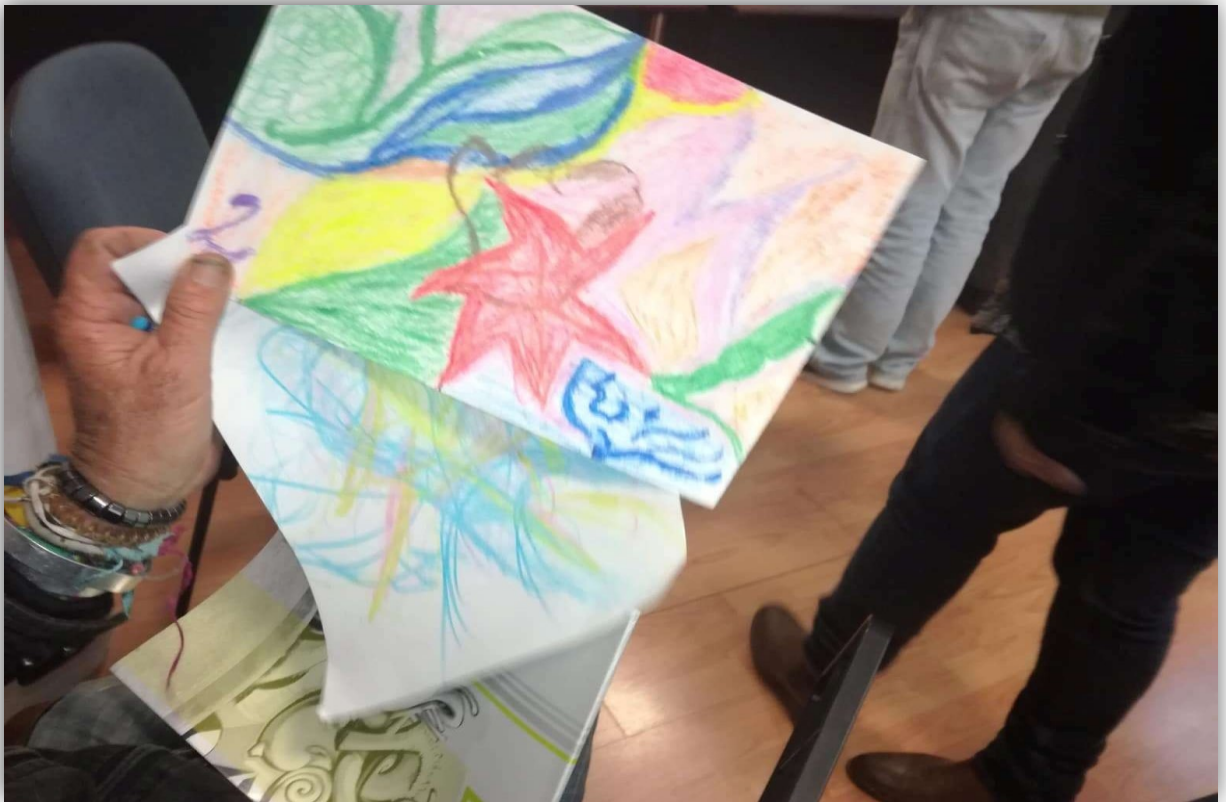
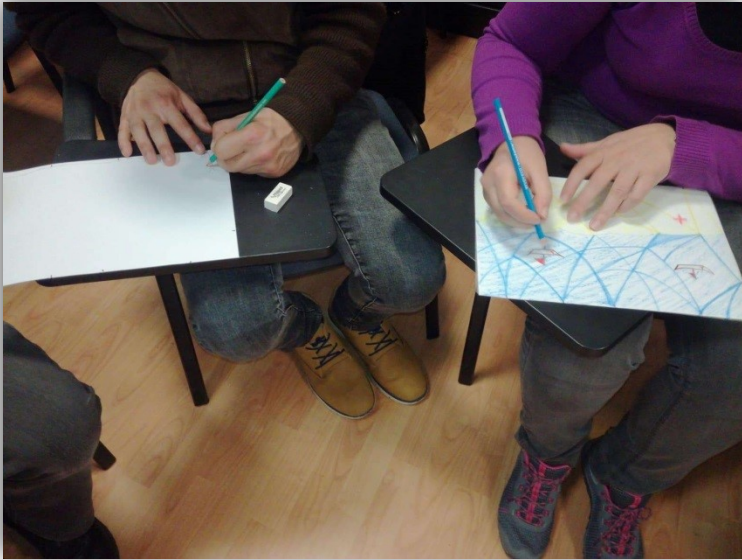
	<p>da intervenção, porque descobrimos aqui gostos e muitos interesses (...) até porque nos parece, que há aqui interesse (...)” [Q3]</p> <p><u>Assistente Social</u>: “(...) acho que dos mais importantes, dos mais enriquecedores da investigação, foi que nós não tínhamos a noção que eles tinham tanto interesse e tanta motivação (...)” [Q4]</p> <p><u>Assistente Social</u>: “(...) com esta investigação, nós de certa forma concluímos que, acaba por ser importante e acaba por ser um aliado e uma ferramenta que podemos utilizar no nosso trabalho. (...)” [Q5]</p>	
--	---	--

ANEXO 44: Evidências (fotos) das sessões interventivas

Segunda sessão:







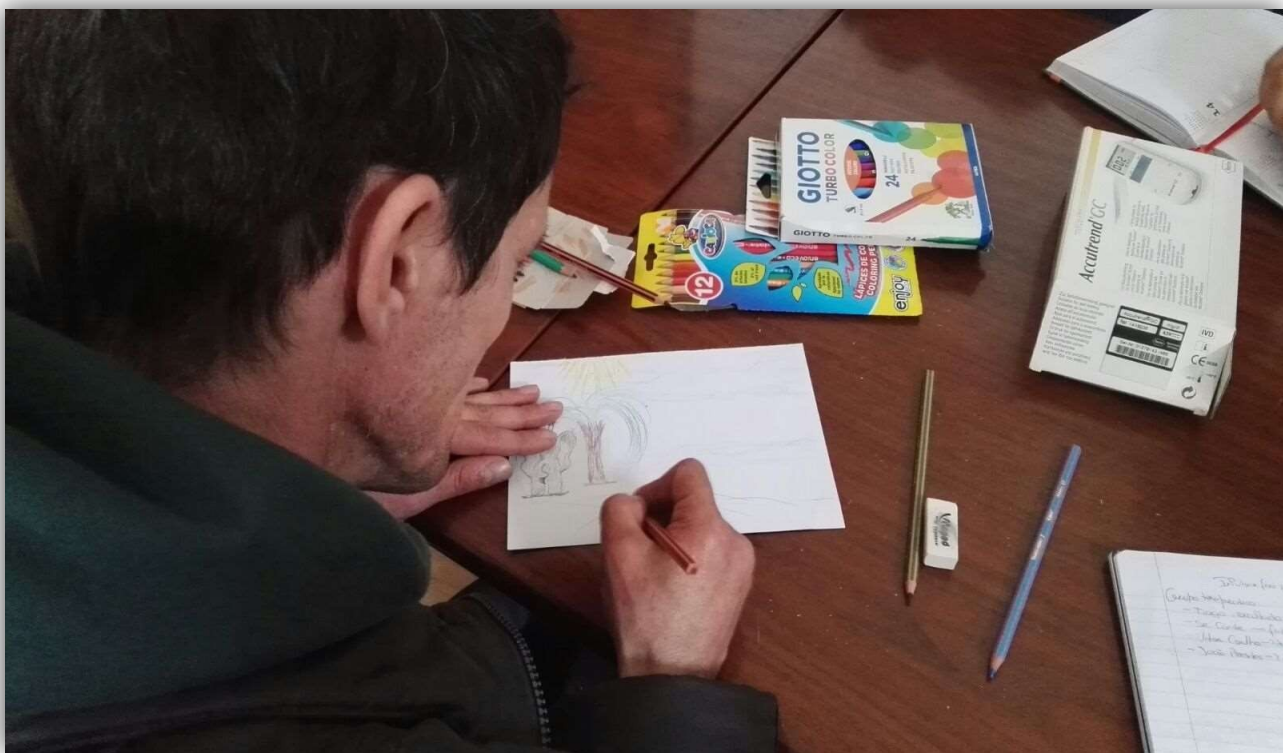
Terceira sessão

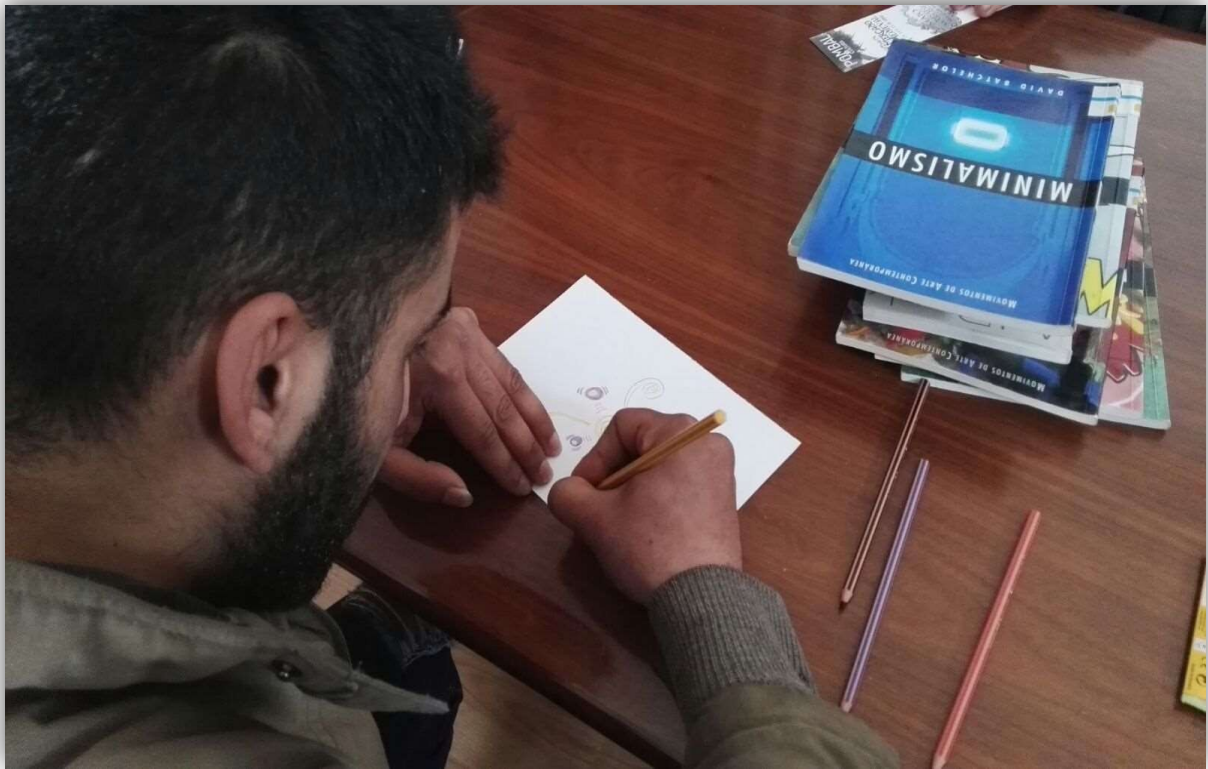






Quinta Sessão



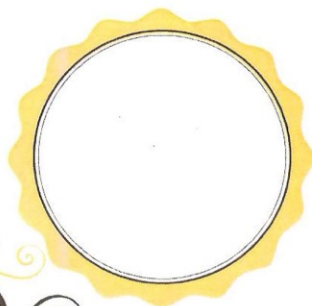






CERTIFICADO DE PARTICIPAÇÃO

Certifica-se que _____, participou, dando um valioso contributo, numa investigação promovida pela ESECS- Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, realizada entre 1 fevereiro 2018 a 12 abril 2018, no âmbito do MESTRADO EM INTERVENÇÃO E ANIMAÇÃO ARTÍSTICAS. Este trabalho foi conduzido pela pesquisadora IDÁLIA BENTO, sob supervisão da Professora Doutora JENNY SOUSA.



Idália Bento

A Investigadora

Jenny Sousa

A Orientadora



IPL

escola superior
de educação
e ciências sociais
instituto politécnico
de leiria